IV Série - Nº 3

MACAU

Junho, 2006 Trimestral

ÓPERA CANTONENSE
POR DETRÁS DA MÁSCARA

XANANA GUSMÃO
Entrevista ao Presidente
de Timor-Leste
O espírito da sobrevivência

NOVA GERAÇÃO
Macau tem os seus encantos
Seis histórias de paixões
à primeira vista

MISSÃO EM HARBIN
Arquitectos lusófonos
ajudam a reinventar a cidade

ANGOLA: 300,00 AON BRASIL: R $8,50 CABO VERDE: 350$00 CVE GUINÉ-BISSAU: 2000,00 XOF MACAU: 30,00 MOP MOÇAMBIQUE: 100.000,00 MZM PORTUGAL: € 3,00
S.TOMÉ e PRÍNCIPE: 30.000,00 STD TIMOR-LESTE: US $3,80 RESTO DO MUNDO: US $3,80

收藏 澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps

澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

電話 Tel : (853) 3968513, 574491
傳真 Fax : (853) 3968603, 336603
電郵 E-mail : philatel@macaupost.gov.mo

澳門郵政 CORREIOS DE MACAU

郵政局 Direcção dos Serviços de Correios *Macao Post*

MACAU
Junho, 2006

Director
Victor Chan Chi Ping
Director Executivo
Louie Wong Lok I
Editor Executivo
Fernando Sales Lopes
Propriedade
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Endereço
Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 332 886 Fax: +(853) 355 426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição
Delta Edições, Lda.
Telefone: +(853) 323 660 Fax: +(853) 323 601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo
Editor
Luís Ortet
Direcção Gráfica
José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação
Colaboradores Permanentes
Ina Chiu, Luis Pereira e Patrícia Lemos
Colaboraram nesta edição
Alfredo Vaz, Amândio Vilanculos (fotografia), Boss AC, Carmo Correia (fotografia), Eduardo Lobão, Fernando Madeira (fotografia), Franck Regourd (fotografia), Gilberto Lopes, Hugo Pinto, John Si (fotografia), José Alberto de Sousa (fotografia), José Carlos Matias, José I. Duarte, José Rocha Dinis, Lina Ferreira, Luís Almoster (fotografia), Luís Andrade de Sá, Mariana Palavra, Paulo Rego e Tereza Sena.
Administração, Redacção e Publicidade
Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edf. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Telefone: +(853) 323 660 Fax: +(853) 323 601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com
Impressão
Tipografia Welfare, Macau
Tiragem
3 500 exemplares
ISSN: 0871-004X

A entrevista que nos concedeu o Presidente de Timor-Leste é um dos pontos de interesse desta edição. Realizada ainda no mês de Março, a conversa com Xanana Gusmão cobre um leque variado de aspectos da sua vida enquanto homem, líder histórico e Chefe de Estado.

Timor-Leste é não só o primeiro país do planeta nascido no século XXI, mas também o elo mais a oriente da vasta cadeia de países de língua portuguesa, que atravessa quatro continentes. É a esses países que a República Popular da China dedica uma política específica, consubstanciada no Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, criado pelo Governo Central em 2003. No contexto desta política realizou-se no passado mês de Abril, em Lisboa, o 2º Encontro Empresarial China-Países de Língua Portuguesa, de que damos conta nesta edição.

Duas outras personalidades ocupam um lugar de destaque neste nº 3 da MACAU: Lei Heong Ioc, o presidente do Instituto Politécnico de Macau, antigo tradutor-intérprete do Grupo de Ligação Conjunto Sino-Português sobre a Questão de Macau e admirador confesso da língua portuguesa; e o historiador Carl Thurman Smith, conhecido nos meios académicos pelo trabalho que desenvolveu sobre Hong Kong, Macau e o Sul da China e que desde há três anos reside na RAEM.

Diversos outros assuntos são abordados nesta edição, desde a ópera cantonense, que é o tema da capa, até notícias da actualidade, além das secções habituais da revista.

Finalmente, para conveniência dos nossos leitores espalhados pelo mundo, publicamos a lista dos locais de venda da revista nos diversos países de língua portuguesa, uma lista que tenderá a aumentar progressivamente, ao mesmo tempo que estamos em condições de anunciar o lançamento, para breve, da página electrónica da MACAU, no endereço www.revistamacau.com.

Luís Ortet

RECTIFICAÇÃO

Por lapso, na página 55 da passada edição de Dezembro de 2005 da Revista MACAU, num artigo relativo ao novo panorama da indústria do jogo e entretenimento da RAEM, alguns nomes dos principais responsáveis da "Venetian" estavam escritos incorrectamente. Repetimos aqui os seus nomes e respectivos cargos: Tom Smock, vice-presidente e consultor jurídico; William Weidner, administrador; Frank McFadden, *chief operating officer*; e Walter Power, responsável pelas Operações de Jogo.

ÍNDICE

CAPA

Há três anos que os Governos de Macau, Hong Kong e Guangdong trabalham na candidatura da ópera cantonense a Património Mundial, uma tentativa que é seguida com expectativa nos meios culturais. Patrícia Lemos e Frank Regourd visitaram os bastidores desse mundo de magia e intensidade.

XANANA GUSMÃO

Uma personalidade carismática preside aos destinos de uma das mais jovens nações do mundo. Em entrevista à revista MACAU, Kay Rala Xanana Gusmão levanta um pouco do véu político por detrás do qual se escondem um pai carinhoso, um camarada de armas solidário e um poeta dos impossíveis.

CHINA-MOÇAMBIQUE

No contexto de um artigo sobre as relações bilaterais, o embaixador da República Popular da China em Moçambique, Hong Hong, fala no interesse de empresas chinesas, incluindo as da RAEM, relativamente à Hidroeléctrica de Cahora Bassa. Esta é apenas uma vertente de uma cooperação bem mais vasta.

Entrevista
Xanana Gusmão:
A luta do guerilheiro-poeta continua, 4
Eduardo Lobão

China-Moçambique
Moçambique: o regresso dos chineses, 14
Luís Andrade de Sá

Jogos da Lusofonia
Festa desportiva e cultural, 20
Alfredo Vaz

Nova Geração
Macau por paixão... e convicção, 26
Mariana Palavra

Perfil
"O meu sonho era poder estudar", 35
Paulo Rego

História
Carl T. Smith: Uma Instituição, 41
Tereza Sena

Zhongshan
À procura da Montanha Perfumada, 46
Lina Ferreira

Projectos
Uma lança em Harbin, 56
Gilberto Lopes

Hainão
Cooperação no Sul da China, 60
Hugo Pinto

Negócios
Parcerias reforçadas, 64
Luis Pereira

China
O plano das prioridades sociais, 68
Luis Pereira

Análise
Crescer mais devagar, 75
José I. Duarte

Ásia
Os caminhos da integração regional, 76
Gilberto Lopes

Ópera Cantonense
Revoluções no palco, 80
Patrícia Lemos

Eventos
Um festim de culturas, 94
Patrícia Lemos

Rumos
Zheng He, o explorador chinês, 104
Luis Pereira

SECÇÕES

- CASAS DE MACAU Pag. 23
- NOTICIÁRIO Pags. 66 e 78
- CARTAZ Pag. 114
- CONVITE PARA ESCREVER, Pag. 123
- RETRATO Pag. 124

Macau 2005 Livro do Ano

MACAU 2005 Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial

MACAU 2005 Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas

As edi es chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divis o de Filatelia (Sede) e esta es dos servi os de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.

A luta do guerrilheiro-poeta continua

Nascido José Alexandre Gusmão em 20 de Junho de 1946, em Laleia, no distrito de Manatuto, a História conhece-o como Kay Rala Xanana Gusmão ou, mais simplesmente, como Xanana. O mundo vê nele o "Nelson Mandela asiático", o homem que soube inverter o rumo dos acontecimentos durante a luta pela independência, guiando a mais jovem nação do século XXI. O combate que agora abraça e que pretende travar noutras trincheiras, para além da Presidência da República, é o do desenvolvimento.

Os poucos tempos livres que tem passa-os com os três filhos, frutos do seu segundo casamento, em Julho de 2000, com a australiana Kirsty Sword-Gusmão. "O acordo que 'firmei' com a mãe é que ela toma conta deles de segunda-feira a sábado e, aos domingos, levo-os à praia e passeio com eles". Quanto a leituras, as que não versam assuntos de Estado ou de natureza política, são reservadas para as viagens que efectua. Contudo, lamenta: "o que tento ler de ficção, nos aviões, fica sempre a meio, pois acabo inevitavelmente a dormir".

No Palácio das Cinzas, nome que identifica o espaço reservado à Presidência da República, no bairro de Caicoli, em Díli, Xanana Gusmão tem a agenda diária totalmente preenchida. Não há delegação ou individualidade que não visite Timor-Leste e não procure ser recebida pelo chefe de Estado, que tenta ainda arranjar tempo para receber todos quantos lhe desejam apresentar uma ou outra queixa, fazer mais um pedido.

"Tempos de lazer? O que é isso"

Quando se lhe pergunta de que forma ocupa os tempos de lazer, Xanana pára, olha o interlocutor e devolve a pergunta: "Tempo de lazer? O que é isso? Gostaria de perceber o que é isso". Quando chega a casa, a cerca de 21 quilómetros da capital, em Laulara, Xanana reconhece que está tão cheio de problemas que procura dar toda a atenção que pode aos filhos: Alexandre (6 anos de idade), Kay Olok (3) e Daniel (1).

Desportista na juventude – ocupou a posição de guarda-redes na Académica de Timor -, Xanana Gusmão lamenta também não ter mais tempo para praticar desporto. Confessa-se benfiquista e acompanha com todo o interesse a época desportiva da equipa em que pontuou, na década de 60 e 70, Eusébio da Silva Ferreira.

Desde 1975 que está no centro dos acontecimentos que dizem respeito a Timor-Leste. Antes, em Abril de 1974, iniciou uma carreira de jornalista, tendo ingressado nos quadros do único jornal então existente no território, a "Voz de Timor". Aderiu à FRETILIN nesse mesmo ano e mais tarde tornou-se vice-secretário do Departamento de Informação do partido. A invasão indonésia apanha-o em Maliana, perto da fronteira, e nos anos seguintes, com a progressiva decapitação da liderança partidária, sendo um dos poucos sobreviventes, Xanana Gusmão chama a si a reorganização da resistência.

Vinte e quatro anos de luta no mato forjaram o carácter de Xanana Gusmão, que aposta agora num novo combate, a batalha pelo desenvolvimento

Capturado em Novembro de 1992, julgado e condenado à pena de prisão perpétua, posteriormente comutada em 20 anos de cadeia, Xanana Gusmão revela-se um homem de excepção. Tendo aparentemente cedido a pressões indonésias, logra inverter o rumo dos acontecimentos e denuncia o carácter genocida da invasão e da ocupação.

Finalmente, a 7 de Setembro de 1999, na sequência de enormes pressões internacionais, Xanana Gusmão sai da prisão. Símbolo da luta pela liberdade, também pinta e escreve poesia, cultivando um talento já reconhecido em 1975, quando os acontecimentos o obrigaram a suspender a carreira jornalística.

Do sonho da independência à reconstrução de um país

A pressão dos acontecimentos em 1975, quando Timor-Leste é ocupado pela Indonésia, obriga os dirigentes timorenses a tomarem decisões rápidas, aprendendo com os erros e apurando decisões. O território, na altura formalmente uma colónia portuguesa, vivia nesse aspecto um anacronismo histórico.

Xanana Gusmão, "empurrado" pelas circunstâncias, passa a liderar a resistência. A dureza da luta de 24 anos contra a ocupação, com os seus avanços e recuos, traições e actos de abnegação do povo timorense, alimentam os sonhos do que seria feito depois da vitória, quando fossem independentes.

"No mato, ter a perspectiva de futuro exigiria termos capacidade de pensar nas coisas. E posso dizer que o que nos alimentava eram os sonhos", acentua Xanana

Gusmão, obrigado, como tantos outros, a superar-se diariamente. Mas para todos os resistentes, quer os que combatiam no interior do país, quer aqueles que defendiam a causa no exterior, o objectivo era o de construir um Estado e garantir uma vida digna aos timorenses.

Xanana Gusmão relembra que Timor-Leste é independente, somente há quatro anos, e que todos os dias são dias de aprendizagem, de reconstrução da memória institucional, de recuperação, com os meios disponíveis, das bases de um Estado de Direito, pesem as fragilidades de uma administração pública carente de quadros e de formação.

O processo de reedificação tem sido seguido bem de perto pela China, que desde 2000 tem vindo a fornecer a Timor-Leste ajuda gratuita diversa, cujo montante total ultrapassa já os dez milhões de dólares americanos. O apoio da China, que integra a missão de paz da Organização das Nações Unidas desde 2000, e mantém representação diplomática em Díli desde 2001, materializa-se em ajudas financeiras e materiais, na construção de infra-estruturas e na formação de quadros.

O futuro em Timor-Leste vai continuar a ser escrito diariamente, agora com o panorama das primeiras eleições, legislativas e presidenciais, organizadas pelos próprios timorenses, em 2007.

“A nossa perspectiva de futuro era sobreviver”

Kay Rala Xanana Gusmão acredita que, em termos de cooperação económica, Macau pode ser um centro com muito interesse para Timor-Leste. “Considero, aliás, que a criação do fórum empresarial entre a China e os países de língua portuguesa constitui um importante instrumento de trabalho para desenvolver as nossas relações”

Foto: José Alberto de

- Quando estava no mato, a dirigir a luta contra a ocupação indonésia, nunca pensou em vir a ser Presidente da República? Como antevia o seu futuro?

- Sabe, no mato, para dizer a verdade, nunca se pensa no futuro, porque se está exposto a qualquer momento a ser abatido. Eu tentei sempre separar-me da questão de ambicionar qualquer coisa. Assumi as responsabilidades por vontade própria, porque a situação o exigia, mas lembro-me que em 1981, quando estávamos a preparar a conferência *(Nacional da FRETILIN - partido hoje no poder -, em que é criado o Conselho Nacional da Resistência Nacional e Xanana Gusmão é escolhido para comandante-em-chefe das FALINTIL - forças armadas da resistência timorense)* os meus colegas distanciaram-se de mim. Não era um distanciamento ditado pela frieza, mas porque consideravam que, passando eu a ser o dirigente máximo da luta, não aceitavam sentar-se ao meu lado. Eu fiquei triste e disse-lhes: "Então?, acabem lá com isso, vamos continuar como até aqui, sem distâncias". Mas essa questão de ser presidente surgiu ainda durante a guerra.

- Em que circunstâncias? O que foi que aconteceu e como geriu essa questão?

- Foi em 1987, depois de infligirmos várias derrotas, eles mudaram de táctica (as forças indonésias iniciaram o movimento de contra-guerrilha, armando antigos guerrilheiros capturados ou que se haviam rendido) e a partir daí sofremos também grandes desaires. Aí, porque tínhamos baixas todos os dias e perdíamos armas, gerou-se um sentimento de muita incerteza na mente dos soldados. Um dia recebo uma companhia e os soldados puseram-me frontalmente a questão: "Nós estamos a morrer e tu estás sempre a dizer que vamos ganhar um dia. Não será que nos estás a forçar a sofrer tanto, e a morrer, para depois vires a ser presidente?" Nessa ocasião jurei a eles, e pelos mortos, que nunca, nunca depois da guerra pretenderia qualquer cargo. Jurei-lhes que depois da guerra, o objectivo que comandava os nossos actos, tudo quanto estávamos a fazer, e que era um objectivo que o povo estava à espera que o ajudássemos a cumprir, nunca ocuparia qualquer cargo. Foi coisa que nunca me passou pela cabeça. Isso é que me fez vacilar muito e hoje sinto ainda o peso de não ter cumprido o juramento. Claro, as pessoas dizem que foi um juramento numa circunstância difícil. Mas foi um juramento com sentido e com sensibilidade. De qualquer forma, hoje e agora, em Março de 2006, quando toda a gente me ouve dizer que não me vou recandidatar e as eleições se aproximam, digo que já tomei a decisão. Já desvirtuei o meu juramento, mas para que seja coerente com os meus princípios, em 2007 não vou. Não vou! Não há mais possibilidade, senão fica sempre uma sensação de culpa, um peso moral e político pela vida fora.

- Antes de 2002, quando a comunidade internacional reconheceu a independência de Timor-Leste, e se encontrava ainda no mato, como é que antecipava o futuro do país?

- Sabe uma coisa? No mato, ter perspectivas de futuro exigiria termos capacidade de pensar nas coisas. E posso dizer que o que nos alimentava eram os sonhos. Sonhos que nos acalentavam e justificavam os sacrifícios. Se isso se pode considerar como perspectiva, a que tínhamos no mato era que depois da independência cada família teria uma casa e condições para viver com mais dignidade.

Ainda hoje, quando me encontro com os veteranos, eles manifestam o pesar de ainda não termos conseguido realizar esses sonhos. Eu digo-lhes que isto leva tempo. Este processo está a ser difícil, em termos de construção física e social do Estado. Mas eu acredito num futuro com condições. E elas serão suficientes para que tenhamos capacidade de ter um programa que possa garantir ao povo, ano após ano, que estamos a dar passos para atingir determinadas metas. Porque dinheiro não nos vai faltar.

– Costuma-se dizer que a paciência é uma característica dos asiáticos...

- E do povo timorense. Mas o nosso povo é também muito exigente. É difícil comparar

os 24 anos de luta com a situação actual. É difícil, porque não se colocam, em termos reais, no mesmo plano. Mas eu acredito que estamos num processo democrático, se a sociedade, sobretudo a juventude, começar também a participar, a ser envolvida no processo. Creio que não será fácil, porque o nosso povo não fica satisfeito só com promessas, mas se lhes comunicarmos um programa realista o povo verá que isso nos levará na direcção certa.

"Macau pode ter muito interesse"

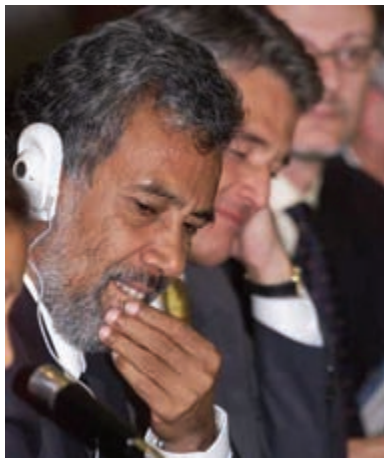
- E no que diz respeito à Ásia no seu todo?

- Tenho participado em vários fóruns em que se debate esse grande tema: a Ásia no futuro. E dentro da Ásia, a China, como potência económica que está a crescer muito e que vai mudar o xadrez das influências económicas. É claro, nós tentamos colocar-nos aqui ainda com muita humildade, na medida em que estamos a começar. Mas temos perspectivas e por isso temos que saber orientar o nosso pensamento no conjunto da ASEAN e, depois, da Ásia. Estamos a trabalhar para entrar na ASEAN e procurando perceber como podemos participar na organização e qual é a mais-valia de Timor-Leste para a ASEAN. Toda a gente fala em ganhar, é a chamada 'win-win solution'. Temos de perceber o que iremos ganhar e o que teremos de dar. Isto na ASEAN.

- Inserindo-se Timor-Leste na área geográfica da Ásia, como vê as relações com a China? E com Macau?

- E depois, num contexto maior, com a Ásia. Há dois anos, na última cimeira da ASEAN, discutiu-se o problema da política da organização em relação aos grandes parceiros: Índia, China e Japão. Debateu-se a questão de saber se os países membros da ASEAN deviam assumir políticas individuais ou uma estratégia colectiva. Uma e outra não favorecem os países menos desenvolvidos. Nesses fóruns comecei a ganhar a ideia de que mesmo com a Organização Mundial do Comércio – que define um padrão muito teórico das relações económicas entre os países –, eles dão sempre realce à cooperação bilateral, que dizem ser inevitável e fundamental para cada país. Aí estão a China e o Japão, embora mais a China, com quem temos de ter boas relações – a Índia fica mais longe. A China tem uma particularidade: Macau está a aparecer como ponto de ligação entre a China e os países de língua portuguesa. Acredito que, em termos de cooperação económica, Macau pode ser um centro com muito interesse para Timor-Leste. Vamos tentar acompanhar até que ponto Macau pode desempenhar esse papel. Eu acredito que pode. Considero, aliás, que a criação do Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa constitui um instrumento de trabalho para desenvolver as nossas relações.

- Macau tem diversificado os investimen-



tos em Timor-Leste. A presença da Companhia de Electricidade de Macau (CEM) e o envolvimento da Fundação Oriente são exemplos dessa acção. Mais recentemente, a visita de Stanley Ho a Díli abriu portas à possibilidade de investimentos. Qual é a abertura de Timor-Leste nessa matéria?

- Com certeza que existe abertura. A vinda de Stanley Ho significa que há já uma vontade de investir. Oxalá se possa, não digo muito em breve, mas que se possa realizar. Nós estamos abertos (ao investimento externo) e estamos também interessados em que os investidores nos digam o que falta ainda fazer. Estamos abertos a ouvir o que temos de melhorar, a ouvir as suas sugestões. Temos que estar abertos para que os investidores venham e continuem a ter contactos com o nosso governo. Fala-se na possibilidade de Stanley Ho investir no sector do turismo e no seu envolvimento numa parceria (para a exploração dos recursos petrolíferos do Mar de Timor) com a GALP (Portugal), a Petrobras (Brasil) e a Petronas (Malásia). Seria fantástico!

"A lusofonia continua a ser importante"

- Timor-Leste, neste canto do mundo, é um espaço de língua portuguesa. Até que ponto esta realidade é importante para o seu país?

- Continua a ser importante. A tese que sempre defendi foi a de que a presença portuguesa permitiu-nos sermos diferentes neste grande arquipélago de 270 milhões de habitantes que é a Indonésia. Nós somos menos de um milhão. Este facto torna-se crucial. É parte da nossa identidade e não nos devemos assustar com a vizinhança, que fala mais esta ou aquela língua, porque se nos assustássemos com a vizinhança o melhor seria falar bahasa indonésio.

- E quanto às relações com o restante espaço lusófono. Como pode este espaço marcar a diferença neste mundo global?

- O problema é um bocado a falta de atrevimento. Atrevimento no bom sentido e em vários aspectos. Se nos deixarmos ultrapassar pela tecnologia dos outros países, devemos ser muito atrevidos, mas sem ser malandros. O atrevimento tem de ser a coragem de, em cada país, em cada bloco, ou organização, saber chegar ao pé do último grito tecnológico, prover o próprio país desse conhecimento e da capacidade do uso dessa tecnologia. Cabo Verde soube explorar as suas potencialidades. Nós, como Angola, temos que saber explorar as nossas potencialidades. Mas se a nossa mentalidade fica muito atrasada em relação às novas tecnologias, ficamos muito atrasados e aí teremos de apostar na educação.

- No caso de Timor-Leste como seria essa aposta na educação?

- É começar a preparar agora um pequeno grupo de profissionais e técnicos

Foto: José Alberto de

"É preciso criar competências. Isto é o que nós não temos e precisamos de ter", afirma Xanana Gusmão, preocupado com a gestão de recursos do país e receoso pela preservação da identidade do povo timorense

para, daqui a 10 ou 20 anos, poderem saber acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Teremos dinheiro (com as receitas do petróleo), mas é preciso aprender como o vamos utilizar. E a dependência continua. Temos que investir na inteligência humana, seleccionar essa juventude e dizer-lhe "vai para engenharia", "vai para não sei quê", porque a próxima etapa, dentro de 10 a 20 anos, vai ser uma etapa crucial para Timor-Leste. É preciso criar competências. Isto é o que nós não temos e precisamos de ter.

- Timor-Leste situa-se entre dois vizinhos poderosos, a Indonésia e a Austrália. Como é garantido o equilíbrio nesse relacionamento? É difícil?

- Não é fácil. Há o equilíbrio político, e neste aspecto, temos sido bem sucedidos. Se formos a falar em termos económicos não há equilíbrio. Há só escolhas. Mas no futuro, em termos de identidade, temos questões básicas, mesmo muito básicas, que teremos de resolver. Nós somos um povo pequeno, mas com muitos dialectos e também expressões culturais diferentes de etnia para etnia. Estamos a notar que o turismo pode ser fantástico quanto a receitas, mas se formos a pensar noutros mercados não podemos, por exemplo, competir com Bali. E não podemos competir com a Austrália, nem com as condições que Singapura ou Jacarta apresentam.

- O que é que pode ser feito nessa área?

- Podemos oferecer uma outra forma de turismo, em que as pessoas venham e não vejam um Timor-Leste demasiadamente homogéneo, mas com uma certa diversidade cultural. Este é o risco de sermos esmagados pelas duas culturas (indonésia e australiana). Em qualquer cerimónia os jovens apresentam uma dança. Veja a dança que os jovens apresentaram na Escola Portuguesa de Díli quando da visita do (então) Presidente da República Jorge Sampaio, e que chamaram de 'dança do milhafre'. Eu conheço a dança do milhafre e não era aquilo. Tentam interpretar qualquer coisa e chamam a isso semi-tradicional. Já vi noutros sítios e pergunto: "Que correria é que vocês estão a fazer?"

Xanana Gusmão acredita que o turismo ambientalista e ecológico será uma das maiores fontes de divisas

Foto: Lusa

Respondem que é semi-tradicional, mas não é culpa dos jovens.

Tenho um projecto nessa área – mas como todos os projectos precisa de ser apoiado financeiramente – que é o de irmos às bases, ao povo, e perguntar-lhes como é que se dança isto, como é que é isto e aquilo... Penso que deve haver uma comissão que faça essa recolha e a preserve, para a colocar num estilo muito mais apresentável e autêntico. Isto é que pode manter o equilíbrio. Senão, se nós perdermos isto, a juventude pode cair no risco de ser absorvida pelas culturas dos nossos dois vizinhos. Dou-lhe um exemplo: as nossas músicas têm duas melodias, uma de coros de igreja e outra de música indonésia. Aí o equilíbrio, enquanto questão de identidade, já não é equilíbrio. Há é um desequilíbrio de assimilação. Isto pode ser um perigo.

- E quais são as outras alternativas? Será que o futuro vai remeter Timor-Leste para o papel de fornecedor de serviços?

- Não. O turismo vai ser uma das maiores fontes de divisas. Mas temos que trabalhar num turismo diferente. Não sonhemos em apresentar um turismo de cinco estrelas, porque já há em todo o lado, nem do género de Bali, porque já existe e está no sangue dos balineses. Não dá.

Nós podemos oferecer um turismo diferente, do género ambientalista e ecológico. Temos condições para apresentar coisas que possam atrair. Por exemplo: na cultura timorense os anos contam-se pela época das chuvas. É quando começa o novo ano, conhecido como ano da produção. Então, com as chuvas inicia-se um novo ano e com as festas que podem ser feitas, os turistas dirão: "Isto não é como em Bali, é diferente".

** Agência Lusa*

*Luís Andrade de Sá**

A China aumenta a sua presença económica em Moçambique e os empresários de Macau espreitam as oportunidades que se abrem no rico vale do Zambeze

Moçambique: O regresso dos chineses

Quase de um dia para o outro, a China tornou-se no sexto investidor estrangeiro em Moçambique, com números que, distantes ainda dos alcançados pelos sul-africanos, prometem uma contínua e rápida subida na escada dos principais parceiros económicos daquele país africano de língua portuguesa.

Há dois anos apenas, a China era o 26º investidor em Moçambique, na altura com verbas na ordem dos 300 mil dólares americanos; mas, em 2005, os 5,75 milhões de d'olares americanos que injectou no país só foram ultrapassados por capitais e projectos oriundos da África do Sul, Reino Unido, Zimbabué, Portugal e Maurícias. Em 2005 as trocas comerciais entre os dois países totalizaram 125 milhões de euros, dobrando os valores de um comércio que assentou, sobretudo, nos sectores do têxtil, do calçado e dos electrodomésticos. Como resultado dessa relação económica cada vez mais forte, a população chinesa aumentou igualmente no último ano, e também por números expressivos – mais de 50 por cento, fixando-se agora em cerca de 1500 pessoas.

Já houve um tempo em que em Moçam-

bique residiam quase 20 mil chineses, muitos deles representado a terceira e quarta gerações fixadas na então colónia portuguesa. Mas o êxodo que se seguiu ao conturbado período da descolonização e da independência, entre 1974-75, reduziu a comunidade a poucas dezenas de pessoas. O cenário está agora a mudar, com uma nova imigração chinesa, sobretudo ligada aos negócios, que vai surgindo pelas onze províncias moçambicanas.

"Está-se muito bem aqui", diz num português bastante bom Mei Kai, oriunda de Fukien, a viver em Maputo desde 2003. "A vida é calma e as pessoas muito simpáticas", acrescenta esta empregada de um supermercado chinês.

Como acontece um pouco por todo o Mundo, também em Moçambique a China está na moda e a sua presença, para já, parece não suscitar os receios de "concorrência perigosa" com as indústrias e comércios locais.

Em Moçambique, pelo contrário, a China "é muito bem vinda", como assegurou recentemente o presidente Armando Emílio Guebuza, que respondeu a receios da forte presença asiática no continente

A língua chinesa poderá ser introduzida no currículo das escolas moçambicanas até ao final de 2005

africano com o exemplo do seu próprio país. Guebuza destacou o papel da China no combate à pobreza absoluta, que afecta mais de metade dos 19 milhões de moçambicanos, e considerou que as relações bilaterais têm sido benéficas para os dois países.

Nos últimos anos, quase todos os meses tem havido visitas recíprocas de delegações dos dois países, tanto a nível de governo como de empresários, e a atracção pela China levou ao anúncio feito pelo ministro da Educação, no final de 2005, de que o mandarim poderá ser introduzido no currículo das escolas moçambicanas.

"A China e a sua língua estão a ganhar uma crescente importância e nós não nos podemos alhear disso", disse o ministro Aires Aly.

Macau aproveita oportunidades

E enquanto a China aumenta a sua visibilidade nos sectores da construção e obras públicas, madeiras e têxteis, a sua Região Administrativa Especial de Macau reforça igualmente o peso em Moçambique.

Em 2004, Stanley Ho fez saber que está interessado na Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB), após o Estado português ter aceite transferir a maioria do capital que detém para a parte moçambicana. Enquanto aguarda pelo desenrolar do "dossier" HCB, o milionário dos casinos já se posicionou no vale do Zambeze, através da *Geocapital Holdings*, um empresa de que é um dos principais accionistas, com o português Ferro Ribeiro, e que pretende ser o pivô no aproveitamento dos recursos naturais, nos domínios da energia hidroeléctrica e térmica, do carvão, gás, da agro-indústria, do transporte ferroviário, portos, minerais ferrosos e não ferrosos, imobiliário e turismo.

Já este ano, a *Geocapital* anunciou o seu envolvimento numa outra empresa, Mozacorp, para actuar nos sectores da mineração, imobiliário, produção de algodão e pecuária, igualmente no vale do Zambeze, a região mais rica de Moçambique e onde se

situam a HCB e importantes minas de carvão exploradas pelos brasileiros da Companhia Vale do Rio Doce.
A China contemporânea, designadamente a República Popular da China, está envolvida com Moçambique desde o início da década de 1960, quando apoiou a FRELIMO na luta que o movimento desencadeou contra a administração colonial portuguesa e que conduziu à independência em 25 de Junho de 1975. Mais recentemente, o Governo chinês construiu e ofereceu a Moçambique os edifícios-sede do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Assembleia da República, bem como o único palco de congressos existente em todo o país, o Centro de Convenções Joaquim Chissano, na capital moçambicana. Mas a presença chinesa nesta parte da costa oriental africana tem raízes bem mais profundas.

Relações seculares

Em 1421, quase 80 anos antes dos portugueses, uma esquadra chinesa fundeou nas águas de Sofala, como era então designado o actual território de Moçambique, no âmbito do que poderão ter sido fantásticas expedições da China por várias partes do Mundo.
A teoria de que as expedições lideradas pelo almirante Zheng He poderão ter dobrado o Cabo da Boa Esperança, em direcção a Cabo Verde e aos Açores, à América do Norte e à Patagónia, entre muitos outros destinos, ainda continua por provar. Mas diversos relatos, como as crónicas de Ma Huan e de Fei Xin, que participaram em viagens pela costa africana ainda antes de 1421, bem como testemunhos de viajantes sobre a "magnífica" porcelana chinesa, ao longo do Índico africano, parecem atestar o pioneirismo das viagens marítimas chinesas ao longo da costa do actual Moçambique.
Ainda hoje, em recônditas ilhas do Norte ou nas movimentadas artérias das grandes cidades de Maputo e da Beira, na enorme mistura da moçambicanidade, o sangue chinês é bem visível em traços de muitas pessoas com quem nos cruzamos. Parte desse sangue perdura das viagens marítimas e do comércio que chegou do Oriente; outra, mais recente, resulta da grande migração chinesa para Moçambique, iniciada em 1858, com a chegada de 30 trabalhadores a Lourenço Marques. Memórias já desaparecidas dessa presença são a Rua da China e a Associação de Beneficência A Oriental, ambas na cidade da Beira. Agora, os novos imigrantes trazem com eles os símbolos da China dos dias de hoje: centros comerciais e produtos de baixo preço.

**Agência Lusa*

Pela aliança dos países em desenvolvimento

É um exemplo típico do embaixador chinês lusófono: aprendeu português em Macau e serviu em todos os países africanos de expressão portuguesa, bem como em Portugal e no Brasil. Aos 60 anos de idade, Hong Hong, natural de Nanquim, diz que adora viver em Moçambique.

Foto: Amândio Vilanculos

Hong Hong, embaixador da RPC em Moçambique

"O governo moçambicano, os partidos de oposição e diversas organizações não governamentais mostraram a vontade de cooperar com a China. Eu vejo que aqui o povo aplica-se muito, tem muita vontade de trabalhar. Às vezes, ainda estou na cama mas começo a ouvir as pessoas a passarem, ainda muito cedo, de noite, a caminho do trabalho. Mesmo ao sol, mesmo com a chuva, eles trabalham. Há pessoas que dizem: 'Ah, os africanos não gostam de trabalhar, por isso eles sofrem tanto'. Mas é mentira. Os moçambicanos trabalham".

Expressando-se num português desenvolto, que aprendeu numa escola chinesa de Macau, na década de sessenta, Hong Hong lembra que o clima moçambicano permite "tirar tudo das machambas" (hortas), como a que foi cultivada no recinto da embaixada. E junta a componente política ao seu fascínio por Moçambique. "Quando era jovem e ainda estudava, já sabia que os africanos queriam a independência. Agora eu trabalho em Moçambique independente e até conheço alguns veteranos da luta de libertação".

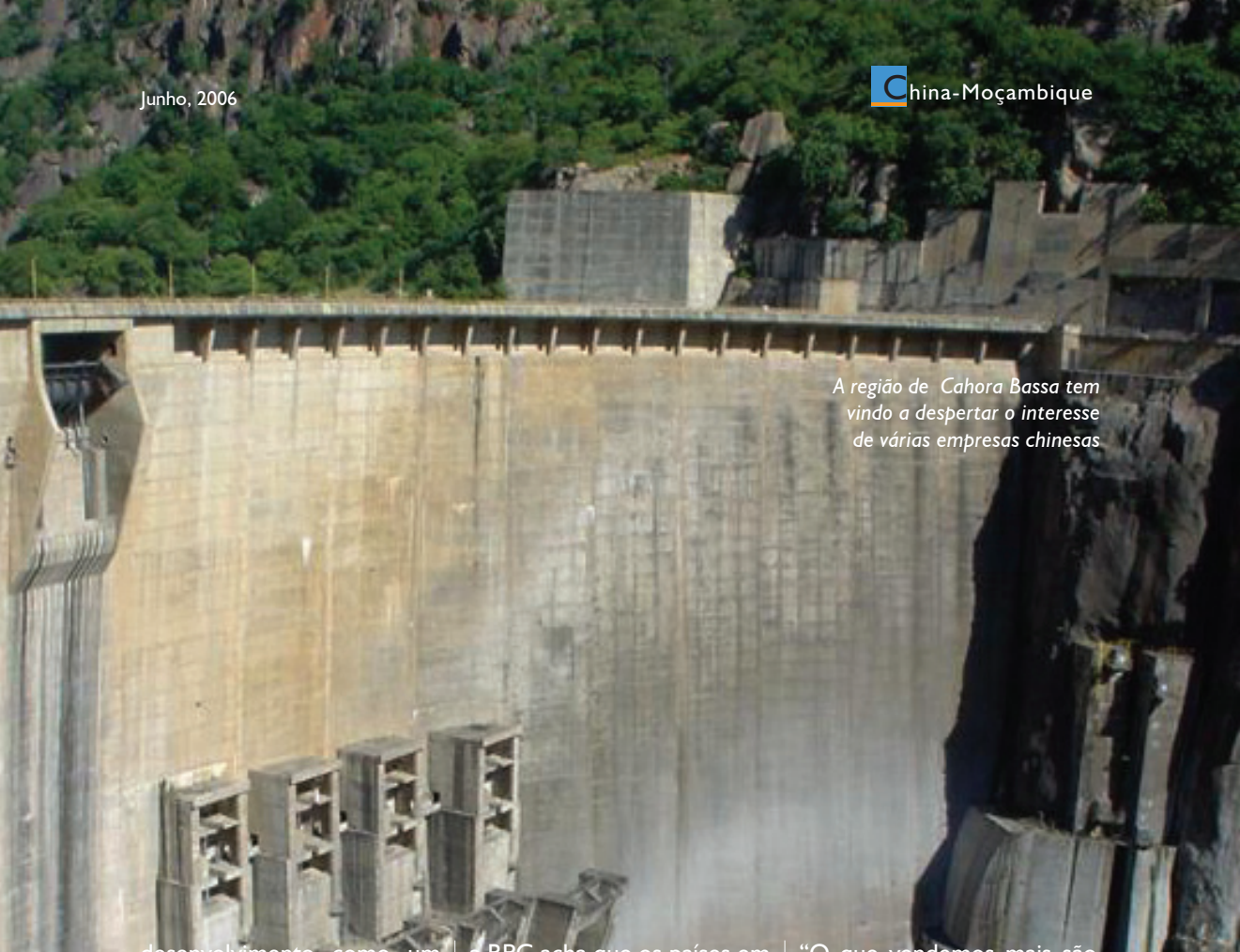
A Macau não voltou, depois de ter saído em 1967, mas no enorme edifício da avenida Julius Nyerere, onde funciona a embaixada chinesa em Maputo, Hong Hong acostumou-se a receber delegações da RAEM que, com cada vez mais frequência, ali se deslocam. Com a devolução por Portugal da Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) a Moçambique aumentou também a visibilidade dos empresários macaenses na capital moçambicana.

"Há um interesse público de empresas de Macau em Cahora Bassa. Outras empresas chinesas mostraram interesse na cooperação noutras paragens, perto de Cahora Bassa. O governo de Moçambique contactou a China sobre a possível cooperação em Cahora Bassa. Isso é verdade", confirma o embaixador, acrescentando que em Pequim o governo "está a estudar" a situação.

"Mas quem tem mais iniciativas por parte da China são essas entidades de Macau (*Geocapital*, de Stanley Ho e Ferro Ribeiro) que falaram publicamente e há mais tempo no interesse por Cahora Bassa", ressalvou.

Amizade estratégica

Numa época em que, como afirma, "desenvolveu-se muito a amizade e cooperação entre a China e Moçambique", o embaixador Hong Hong fala na aliança entre os países em



A região de Cahora Bassa tem vindo a despertar o interesse de várias empresas chinesas

desenvolvimento como um conceito estratégico para dar continuidade às "excelentes relações políticas".

"A nossa política externa é pela independência e pela paz, mas para que isso aconteça é preciso uma aliança. Então quem é a nossa aliança? São países em desenvolvimento. Nós temos semelhantes passados e semelhantes desafios actuais. E, com certeza, semelhantes dificuldades e estados de desenvolvimento. Por isso temos que nos unir para consolidar a nossa soberania e desenvolvimento".

"Como se pôde ver na cimeira da Organização Mundial do Comércio, em Hong Kong, os países em desenvolvimento e os países desenvolvidos quase se dividiram em dois grupos. De uma maneira geral, a RPC acha que os países em desenvolvimento enfrentam uma situação quase igual. Por isso, surgiram estes fóruns, como o da China com os países lusófonos através de Macau, explicou.

No comércio entre os dois países o diplomata destacou as importações por parte da China de sementes de sésamo e madeira para mobiliário, bem como de caju moçambicano, embora este seja comprado através da Índia. Em sentido contrário, a China vende a Moçambique electrodomésticos, têxteis e, mais recentemente, envolve-se a fundo na construção civil, na sequência de um programa de reabilitação de estradas e de infra-estruturas, apoiado por parceiros internacionais, como a União Europeia

"O que vendemos mais são electrodomésticos e têxteis. Existem também algumas empresas de construção civil. Em Moçambique vivem menos de mil chineses e a maior parte está em Maputo. Na Zambézia, por exemplo, não há ninguém.

"Pelo volume de negócios, Moçambique não é ainda muito importante para a China. Mas na questão estratégica das alianças, aí sim. Por isso, no início de 2005, a China concedeu tarifas especiais para a importação de certos produtos moçambicanos. Eu acho que, com o desenvolvimento da economia de Moçambique, a importância deste país vai aumentar imenso", vaticina Hong Hong.

L.A.S.

Festa desportiva e cultural

Quando os mais de mil atletas e membros das delegações dos países participantes nos 1os Jogos da Lusofonia chegarem a Macau em Outubro próximo terão à sua espera muito mais do que uma competição desportiva

O que se pretende é que os visitantes - em vez de um choque cultural - encontrem uma plêiade de culturas; que as *performances* - os resultados, recordes e medalhas – sejam mais influenciados pelas excelentes e modernas instalações desportivas onde vão decorrer as provas (elogiadas pelos campeões olímpicos chineses, que já as utilizaram) do que pelos condicionalismos da diferença horária e do *jet lag*.

Que encontrem uma moamba, uma cachupa, uma feijoada, se já estiverem satisfeitos com o chau min (a massa frita) ou o van tan (as massas em vapor) e com saudades da comida caseira. E o prazer de descobrir e ser descoberto por gente de um sítio tão longínquo, exótico e diferente, que a esmagadora maioria nunca visitou. Por isso os Jogos serão também uma experiência de vida.

A RAEM será durante dez dias a capital desportiva do mundo de língua portuguesa. A Associação dos Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP) – entidade organizadora dos Jogos - foi fundada a 8 de Junho de 2004, em Lisboa, com o objectivo de integrar os países e regiões de língua portuguesa a partir do desporto, sendo já reconhecida pelo Comité Olímpico Internacional. São fundadores da ACOLOP: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau (China), Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e a Guiné Equatorial, na qualidade de membro associado. Mais recentemente a assembleia-geral da ACOLOP integrou os comités olímpicos nacionais da Índia e do Sri Lanka como membros associados. A criação desta entidade deu corpo a um sonho antigo da comunidade de língua portuguesa e é considerado um passo em frente na consolidação de uma importante comunidade mundial.

Sendo a prática desportiva "uma das formas mais expeditas de promover a comunhão entre povos e de estreitar laços de amizade e fraternidade", como se pode ler nos estatutos da associação, um passo seguinte e natural seria a promoção e organização de uns jogos entre os países e regiões membros que viessem dar corpo e substância à ACOLOP. Assim,

"ao conceber e lançar os Jogos da Lusofonia, a ACOLOP pretendeu não só contribuir para o reforço e desenvolvimento da prática desportiva nos países e regiões que a integram mas também promover a multiplicidade cultural que é produzida, expressa e vivida em português", ainda segundo o mesmo documento.

A comunidade local de língua portuguesa está a preparar uma série de iniciativas para receber os seus conterrâneos. Membro destacado dessa comunidade, o médico cabo-verdiano Humberto Évora considera que os estudantes lusófonos a residir na RAEM "constituem os verdadeiros embaixadores locais dos seus países". Na sua opinião, "pode quase dizer-se que há - chamemos-lhe não uma federação, mas

Foto: Lusa

uma associação de associações lusófonas - que apesar de diferentes têm também afinidades e pontos em comum". Aliás, "há eventos - desportivos e culturais - que organizamos em conjunto."

Para Humberto Évora, a realização dos Jogos da Lusofonia vem ao encontro da política global e é consentânea com a ponte que o Governo Central quer que Macau seja para o relacionamento com os países de expressão lusófona, e como tal é positivo e tem razão de ser.

O advogado Alexandre Correia da Silva, presidente da Associação Angola-Macau, é da opinião de que a realização dos Jogos surge em complementaridade com outras iniciativas já em curso, nomeadamente no campo das relações económicas e no das iniciativas culturais. Além disso, diz Correia da Silva, a comunidade dos angolanos e amigos de Angola em Macau aguarda com grande expectativa a realização dos Jogos e a participação da delegação angolana. Acredita que Angola conseguirá alcançará bons resultados e que irá não só ganhar medalhas mas também "vai ganhar nas bancadas", apelando assim à participação activa do público na assistência às provas desportivas.

Ainda segundo Correia da Silva, estão previstas diversas iniciativas por ocasião dos Jogos, mas de momento ainda é cedo para as anunciar.

O jornalista Miguel Brandão, da Associação dos Amigos de Moçambique, grupo criado na segunda metade dos anos 80, e reactivado muito recentemente, coincidindo com o anúncio dos Jogos da Lusofonia, diz que a iniciativa é importante: "Até agora temos investido mais nos aspectos culturais, trazendo este ou aquele pintor ou escritor. Mas neste caso estamos a falar de um evento a uma outra escala, de grande dimensão, e cá estaremos para contribuir para que a nossa delegação se sinta em casa."

O guineense Carlos Wilson, funcionário consular, acabado de regressar de umas férias à terra natal, notou que os Jogos da Lusofonia já fazem parte das conversas nos círculos desportivos. A Associação dos Naturais da Guiné está a preparar a recepção à sua delegação, e diz que a iniciativa é "de grande valor" e que ultrapassa em muito o campo desportivo: "Nos dois últimos anos não se fala de outra coisa que não seja da cooperação entre os paises lusófonos e a RPC, tendo Macau como ponte. Mas não são apenas as questões económicas que comandam a vida, neste momento podem ter mais ênfase, mas há também a língua e a cultura. E agora o desporto como veículo de ligação entre povos. Acho que é uma grande iniciativa."

Empresários macaenses da Califórnia celebraram 6º aniversário da RAEM

A Associação dos Empresários Macaenses da Califórnia comemorou, no passado mês de Março, na cidade de Oakland, o 6º aniversário da RAEM com um sumptuoso banquete de ementa chinesa seguido de baile. Associaram-se a este evento, viabilizado pelo Conselho das Comunidades Macaenses, as três Casas de Macau em solo americano, reunindo mais de uma centena de elementos da diáspora macaense radicada nos Estados Unidos. Marcaram presença no convívio António Jorge da Silva, presidente do Centro Cultural de Macau – entidade que se propõe aglutinar as instituições de cariz macaense na América -, Rita Lopes, do Chinese Chamber of Commerce of S.Francisco, Ângela Pereira, da Portuguese Trade and Tourism Commission, Eduardo Collaço, do Portugal and Macau Institute of America, e Larry Cerqueira, do Portuguese Museum. As Casas de Macau estiveram representadas neste encontro por Alex Xavier, presidente da União dos Macaenses na América (UMA), Maria Roliz, presidente do Lusitano Club of California e Albertino da Rosa, vice-presidente da Casa de Macau (USA). Os anfitriões do banquete, Nuno da Cruz e Henrique Manhão, presidente e vice-presidente da AEMC respectivamente, congratularam o sucesso da Região Administrativa Especial de Macau, num brinde em honra do Chefe do Executivo, Edmund Ho.

Lusitano Club of California cativa as novas gerações

O Lusitano Club of California organizou um convívio especialmente dedicado aos jovens descendentes da comunidade macaense como forma de reforçar os laços que ligam as diferentes gerações da diáspora. Sob o pretexto de uma tarde a jogar bowling, um dos passatempos favoritos da juventude macaense nos Estados Unidos, a iniciativa permitiu aos jovens fomentar novas amizades e reforçar as já existentes. "A adesão de sangue novo é fundamental para a sobrevivência das Casas de Macau e muito importante para a gerações vindouras porque, no contexto da sua realidade americana, os jovens tendem a perder algumas referências culturais de origem, o que seria lastimável" afirma Maria Roliz, presidente do Lusitano Club of California. A responsável acalenta grandes expectativas no Centro Cultural de Macau, cuja inauguração está prevista para Setembro do corrente ano. O projecto conjunto das três Casas de Macau na Califórnia pretende afirmar-se como ponto de encontro cultural e recreativo da diáspora, onde as novas gerações se possam familiarizar com as várias facetas do património cultural macaense, desde a história e a língua até à afamada gastronomia.

Reeleita Direcção da Casa de São Paulo

Em resultado de um dos mais participados e concorridos actos eleitorais da história da instituição, a Direcção reeleita da Casa de Macau em São Paulo tomou posse para cumprir um novo mandato de dois anos, a terminar no dia 31 de Março de 2008. Assumiu a presidência da direcção Júlio Augusto Airosa Branco, coadjuvado por Maria Edite Guerreira Sales Ritchie, vice-presidente, Rogério dos Passos Dias da Luz, secretário geral, Alice Fátima Noronha Airosa Álvaro, directora social, e António Vaz Placé, director financeiro. Assinaram ainda o termo de posse, os novos conselheiros consultivos (Herculano Alexandre Airosa, João Bosco Quevedo da Silva e Armando Jesus Sales Ritchie) e fiscais (Maria Inês Anastácio da Luz, Roque Rui Roque Branco e Aníbal Cardoso Joaquim). As eleições registaram dados históricos para a Casa de Macau de São Paulo, como a maior participação facultativa do eleitorado jamais verificada e a primeira disputa à Direcção encetada por duas listas constituídas por candidatos naturais de Macau. O destaque do sufrágio foi contudo a eleição da brasileira Maria Inês Anastácio da Luz, que se tornou a conselheira mais votada em todos os actos eleitorais realizados até a data.

A Direcção reeleita deu já "luz verde" à continuação em funções da Comissão da Nova Geração, criada na gestão anterior, que realizou uma primeira reunião para discutir o plano de actividades. Mantém-se a confiança em novas adesões das camadas mais jovens a fim de reforçar a presença da nova geração na vida da Casa de Macau, objectivando a sua continuidade e preservação.

Foi também reencaminhada a nomeação para a Comissão da Terceira Idade, tendo como principal responsável Maria (Mariazinha) Lopes Carvalho, dando continuidade à organização das muito participadas actividades de convívio entre os anciãos associados. O último convívio

reuniu perto de meia centena de associados num restaurante típico chinês, no bairro de Liberdade, enquanto o que lhe antecedeu teve lugar nas instalações da Casa de Macau.

Páscoa reúne comunidade em Chá Gordo

Decorreu no passado dia 8 de Abril o Chá Gordo da Páscoa que constitui desde há largas dezenas de anos uma das diversas iniciativas anuais de convívio que a Casa de Macau de Portugal tem vindo a proporcionar aos seus sócios, permitindo-lhes recordar e partilhar horas de enorme alegria, lembranças e satisfação. Este ano o convívio contou com a participação de cerca de 100 associados, destacando-se entre estes membros de famílias bem conhecidas da comunidade macaense radicada em Portugal, com os Ângelo, Anok, Basto, Espadinha, Francisco, Luz, Nogueira, Osório, Rego, Rosário, Senna Fernandes, Robarts, Xavier, entre muitas outras. Marcou ainda presença a Senhora D. Julieta Nobre de Carvalho, viúva do antigo governador de Macau que deu o nome à primeira ponte entre Macau e a Ilha da Taipa. As muito apreciadas iguarias da gastronomia macaense, obrigatórias nestas ocasiões, estiveram a cargo da equipa António Silva e Fernando Conceição.

A quadra festiva, referência obrigatória um pouco por toda a diáspora macaense, seria igualmente motivo de convívio em São Paulo. Depois de renovadas as bênçãos às instalações da sede daquela Casa de Macau pelo Pe. Donizetti, a festa prolongou-se por toda a tarde, ao ritmo do célebre conjunto musical macaense *"The Thunders"*.

Armando Santos lança CD em patuá

Foi finalmente lançado o CD do Armando Santos, músico e compositor macaense actualmente a residir em Toronto, Canadá. O álbum conta com 12 pistas, sete das quais em patuá, antigo dialecto crioulo de Macau, e as restantes em português. Quem já ouviu o CD, que está a ser distribuído para todas as Casas de Macau espalhadas pelo mundo, confessa que se emocionou com as memórias que as letras e a melodia evocam. O álbum foi patrocinado pelo seu conterrâneo Alex Airosa, membro dos corpos dirigentes da Casa de Macau de São Paulo e elemento incontornável dos *"The Thunders"* – um dos mais célebres agrupamentos musicais macaenses, que teve a juventude de Hong Kong aos seus pés na década de 60 do século passado. O primeiro tema, "Comizaina", em patuá, fala das comezainas e comidas de Macau citando harmoniosamente os das iguarias tão bem conhecidas e apreciadas pela comunidade macaense. Segue-se no alinhamento "Chapâ Cheirâ Chipí Chuchú" que evoca as "curiosidades dos maquistas", "Casa di Macau", em homenagem às Casa de Macau e "Lembrando Macau", escrita a pensar naqueles, como o autor, que deixaram a sua terra. Hoje bancário de profissão, Armando Santos rendeu-se aos 18 anos aos encantos musicais, tendo actuado nos mais variados palcos de Macau, desde o Clube de Macau e o Teatro Diocesano, enquanto membro dos *"Zenith"*, Hotel Sintra, com os *"New Flipsiders"*, Hotel Estoril, com "Os Macaenses" e Hotel Lisboa, com o "Conjunto Portas do Sol", entre outros.

Mariana Palavra (texto) e Fernando Madeira (fotos)

São jovens e vivem em Macau, nem porque não, nem porque sim, apenas por convicção. Porque aqui têm raízes; porque aqui encontraram o sabor a Oriente; porque aqui têm boas perspectivas profissionais; porque aqui são espectadores privilegiados de um desenvolvimento galopante; porque, porque ... Histórias soltas que se cruzam aqui e ali e que, de alguma forma, se deixaram seduzir pela velha e/ou pela nova Macau

por paixão... e convicção

Quando olha para o final de 2002, Elsa Rodrigues sorri: "Resumindo e concluindo, numa frase cliché e banal: amor e uma cabana". Foram estas as razões que a levaram, em Novembro desse ano, a desembarcar no Porto Exterior. Trazia ainda o sabor das férias por cá passadas no mês anterior. "Foi uma sensação de deslumbramento, encontrei um local exótico, diferente. Toda uma cultura que nunca antes me tinha aliciado e, de repente, revelou-se brilhante aos meus olhos", relembra a jurista dos Serviços de Finanças. Mas, quando regressou no mês seguinte, em Novembro, sem viagem de regresso marcada, Elsa não encontrou o tal exotismo. Passou por um período de adaptação e dúvidas.

Três anos passados, Elsa vê Macau com outros olhos e, para já, está decidida a ficar, por convicção. Na lista das motivações há um dado novo: "Agora a perspectiva profissional, finalmente, também me alicia aqui. Na área jurídica, tenho possibilidades que não teria noutro sítio. Isso atrai-me bastante e faz-me ficar aqui", explica.

Lam Chi Seng nunca pensou em sair definitivamente de Macau, onde sempre se sentiu em casa. Um sentido de pertença inato (que terá nascido, também aqui, em 1978) que o acompanhou, mesmo durante o ano que passou numa universidade norte-americana, ao abrigo de um programa de intercâmbio.

A sua ligação à terra não é porém surda nem muda. Licenciou-se em Língua e Literatura Inglesas e essa é uma arma essencial para concretizar uma das coisas que mais gosta em Macau – conhecer novas e diferentes pessoas. "Trabalhei primeiro no Crazy Paris Show, onde conheci muita gente de fora, sobretudo franceses. Depois passei pela Televisão de Macau e pude assim contactar com os profissionais do canal português", enumera. Nesta lista ainda falta acrescentar a concessionária norte-americana de jogo, a Venetian, empresa onde Lam Chi Seng, ou Buddy, na versão ocidental do nome, desempenha as funções de relações públicas. De facto, o contacto que mantém com estrangeiros é constante, como aliás

tem acontecido desde os tempos da universidade. As raízes que Buddy tem em Macau não o deixam plantado aqui. O jovem faz questão de fazer do território uma saída para a Ásia. "Macau é muito pequeno mas tem tudo à volta. É uma porta para a China, para Hong Kong e para uma série de cidades da Ásia".

Em cima do acontecimento

Luís Melo aterrou pela primeira vez de malas e bagagens no Oriente, em 1990. Veio para dar aulas na então Universidade Ásia-Oriental, mas acabou a trabalhar no Gabinete para a Modernização Legislativa. Dois anos depois, tornou-se assessor na Assembleia Legislativa. Um convite, em 1997, para ir trabalhar com o então ministro português da Economia, Augusto Mateus, parecia ter posto um ponto final na aventura a Oriente.

Afinal, este não seria um ponto definitivo. A partir da despedida, Luís Melo visitou Macau quase anualmente, embora sem nunca pôr a hipótese de regressar. Pensou que fosse "um capítulo encerrado, uma página que tinha passado". No Natal de 2004, porém, essa perspectiva mudaria: "Senti algo de diferente, havia renovação. Uma das coisas que me agradava nos anos 90 era o cosmopolitismo, a chegada constante de estrangeiros, os congressos disto e daquilo. Ora, em 2004, voltei a encontrar um pouco disso. Percebi que Macau ia mudar, sentia o impulso de desenvolvimento", recorda Luís Melo. Findas as férias, o jurista partiu de novo para Portugal. Mas, entretanto, por cá, o destino (e os conhecimentos fruto da prática da vela), quis que um amigo, juiz de Hong Kong, referisse o seu nome a um executivo da Venetian, que na altura procurava um advogado sénior português que conhecesse Macau. No final de 2005, Luís Melo regressou à terra que marcou "os melhores sete anos da minha vida. Adorei!".

André Ritchie sente que tem bilhete na primeira fila para assistir ao crescimento da RAEM. O jovem arquitecto está no GDI (Gabinete de Desenvolvimento de Infra-estruturas) a trabalhar na área de infra-estruturas à escala urbana. "Estou ligado directamente a projectos que vão mudar a imagem da minha cidade. Ter esta oportunidade, aos 28 anos, e nesta fase especial de Macau, é um privilégio", sintetiza o arquitecto. André Ritchie sabe do que fala. Na tese que realizou na recta final do percurso universitário, abordou o desenvolvimento urbano da cidade de Macau, desde o século XVI até ao presente (que é cada vez mais passado). "Fiquei apaixonado pela investigação e por coisas da escala urbana da cidade. Fiquei a perceber as peças de um puzzle que, no fundo, compõem a minha memória", comenta. Uma construção que tem conseguido alicerçar nos últimos três anos, desde o regresso à terra natal. Pela mesma altura, em 2003, vários amigos do tempo do liceu estavam também a regressar a Macau. "Nós estávamos apaixonados, ou melhor, em êxtase, completamente deslumbrados. Um desses amigos tinha uma moto de fabrico chinês e fez um autocolante para o capacete que dizia: 'Made in China'. Nós só dizíamos: 'A China é que é o futuro, nós estamos no momento certo'".

Luís Melo também sente que regressou no momento ideal. Curiosamente, o cosmopolitismo que tanto aprecia, criado pelos no-

vos casinos, acabou por ser directamente responsável pelo seu regresso à RAEM, agora como advogado da Venetian: "Do ponto de vista profissional, é uma oportunidade fantástica, num sítio onde está tudo a acontecer. É uma forma de poder viver de perto as transformações e o desenvolvimento de Macau", refere entusiasmado.

Elsa Rodrigues também não quer desviar-se do crescimento de Macau. "Se tivesse uma bola de cristal diria, em jeito de cartomante, que vejo aqui um futuro brilhante", atira. Mas esta previsão vem acompanhada de alguns receios: "Tenho apenas medo que o dinheiro fale mais alto, que Macau se perca no meio do deslumbramento, na loucura desenfreada dos casinos e dos jogos".

Buddy pensa que ainda é muito cedo para perceber o caminho rápido que Macau está a trilhar, tão pouco sabe se irá gostar do futuro. Certeza só tem uma: "Não sei se gostarei do que vem aí, só sei que gosto do que agora tenho", afiança.

Sete ofícios

Como por magia, nos últimos anos, as suas oportunidades de trabalho têm-se multiplicado. O ilusionista António Almeida parte e reparte o tempo, entre cartas e outras artes mágicas, um estágio de advocacia e a gestão de um bar do qual é proprietário. É uma agenda preenchida que já aprendeu a manobrar sem truques na manga.

"Macau tem bom futuro, há cada vez mais desenvolvimento, mais oportunidades de trabalho. Não conheço bem o que se passa lá fora, mas por cá, com as características da cidade, há mais oportunidades. É por isso tempo de aproveitar e tomar decisões", acredita António Almeida. Aliás, tese que pratica. Este jovem macaense terminou recentemente o curso de Direito na Universidade de Macau e agora iniciou o estágio de advocacia num escritório local.

Para trás, deixou o trabalho administrativo na Polícia Judiciária, que exercia desde 1997. As artes mágicas, essas, sempre acompanhado António para todo o lado. "Uma arte pela qual tenho paixão e na qual tenho investido muito", garante. Na verdade, os resultados estão à vista: num abrir e fechar de olhos, criou a Associação de Ilusionismo de Macau, organizou diferentes espectáculos (no início saíam do próprio bolso), nomeadamente duas galas internacionais e o I Festival Internacional de Magia. "Macau proporciona tudo isto", remata.

A psicóloga Goreti Lima chegou com a entrada de um novo ano, o quinto a contar de 2000. "Foi muito bom chegar a Macau, por ser Oriente e porque na altura a conjuntura pessoal implicava a necessidade de uma saída, um corte com o meu país", explica. A atracção pelo Oriente conduziu-a por uma viagem pela China. No regresso a Macau, "fiquei, porque em Portugal não tinha nada que me fizesse voltar, a não ser a família. Achei que em termos financeiros e pessoais podia ficar porque não tinha nada à minha espera e a agarrar-me. Ou era nessa altura ou não era. Foi uma oportunidade que tive, estava completamente livre ", afirma convicta.

Não foi preciso riscar muitos dias do calendário para começarem a surgir várias oportunidades de trabalho. Numa clínica de Macau, Goreti Lima começou a dar consultas de psicologia, área em que se licenciou.

A sua formação passou também pela dança,

uma paixão que trouxe e expressa em Macau em aulas para crianças. "Sempre gostei da minha independência. Macau dá-me isso, assim como uma grande paz e tranquilidade. Dá-me um espaço para repensar muito a minha vida interior, o meu reconciliar com a vida espiritual", confessa. Entretanto, Goreti Lima começou a praticar reiki diariamente. Da prática individual passou para a terapia de grupo reiki, uma outra forma que encontrou para poder ajudar os outros. "Macau deu-me uma grande autonomia pessoal e proporcionou-me um crescimento brutal. Aprendi a viver sozinha e a refazer a vida de novo, sem a família, sem os amigos, sem a base que antes tinha.

Para mim foi como estar na corda bamba sem rede. Foi uma grande aprendizagem e estou por isso muito grata a Macau", conclui Goreti Lima.

Elsa também cresceu. Aprendeu no Oriente a conhecer-se e a conhecer o resto do mundo; ou até, como explica em jeito de metáfora, a perceber o significado de alguns enigmas do tempo do liceu, como a canção que aprendera num campo de férias: "Quem não sai de sua casa cria mil olhos para nada'".

Luís Melo

O lado emocional da Ásia

Quando disse adeus a Macau, em 1997, fê-lo sobretudo por razões profissionais. Assim partiu, sem imaginar que haveria um regresso. Curiosamente, da mesma forma que a carreira profissional o arrancou de Macau, também o trouxe de volta.

"O Macau de agora seduz-me como antes. É um local único, com uma combinação quase perfeita de culturas", refere Luís Melo. A tradição, a cultura milenar chinesa, a paisagem urbana ou o modernismo da cidade merecem os elogios do advogado. "Isto tem algo de irracional, nem sempre sabemos explicar bem porque gostamos das coisas. Viver na Ásia tem algo disso, de irracionalidade. A comida, os destinos, o exotismo de tudo isto..."

Lam Chi Seng

Amo Macau

Mesmo antes que lhe perguntem, Buddy faz questão de afirmar convicto: "Amo Macau". Com a mesma rapidez apresenta uma lista de razões e os respectivos fundamentos. "Aqui nasci, aqui tenho as minhas raízes. Depois, gosto das pessoas de cá, são afáveis, descontraídas e apreciam melhor a vida", garante. O jovem não tem dúvidas quanto ao poder de sedução de Macau, "que regista o maior desenvolvimento do mundo. Ao mesmo tempo, o património e as tradições da terra tornam tudo mais entusiasmante. Neste pedacinho de terra temos coisas como o Teatro D. Pedro V, o primeiro teatro ocidental da China. Andar no Largo do Senado e sentir o Ocidente e Oriente, não é único?", pergunta de forma retórica.

Lam Chi Seng não pensa abandonar Macau. Para sempre? Buddy responde logo que o apego à terra não é assim tão desmesurado: "Espero ficar cá pelo menos até à reforma, depois quero partir para Itália, onde vou abrir uma livraria ou eventualmente um café.

Elsa Rodrigues

Vim à toa e encontrei-me

Elsa não acredita que se aprenda a gostar de Macau. A jurista está convencida de que "quando se está bem, está-se bem em qualquer sítio do mundo". Reconhece, porém, que em Macau tem a possibilidade de fazer coisas que noutro local não faria. "Lá não tenho a liberdade que tenho aqui. Saí de casa dos meus pais para vir para o Oriente e, de repente, abriu-se um mundo novo. Em termos de desenvolvimento pessoal experimentou uma evolução que nunca poderia ter vivido em Portugal. Aqui, longe das referências, da família e dos amigos, é preciso ir buscar mais de dentro de mim. Em Macau, posso fazer coisas em nome do que acredito sem pressão familiar, só por mim, absolutamente", garante Elsa.

Mais do que o local onde vive, Macau é também uma forma de coleccionar viagens, culturas, povos e experiências, "uma forma de viajar com facilidade, um prazer enorme. Percebi que vivemos todos numa bola enorme mas que, na verdade, não é assim tão grande, pois as diferenças que nos separam não são assim tantas".

António Almeida

Cidade mágica

O ilusionismo é um amor de criança. Uma prenda que recebeu aos 14 anos de idade e acabou por traçar um dos rumos de António Almeida. "Estava no liceu e recebi uma caixa mágica. A partir desse momento, interessei-me pela arte da magia. Na altura era muito difícil encontrar em Macau informações sobre o ilusionismo, mas tive a sorte mágica de conhecer o professor Fernando Lima", relembra o jovem macaense. Ou seja, António Almeida conheceu e conviveu nem mais nem menos do que com um dos sócios fundadores da Associação Portuguesa de Ilusionismo. "Criei uma relação íntima com a arte e nunca mais parei. É uma paixão."

Sobre a cidade que o viu nascer, António Almeida recorre à palavra que lhe é mais cara: "É uma cidade mágica, com um significado especial. Macau para mim é sedutor, é um espaço que me pertence, onde nasci, cresci e agora estou".

O mais que notório crescimento do território não assusta António: "Não podemos parar, temos que acompanhar a evolução. A cidade está a ganhar cada vez mais um carácter internacional e vão chegar mais pessoas de diferentes sítios do mundo". António Almeida acredita também que, com tantos casinos, hotéis e consequente aposta no entretenimento, a arte da magia "só ficará a ganhar".

Goreti Lima

Paixão pelo Oriente

Porquê continuar em Macau? Goreti Lima atira logo a resposta: "E porque não? Não sei bem o que me faz ficar. Estou tal e qual como quando cheguei - posso ir ou posso ficar. Nada me prende aqui. Isto é uma sensação óptima. Lá, desde que entrei no mundo profissional, nunca senti essa liberdade. Isto é muito bom", assegura com um sorriso nos lábios.

Apesar de não querer apontar razões para permanecer por estes lados do globo, a psicóloga, professora de dança e terapeuta de reiki, confessa-se uma apaixonada pelo Oriente. "Macau seduz porque é Ásia. Gosto da China, adoro a comida, os cheiros, gosto das pessoas".

André Ritchie

Oportunidades

André Ritchie confessa que chegou a ter dúvidas sobre as condições de vida que existiriam em Macau após a transição. E foi com esse pensamento que ingressou numa universidade portuguesa, a poucos anos da transferência.

O destino começou a trocar-lhe as voltas quando iniciou a carreira profissional. "Vi que as coisas não estavam muito boas em Portugal. O meu primeiro salário era mais baixo do que a mesada dos meus pais. Como costumava dizer a brincar: 'falta muito mês no fim do dinheiro'".

O apego à terra e aos pais, que aqui tinham permanecido, conduziram-no de novo a Macau. Seguiu-se uma fase de adaptação que passou também por relembrar o cantonês, enferrujado por falta de prática nos anos anteriores. "Para além disso, o meu chinês não tinha suporte técnico. Não sabia dizer betão, alumínio ou centímetro. Passei a ouvir a rádio chinesa, no carro, e televisão em língua chinesa, em casa", explica.

Em pouco tempo, surgiram várias oportunidades. Do Rotary Club recebeu um convite para ser consultor de um projecto para a construção de escolas numa província chinesa. Assim, prestou serviço técnico em aldeias sem energia eléctrica, nem água potável. "Macau é realmente uma terra de oportunidades. Também estou envolvido no teatro Doci Papiaçam di Macau (teatro em patuá) e faço parte da direcção da Casa de Portugal, tendo organizado três exposições de pintura. Tudo isto junto enriquece a experiência de vida de uma pessoa."

澳門理工學院
Instituto Politécnico de Macau

As origens da Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau remontam ao início do século XX, mais exactamente ao ano de 1905, quando o governo de Macau decidiu criar uma escola exclusivamente dedicada à preparação de intérpretes e tradutores chinês/português para a Administração do território.

Desde então, a missão de formar técnicos competentes, capazes de responder a uma necessidade premente de comunicação intercultural e interlinguística tem-se mantido válida e tem realçado o papel social da escola.

Com a entrada da China para a Organização Mundial de Comércio, foi necessário responder aos novos desafios de uma economia global, daí ter sido criado, em 2000, o primeiro curso de Tradução e Interpretação chinês/inglês.

Hoje, a escola oferece dois cursos com dois graus académicos distintos. O primeiro ciclo de três anos confere o grau de bacharelato, podendo ser completado por um segundo ciclo de um ano que confere o grau de licenciatura. Também são oferecidos dois regimes de funcionamento: diurno e pós-laboral.

O corpo docente é constituído por 33 professores a tempo inteiro com uma ampla e reconhecida experiência de ensino que também se têm dedicado à investigação científica.

Consciente das suas próprias responsabilidades e recorrendo a instalações apetrechadas das mais modernas tecnologias, os docentes, provenientes das mais diversas origens, têm-se esmerado para dotar os aprendentes de competências linguísticas e culturais de forma a que estes se tornem agentes sociais activos de uma sociedade em franco desenvolvimento.

O intercâmbio com instituições de ensino de reconhecido prestígio mundial tem sido intensificado de forma a oferecer aos discentes um leque variado de experiências académicas.

Cada vez mais enquadrada no contexto de globalização, Macau tem vindo a multiplicar os seus contactos internacionais a nível dos negócios, da política, das relações diplomáticas, culturais e outros. Como consequência disso, a procura de intérpretes/tradutores tem vindo a aumentar num mercado em expansão.

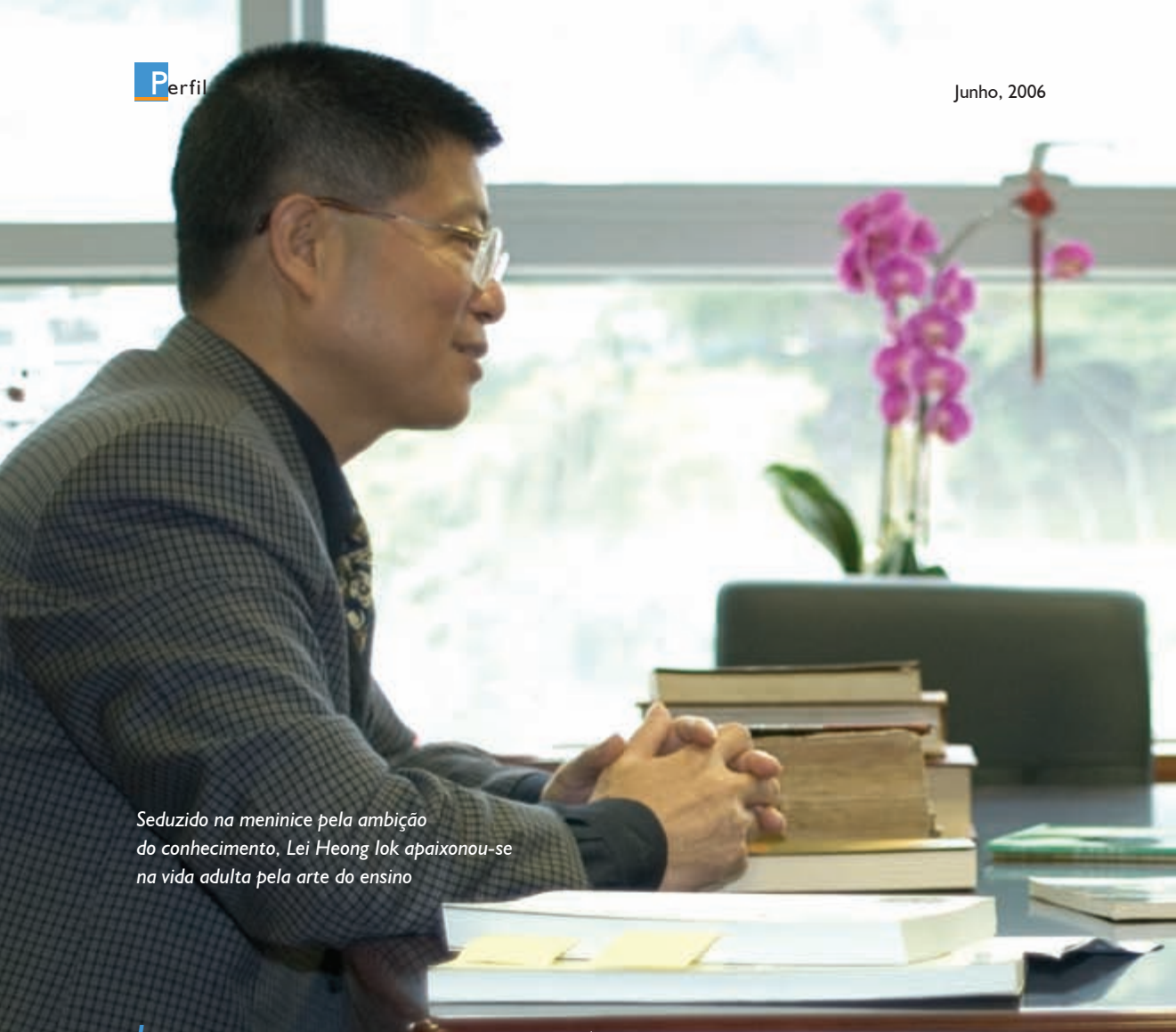
Com cem anos de experiência adquirida, a Escola Superior de Línguas e Tradução tornou-se no mais importante pólo de formação na área de tradução e interpretação do sudeste asiático. É com muito orgulho, mas também com um acrescido sentido do dever cumprido que a escola encara o futuro que julga promissor.

Tel: +853 578722
Fax: +853 308801

Paulo Rego (texto) Luís Almoster (fotos)

O presidente do Instituto Politécnico de Macau formatou em Pequim a sua vocação para o ensino. Mas foi na RAEM que cimentou a carreira docente e descobriu a paixão pela língua e cultura portuguesas

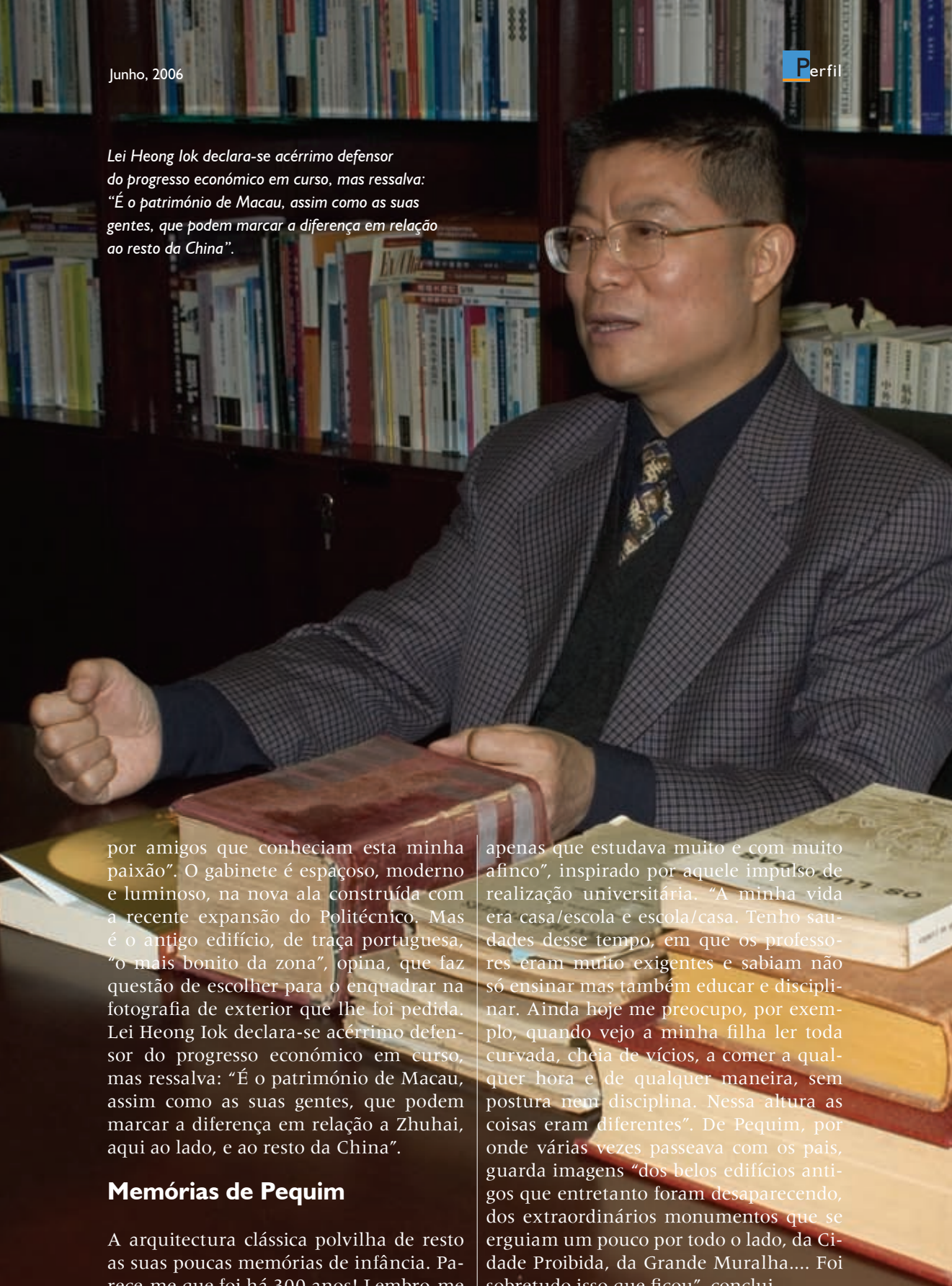
"O meu sonho era poder estudar"



Seduzido na meninice pela ambição do conhecimento, Lei Heong Iok apaixonou-se na vida adulta pela arte do ensino

Lei Heong Iok tinha seis anos quando se rendeu ao sonho do saber. Fixava os olhos nos livros que via passar às costas dos mais graúdos que, a caminho da Universidade da Indústria, no subúrbio norte de Pequim, passavam pela pequena vila onde nascera, sem bens nem perspectivas. "Ficava deslumbrado ao vê-los. Aquela era para mim uma imagem fascinante". Soube aí o que queria ser. Mal sabia onde conseguiria chegar. Hoje preside ao Instituto Politécnico de Macau, onde lhe afagam o ego 2800 alunos inscritos em cursos superiores e mais de 20.000 que anualmente flutuam por cursos de curta duração. Seduzido na meninice pela ambição do conhecimento, apaixonou-se na vida adulta pela arte do ensino... à qual juntou o grande amor da sua vida académica: a língua e a cultura portuguesas.

"Alma minha gentil, que te partiste / tão cedo desta vida descontente, / repousa lá no céu eternamente, / e viva eu cá na terra sempre triste." Cita Camões com brilho nos olhos e um sorriso que muito dificilmente lhe sai quando a conversa se fixa em memórias ou se deixa levar por projectos. "Camões não se esquece", garante, desfolhando escritos laudatórios assinados por si, nos anos oitenta, numa época em que, na China, "louvar poetas que cantavam descobrimentos estrangeiros era ainda difícil", recorda. "Mas eu sabia que ele cantava sobretudo o humanismo. E era isso que me interessava transmitir." Em cima da mesa estão várias edições de "Os Lusíadas", cada uma delas manipuladas com o cuidado de quem lida com bocados da sua própria vida. "Umas fui comprando ao longo dos anos, outras foram-me dadas



Lei Heong Iok declara-se acérrimo defensor do progresso económico em curso, mas ressalva: "É o património de Macau, assim como as suas gentes, que podem marcar a diferença em relação ao resto da China".

por amigos que conheciam esta minha paixão". O gabinete é espaçoso, moderno e luminoso, na nova ala construída com a recente expansão do Politécnico. Mas é o antigo edifício, de traça portuguesa, "o mais bonito da zona", opina, que faz questão de escolher para o enquadrar na fotografia de exterior que lhe foi pedida. Lei Heong Iok declara-se acérrimo defensor do progresso económico em curso, mas ressalva: "É o património de Macau, assim como as suas gentes, que podem marcar a diferença em relação a Zhuhai, aqui ao lado, e ao resto da China".

Memórias de Pequim

A arquitectura clássica polvilha de resto as suas poucas memórias de infância. Parece-me que foi há 300 anos! Lembro-me apenas que estudava muito e com muito afinco", inspirado por aquele impulso de realização universitária. "A minha vida era casa/escola e escola/casa. Tenho saudades desse tempo, em que os professores eram muito exigentes e sabiam não só ensinar mas também educar e disciplinar. Ainda hoje me preocupo, por exemplo, quando vejo a minha filha ler toda curvada, cheia de vícios, a comer a qualquer hora e de qualquer maneira, sem postura nem disciplina. Nessa altura as coisas eram diferentes". De Pequim, por onde várias vezes passeava com os pais, guarda imagens "dos belos edifícios antigos que entretanto foram desaparecendo, dos extraordinários monumentos que se erguiam um pouco por todo o lado, da Cidade Proibida, da Grande Muralha.... Foi sobretudo isso que ficou", conclui.

Tinha 16 anos quando pela primeira vez saiu de Pequim. Empurrado pela Revolução Cultural, foi parar a Heilongjiang (Rio do Dragão Amarelo), perto da Sibéria. Para além do "frio inesquecível", lamenta nesses "tempos muito difíceis" ter-se visto separado da família. "Éramos pobres, mas muito unidos. Os meus seis irmãos foram enviados cada um para seu lado, tendo uns ingressado no exército e outros sido colocados em campos de reeducação. Alguns nunca regressaram, acabando por casar e organizar a sua vida longe de Pequim". Lei Heong Iok teve "sorte". Dois anos depois, voltou para reencontrar o seu destino de docente. Viviam-se então tempos de recuperação do ensino superior e conseguiu vaga no Instituto de Línguas Estrangeiras, no departamento de Cultura Inglesa.

"Macau tinha muito de exótico"

Quatro anos depois, em 1975, já com o canudo na mão, foi convidado a integrar um grupo restrito de cinco bolseiros, enviados para Macau a fim de estudarem a língua e a cultura portuguesas. Era uma área que já nessa altura interessava ao Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim, que contudo se defrontava com falta de professores. Teve por isso de assumir que regressaria para depois leccionar. O que aceitou "de bom grado".

Chegou a Macau e logo gostou do que viu. "Para um chinês do norte, esta pequena cidade tinha muito de exótico". E tinha também uma comunidade portuguesa que, muito para além da língua, lhe proporcionou o contacto com uma cultura e formas de vida "muito interessantes e especiais". Lei Heong Iok recorda com carinho os professores desse curso especificamente concebido para os bolseiros que vinham de Pequim: Luiz Gonzaga Gomes, "grande figura da cultura portuguesa"; Túlio Tomaz, director do antigo Liceu; Júlio Pereira Dinis, vindo de Leiria para o Liceu Afonso D. Henriques... Este último marcou-o particularmente, pois para além do conhecimento que lhe transmitiu da língua abriu-lhe as portas de sua casa e permitiu-lhe um convívio familiar; fez-lhe ouvir o fado; deu-lhe a provar a gastronomia portuguesa e pôs-lhe nas mãos "Os Lusíadas". Ainda hoje, "a minha grande paixão!", repete Lei Heong Iok, em jeito de perpétuo agradecimento.

Finda a formação, em 1978, cumpriu o estipulado e voltou a Pequim, assumindo aí o cargo que lhe fora predestinado, no departamento de Língua e Cultura Portuguesa. É um período que descreve com orgulho, pois o ensino, com falta de materiais, "dependia sobretudo do empenho e do rigor dos professores, que tinham de organizar as suas próprias sebentas", recorda, mostrando um dos seus "tesouros": folhas de cor sépia, comidas pelo tempo, batidas por si à máquina e distribuídas pelos seus alunos da altura. Nesses seis anos que leccionou em Pequim deslocou-se pela primeira vez a Portugal, onde, entre outros ídolos

Lei Heong Iok junto à porta de entrada da ala mais antiga do Instituto Politécnico

do mundo académico, conheceu aquele que ainda hoje faz questão de tratar como "grande amigo": Malaca Casteleiro, um dos mais conceituados linguistas portugueses e que tem mantido forte ligação ao ensino universitário em Macau. Contudo, a passagem por Macau, em finais dos anos setenta, marcaria em definitivo o futuro de Lei Heong Iok, que acabaria por ser ditado pelas circunstâncias do processo de transição política no território.

Em 1984, novo chamamento ecoava de Macau. Em 1987, a China avisaria por canais oficiais as autoridades portuguesas que o processo de transição política teria de ser lançado, na senda de um calendário entretanto já em curso em Hong Kong. Mas três anos antes disso, Lei Heong Iok havia sido convidado a regressar a Macau, onde um grupo restrito de técnicos e diplomatas já se preparava para as negociações que em breve assumiriam formato oficial. A sua anterior passagem pelo território e o domínio da língua portuguesa qualificavam-no na perfeição para as funções de tradutor/intérprete no Grupo de Ligação Conjunto Luso-Chinês Sobre a Questão de Macau, cargo que mais tarde desempenhou com a exigida discrição que, ainda hoje, o impede de falar publicamente sobre essa experiência. "Foi uma fase muito importante da minha vida e penso que hoje posso dizer que desempenhei o meu papel num processo histórico no qual conseguimos todos fazer de Macau o que é hoje, através de um diálogo diplomático que correu muito bem e contribuiu para que Portugal e a China sejam hoje países amigos".

Escolher o ensino

Não foi o único professor vindo de Pequim a enriquecer, nesse contexto, o seu currículo.

Por coincidência, ou evidência, os quatro companheiros que com ele tinham vindo de Pequim para aprender português em Macau acabaram, de uma forma ou de outra, vendo-se envolvidos no processo negocial que se seguiu. Curiosamente, todos acabaram por seguir carreiras alternativas ao ensino, tendo integrado o Ministério dos Negócios Estrangeiros e aproveitado oportunidades surgidas nesse terreno, quer em Pequim quer em países de expressão portuguesa com os quais a China foi reforçando relações bilaterais e/ou multilaterais. Vocacionado para o ensino e para as questões da educação, Lei Heong Iok voltou costas aos caminhos que lhe abria a política externa, fixando-se em Macau à espera de oportunidades na via de ensino. Passou de forma mais ou menos discreta pelos Serviços de Educação e Juventude, até que foi colocado na Escola de Línguas e Tradução. "Era o cargo certo, para o homem certo", pensou na altura em que aceitou o convite. Afinal, outros destinos o esperavam. Primeiro, como subdirector do Instituto Politécnico de Macau e, a partir de Setembro de 1999, na sua presidência, cargo que ainda hoje ocupa.

"Língua portuguesa é a minha segunda pátria"

Conheceu Eugénio de Andrade, num "encontro emocionante, na cidade do Porto"; em 1981 já reflectia sobre Camões; escreveu antologias sobre literatura portuguesa; traduziu para chinês a "Crónica dos Bons Malandros", de Mário Zambujal, em 1986, quando apenas se atrevia a assinar com pseudónimos... A língua portuguesa é a sua "segunda pátria". Porque é "chinês" de alma e coração e como tal se assume, mas porque encontrou na língua portuguesa a sua "grande paixão". Talvez por isso valorize tanto os novos passos que o Instituto Politécnico de Macau começa a dar na esteira do projecto que a China concebeu recorrendo a Macau como plataforma de relações económicas e culturais com os espaços de língua portuguesa espalhados pelo mundo. O ano passado a sua institutição, responsável por um centro de formação profissional especializado na indústria do jogo, formou cerca de 7000 alunos. "É uma área importante e temos de integrar as novas realidades económicas". Contudo, há outras alternativas nas quais "também queremos apostar". Por exemplo, o Centro de Estudos dos Países e Regiões de Expressão Portuguesa, projecto que acaba de ser oficialmente aprovado no passado mês de Abril, ou o protocolo com o Instituto Politécnico de Leiria, com o qual Lei Heong Iok lançou um projecto pioneiro: um curso de língua e tradução com currículos geridos em paralelo e troca de alunos a meio da formação. Ou seja, os de Macau começam aqui e acabam em Portugal, os de Leiria fazem o percurso inverso. "Para já estou concentrado em garantir que esta experiência corra bem, depois poderemos pensar em reproduzi-la com outros países de língua portuguesa", projecta Lei Heong Iok.

*Tereza Sena**

Foto: Instituto Inter-Universitário de Macau

Carl T. Smith: Uma instituição

Carl Smith (à esquerda) foi distinguido com o grau de Doutor Honoris Causa em Outubro de 2005

Carl Smith é um nome incontornável no estudo do tecido social, marcado pela interacção das comunidades chinesas e estrangeiras, que formata as metrópoles do Sul da China, sobretudo Hong Kong e Macau. Por isso tem sido alvo de merecidas homenagens nos círculos académicos, ao mesmo tempo que se multiplicam esforços para a preservação e divulgação da sua obra, pioneira na região

A história social tem sido grandemente negligenciada no conjunto da produção historiográfica referente a Macau, a qual, no entanto, tem merecido inegável, substancial e significativa renovação nas últimas décadas. São, no entanto, escassos os estudos que nos elucidem sobre todo um emaranhado de histórias de família, de relacionamentos pessoais, económicos, políticos, sociais, religiosos e associativos, de problemáticas legais e outras, de encontros e desencontros culturais e civilizacionais, de estigmas e de preconceitos, que dêem corpo ao chavão da plurissecular convivência entre ocidentais, sobretudo portugueses, e chineses em Macau; que nos esclareçam sobre a realidade do seu cosmopolitismo e equacionem a contribuição das suas distintas comunidades para a construção de um espaço comum. Esse mesmo, de alguma forma único, e, por isso, merecedor da consagração agora obtida, ao ser reconhecido como património mundial. Mas, também, imprescindível

Carl Smith dedicou a sua vida a trazer para o palco da História a memória do homem comum

para a compreensão da actual realidade de Macau, de Hong Kong e do Sul da China, regiões a que são cometidas funções específicas, ditadas pela optimização da especificidade que a história lhes trouxe, no contexto da unidade maior em que se integram, ou seja, a China dos nossos dias.

Se uma excepção existe que confirma a regra, ela tem precisamente o nome de Carl Thurman Smith. Pouco conhecido do universo académico português, Carl Smith tem vindo, paciente e discretamente, ao longo do seu quase meio século de residência em Hong Kong e de há cerca de três anos em Macau - a coleccionar elementos biográficos, genealogias, histórias de família, de companhias, de instituições e de locais, que ascendem aos muitos milhares de registos.

As cerca de 140 mil entradas respeitantes a Hong Kong estão hoje à consulta no *Public Record Office* de Hong Kong, que, a partir duma cópia dos microfilmes, efectuada em 1995 pela *Genealogical Society of Utah*, concluiu em 2001 o processo da respectiva digitalização e indexação, esta última acessível na Internet.

Os restantes materiais que compõem a colecção de Carl Smith estão já à guarda do Arquivo Histórico de Macau - os referentes à cidade - e, em breve, os repeitantes a Hong Kong e a outros locais integrarão o espólio da *Asian Division*

da Biblioteca do Congresso norte-americano, desfecho que porá termo a uma preocupação que Carl consigo carrega há anos, e que fui podendo testemunhar ao longo de cerca de 15 anos de colaboração, alguma convivência, e relacionamento sempre amistoso.

Garantir a sua preservação, mas também a acessibilidade de todos ao trabalho de uma vida - desenvolvido a par da sua actividade missionária, como professor - que mereceu, no passado dia 30 de Outubro de 2005, o reconhecimento público de uma instituição da RAEM, ao ser-lhe atribuído o grau de Doutor Honoris Causa pelo Instituto Inter-Universitário de Macau. Cerca de dois anos antes, também o *Centre of Asian Studies* da Universidade de Hong Kong o havia feito seu *Distinguished Fellow.*

Reconhecimento merecido pelo indubitável contributo que Carl Smith vem prestando à História de Hong Kong, que de alguma forma revolucionou, ao trazer para o palco da História a memória do homem comum, das minorias, dos oprimidos e, até, dos marginais. Tornou-se, assim, responsável pelo surgimento de estudos que fizeram escola sobre a identidade das comunidades locais, e suas elites, especialmente as chinesas e euro-asiáticas. Contributo esse extensível à História de Macau e da região, a partir dos finais do Século XVIII, nos seus mais diversos campos: religioso, político, económico, social, jurídico, geográfico, urbanístico e arquitectónico.

Chineses cristãos

Chegado a Hong Kong em 1961 a fim de ministrar Teologia no *Chung Chi Seminary* - que mais tarde haveria de integrar a *Chinese University of Hong Kong* - foi chamado a preparar um curso sobre a História da Igreja Protestante na China, apercebendo-se então da enorme lacuna de que enfermavam os estudos existentes ao centrarem essa história em torno dos missionários, e sua actividade, omitindo a dos indivíduos por essa via convertidos.

Dedicou-se, a partir de então, aos estudo dos chineses cristãos de Hong Kong, sem negligenciar os chineses católicos de S. Lázaro de Macau e os ocidentais das mais distintas nacionalidades, as *mui tsais* e mulheres *protegidas*, os comerciantes e navegadores, artesãos, pescadores, escravos e marginais. E também ao das comunidades minoritárias, judias, muçulmanas, arménias e parses, frequentemente esquecidas pelos grandes manuais, não obstante o peso que tiveram no comércio internacional no Sul da China, a partir de meados do século XVIII e, nomeadamente, no desenvolvimento de Hong Kong e de Macau. É esse o campo a que Carl Smith, não obstante ter já ultrapassado os oitenta anos de idade, se tem vindo a dedicar recentemente, depois de ter aceite o repto que lhe foi lançado pelo Instituto Cultural da RAEM para prosseguir os seus estudos sobre Macau, processo a que me orgulho de estar de alguma forma ligada. Os resultados deste trabalho têm vindo a ser regularmente publicados na *Revista de Cultura*, na sua maioria em colaboração com Paul Van Dyke, especialista do comércio internacional na região de Cantão, no período que antecedeu a Guerra do Ópio, e das famílias dos mercadores chineses a ele associados, a quem coube proferir o elogio de Carl Smith por ocasião do seu doutoramento pelo Instituto Inter-Universitário de Macau.

Outros, de entre os cerca de setenta ensaios que produziu, muitos dos quais publicados no *Journal of the Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, encontram-se reunidos em dois volumes: *A Sense of History. Studies in the Social and Urban History of Hong Kong*, publicado em 1995 (*Hong Kong Educational Publishing Co.*), com uma versão em chinês datada de 1999 - e no qual se inclui um capítulo sobre os cristãos de S. Lázaro de Macau -, e *Chinese Christians. Élites, middlemen, and the Church in Hong Kong*, surgido em 1985 (*Hong Kong/Oxford/New York, Oxford University Press*) e reeditado em 2005. Da sua autoria ainda, e não citando as obras de pendor religioso ou metodológico, estas sobretudo dedica-

das à genealogia, assinala-se o livro em co-autoria com H. G. Hollman, *Hong Kong Going and Gone*, publicado em 1980, em Hong Kong, pela *Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society*, associação de que foi vice-presidente entre 1976 e 2003, cargo que mantém a título honorário.
Carl Smith, que também leccionou História local na *The University of Hong Kong* entre 1975 e 1978 e integrou diversos órgãos consultivo de instituições científicas, culturais, editoriais e educacionais, viu o seu mérito reconhecido por diversas associações, sobretudo norte-americanas e de Hong Kong.
Para assinalar a passagem do 25º aniversário do seu restabelecimento, promoveu a Hong Kong Branch of the Royal Asiatic Society uma sessão de homenagem a Carl Smith, havendo, na ocasião, reeditado a sua já referida obra, *Chinese Christians, Elites, Midlemen and the Church in Hon Kong*, de há muito esgotada.

Persistência e dedicação

Nesse momento de reconhecimento público, testemunharam alguns dos muitos que, directa ou indirectamente, se consideram seus discípulos, nos quais se incluem os mais prestigiados historiadores de Hong Kong, e daqueles a quem, sempre de forma tão generosa quanto modesta, tem vindo a disponibilizar, quer como professor, consultor ou simples amigo, a sua muita informação e saber. São inúmeros os que tem encaminhado com o seu conselho e experiência, e, sobretudo, envolvido numa teia de relacionamento, comunicação e inter-ajuda de que ele é sem dúvida o pólo aglutinador, e que constitui um dos seus não menos valiosos legados.
Esse contributo comporta igualmente o fruto do trabalho que durante anos a fio despendeu na ordenação e sistematização da informação recolhida em arquivos de Hong Kong e de Macau, mas também no Reino Unido, Suiça, Alemanha, Estados Unidos da América, manuseando registos eclesiásticos, de propriedade, fiscais, judiciais, testamentos, mas também copiando lápides tumulares e outras inscrições – por exemplo, as encontradas em templos e memoriais – para além do trabalho elaborado sobre a Imprensa, obras de referência, revistas e demais bibliografia.
Desta forma se foi envolvendo física, emocional e afectivamente, criando raízes na região e desligando-se cada vez mais da distante Dayton, em Ohio, nos Estados Unidos da América, onde nasceu em 1918; da *DePauw University* de Greencastle, no Indiana, onde obteve o seu B.A. em *Arts*, em 1940, e do *Union Theological Seminary* de Nova York, onde finalizou o seu M.A. em Divinity, em 1943, embora sem obter o respectivo grau académico. Recusou-se a alterar a dissertação e a remeter para apêndice os dados individuais que sustentavam esse seu estudo, de 270 páginas, intitulado *Scholars and scholars: English Language Education in the China Mission in the First Half of the Neineetheeth Century and Its Results*, decisão que, diz, nunca lhe provocou o menor arrependimento e não o impediu de regressar ao mesmo estabelecimento de ensino onde, em 1965, concluíu os seus estudos de pós-graduação. Foi, também em 1943, ordenado pastor da *Evangelical and Reformed Church* (actualmente the *United Church of Christ*), nos mesmos Estados Unidos da América onde exerceu o ministério em Rochester (Nova Iorque), entre 1943 e 1945, e Filadélfia, de 1945 a 1960.
Carl Smith é uma lição de amor, de dedicação, de pertinência e de alegria de viver, na qual encontra razão e força para contrariar os revezes da própria vida. Só alguém com a sua nobreza de carácter, a sua delicadeza e força de vontade seria capaz de formar a sua assistente- que de há quase duas décadas o acompanha — para que pudesse ser "os seus olhos", quando infelizmente a natureza lhe cerceou a boa visão. E é com um sorriso jovial e com uma boa gargalhada de garoto traquina que no-lo confidencia.

**Investigadora-Coordenadora do Instituto Ricci de Macau*

法學碩士課程

Mestrado e Pós-Graduação em Direito

A leccionação do Curso de Mestrado em Direito em Língua Portuguesa teve início em 1995.

Objectivos

Facultar uma formação especializada a juristas para a prática do ensino e da investigação na área do Direito e promover o estudo e o desenvolvimento do Direito em Macau, no contexto regional e internacional.

Estrutura do Curso

O grau de Mestre em Direito é concedido nas seguintes áreas de especialização:

- Ciências Jurídicas
- Ciências Jurídico-Politicas

Requisitos de Admissão

Os candidatos titulares do grau de Licenciatura em Direito com a classificação final de Bom (14 valores) podem ser admitidos directamente. Os candidatos com nota inferior a 14 poderão ser admitidos de acordo com o regulamento aplicável, após entrevista pelo júri, que pode recomendar a admissão, designadamente em face de curriculum, de trabalhos publicados e de conhecimento de língua estrangeira que considere de particular valia.

Duração do Curso

O Curso de Mestrado terá a duração de dois anos.

As disciplinas do curso são ministradas no período de um ano. A apresentação e defesa da dissertação devem ter lugar no prazo de 12 meses após o termo da parte curricular ou no prazo que vier a ser fixado de acordo com o respectivo regulamento.

Para informações
Email: fll.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

Lina Ferreira (texto) e Jonh Si (fotos)

Todos os cantos de Zhongshan têm alguma coisa para contar sobre a História China. Nos últimos anos, a cidade encontrou uma nova vocação: mostrar ao resto do país que se pode crescer e construir uma cidade original e com qualidade de vida. E perto, muito perto de Macau

À procura da Montanha Perfumada

Zhongshan

São apenas 45 minutos de automóvel. É o tempo que demora uma viagem entre Macau e Zhongshan. Mesmo assim, pelo caminho, Josephine Lau continua a não perceber o súbito interesse da revista MACAU: "Mas, por que é que vocês escolheram Zhongshan?"

Josephine, uma guia nascida e criada em Zhongshan descreve do seguinte modo a inserção dos estrangeiros na vida da cidade: "À volta de Zhongshan há diferentes zonas de desenvolvimento. A maior parte dos estrangeiros só vêm aqui mesmo para investir. Os estrangeiros não vivem no centro da cidade. Vivem nas zonas à volta."

A caminho de Zhongshan passa-se por Sanxiang, onde há menos de dez anos abriu uma fábrica de calçado. Hoje emprega cerca de 40 mil pessoas, que fazem as sapatilhas da moda. Para além da cidade dos sapatos, há também a cidade das mobílias, dos electrodomésticos, da electrónica, da iluminação... O que se fabrica aqui vai chegar, em breve, às prateleiras das lojas do outro lado do mundo. Passar nesta estrada seria um autêntico pesadelo para qualquer industrial europeu ou americano.

Os problemas do comércio mundial são imediatamente esquecidos com uma paragem num jardim tipicamente chinês, às portas de Zhongshan. O maior jardim privado da cidade nasceu como uma declaração de amor de um filho para a sua mãe. A senhora Yueng escapou a um emprego na fábrica, para trabalhar numa loja mesmo no meio do jardim. "É mais calmo trabalhar aqui do que noutros locais. Estou aqui aqui há cinco anos.", diz, enquanto vende uma recordação.

A transformação dos estaleiros navais de Zhongshang num jardim público obteve o reconhecimeno das Nações Unidas

O estaleiro revolucionário

Na verdade, Zhongshan já se chamou Xiangshan (Montanha Perfumada). Mas, apesar da mudança de nome e da chegada das fábricas, nunca deixou de cheirar bem. Pelo menos, tendo em conta o grande número de parques e de jardins.

Um passeio à beira rio revela um espaço pouco convencional: as árvores e a relva convivem com gruas, carris e armazéns industriais. É um jardim que não esconde as origens: entre 1950 e 1999 funcionou aqui um estaleiro naval. "Antes estavam aqui casas, mesmo em frente ao rio. Depois as casas foram derrubadas, para construir o estaleiro", diz Tin Ieoc Wah, uma sexagenária que veio aqui passar a manhã. "Trabalhavam aqui muitas pessoas. Na altura, as estradas não estavam desenvolvidas. Por isso, a construção de navios era uma das indústrias mais importantes de Zhongshan."

Foi sobretudo para pessoas como Tian que, na altura de construir um jardim, o estaleiro não foi totalmente destruído. A equipa de arquitectos que desenhou o projecto quer que os mais velhos venham aqui contar histórias. Até porque este estaleiro viveu todos os primeiros momentos da República Popular da China, do Grande Salto em Frente à Revolução Cultural.

Não são só os mais velhos que se apropriaram deste espaço, antes uma zona industrial e suja da cidade. Os artistas ocuparam os armazéns do estaleiro, onde agora funciona a galeria de arte da cidade. Junto à linha de água, um jovem adormecera sobre um livro. Ao longe, três noivas pousam para o álbum de casamento.

Há quatro anos, este projecto ganhou um prémio atribuído pela Sociedade Americana de Arquitectos Paisagistas (ASLA) e tornou-se local de romaria de arquitectos e estudiosos. Aliás, a Zhongshan não faltam prémios. Em 1997 recebeu o galardão da Habitat, das Nações Unidas, para a cidade que, de uma forma inovadora, mais contribuiu para melhorar a qualidade de vida dos habitantes.

De facto, as ruas de Zhongshan contradizem

a imagem tradicional de uma cidade industrial. As bermas das estradas estão ocupadas por árvores. No chão não há qualquer vestígio de lixo. Nem mesmo no mercado Sha Gang - o maior mercado da cidade, muito famoso entre os trabalhadores migrantes - há qualquer papel no chão.

"No início, nos anos oitenta foi imposta uma multa para quem deitasse lixo ao chão", explica Pun Kai Iu. A humilhação também não era dispensada: "Quem infringia a lei também poderia ser obrigado a varrer a rua durante 15 minutos a meia hora." Na altura, as lojas tinham mesmo um funcionário para verificar se a lei era cumprida. Hoje já não é preciso, porque, em termos de limpeza, as gentes de Zhongshan apanharam o jeito. Iu conta esta história com um sorriso nos lábios. Este motorista nasceu em Zhongshan e viveu de perto esta política de higiene". "Já reparou que não há cães na cidade?", atira. De facto não há cães, nem gatos... "No centro da cidade é proibido ter qualquer tipo de animais. Antes a cidade estava cheia de cães vadios. Quando o governo quis fazer uma cidade limpa e decidiu impor restrições aos animais de estimação." Mas não há regra sem excepção. Algures no meio dos arbustos ouve-se miar. É um gato ilegal...

Outrora uma zona industrial, Zhongshan é hoje cernário de fotografias românticas

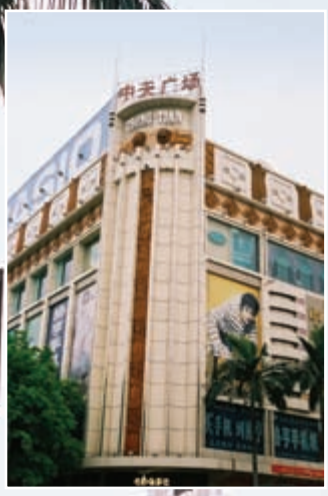
O negócio no sangue

O festival do Cheng Meng tivera lugar dias antes da nossa visita, em princípios de Abril. Nesse dia, os habitantes de Zhongshan cumpriram a tradição de subir ao ponto mais alto das redondezas, que nesta cidade é o pagode Fufeng: uma torre com 300 anos, situada no topo de uma colina, dedicada aos heróis do país. No resto do ano, só mesmo os visitantes se dão ao trabalho de fazer este percurso, apenas possível a pé. Chegados lá acima, Au Yin Wai e a mulher estão ofegantes. "É óbvio que estou cansado, depois de fazer este caminho todo", diz Au, indignado com a pergunta. O casal de Henan dedica-se ao comércio de brindes e foi para fazer negócio que veio a Zhongshan. "Aqui tudo é muito calmo. A vida parece ser mais descontraída. "

O resto da zona histórica é plana. Além disso, pode-se sempre passear num dos muitos riquexós que se alinham ao longo das ruas. Montado no riquexó, o senhor Chao não tem dúvidas em relação ao percurso a seguir: ir às compras. "Costumo levar os visitantes à rua mais antiga, a Sun Wen Xi, depois levo-as aos centros comerciais."

A rua Sunwen Xi é a baixa, na acepção europeia da palavra: é aqui que estão os principais monumentos,templos,

O pagode Fufeng: uma torre com 300 anos



A baixa da cidade é populada por edifícios de traça europeia

museus... e, é claro, as lojas. O senhor Chao, do riquexó, vai explicando como, no que diz respeito às compras, tudo vai mudando: onde havia uma antiga loja da amizade vendem-se agora calças de ganga e um restaurante típico chinês passou a ser uma loja de hambúrgueres.

Só a arquitectura se mantém. São edifícios de estilo europeu, construídos no início do século XX. Há também edifícios de traça chinesa, com influência europeia. Para perceber a história destas paredes não é preciso ir muito longe. Basta entrar num prédio cor-de-rosa, situado estrategicamente mesmo a meio da rua. É o Museu do Comércio.

Lá dentro fica-se a saber que negociar está no sangue das habitantes de Zhongshan. "No comércio, primeiro aprende-se com os estrangeiros, depois luta-se contra eles", está escrito a letras douradas.

A prova é feita no último andar. Aqui estão quatro maquetas de edifícios, construídos algures nos anos vinte do século passado: são os primeiros centros comerciais da China. Os primeiros com vários andares, produtos europeus e - esta foi uma verdadeira revolução – mulheres a atender. Os donos destes centros comerciais nasceram aqui, na cidade de Zhongshan. Tinham outro ponto em comum: todos emigraram para o estrangeiro e, mais tarde, voltaram à China com novas ideias para fazerem dinheiro.

Lin Iat Kuong vive mesmo ao lado da casa do herói da cidade, Sun Yat Sen, a quem a cidade deve o seu nome

A corrida ao ouro

Na verdade, até meados do séc. XX, Zhongshan era uma cidade de emigrantes. Sem arroz no prato, tornava-se irresistível o apelo dos angariadores, de Macau e de Hong Kong. Eram eles que levavam os habitantes de Zhongshan para outras paragens, como as plantações do Havai e para a corrida ao ouro, em S. Francisco.

"Conheci muita gente daqui que foi para outros países para procurar ouro ou para trabalhar", diz Lin Iat Kuong que, ao longo dos seus 84 anos, assistiu às muitas transformações da China. "Mas eu era agricultor e não tinha dinheiro para sair. Por isso, preferi ficar aqui até à reforma." Kuong vive mesmo ao lado da casa do herói da cidade: Sun Yat Sen. Também ele nasceu aqui e foi um emigrante. Aos treze anos de idade foi para o Havai e frequentou a escola em Honolulu. Terá sido nestas ilhas que contactou, pela primeira vez, com as ideias que o transformaram no revolucionário que ajudou a derrubar dinastia Qing e fundar a República.

A própria casa mostra os traços do carácter revolucionário de Sun Yat Sen. Por exemplo, a entrada faz-se pelo lado Norte, numa desafio claro às superstições chinesas (manda a regra que se deve entrar pelo Sul). "Era um grande homem. Sun Yat Sen deu um grande contributo ao país", diz Kuong, muito orgulhoso do seu famoso conterrâneo. Esta casa-museu fica na aldeia de Cuiheng, a cerca de meia hora de carro do centro da cidade. É a grande atracção da zona e uma visita obrigatória para quem passa por aqui. Ali ao lado, também se pode visitar a Cidade do Cinema: um estúdio de vocacionado para os filmes históricos que celebram a fundação da República.

Mas, na verdade, nem sequer é preciso sair do centro da cidade para encontrar as constantes referências a Sun Yat Sen: um grande jardim, a universidade, estátuas... O próprio nome da cidade é uma homenagem ao líder. Na China, Sun Yat Sen é conhecido como Zhongshan. Quando morreu, em 1925, a cidade adoptou o nome do mais ilustre filho da terra.

Zhongshan é também conhecida pelas suas termas

Um banho de leite e café

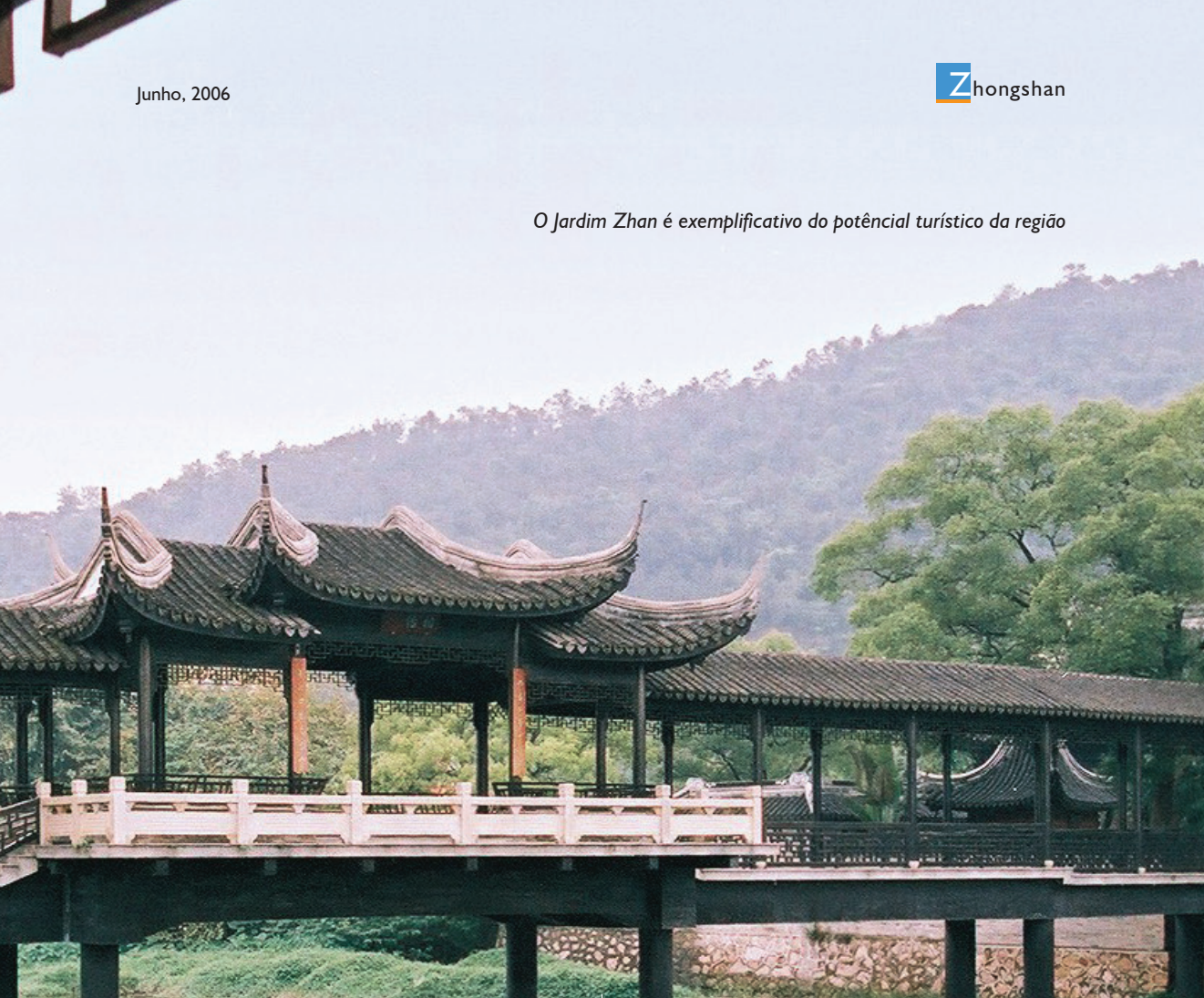
Apesar de muito popular entre os chineses, Zhongshan também é um bom destino para estrangeiros. É relativamente fácil meter conversa com as pessoas na rua. Mas nada melhor do que socializar enquanto se toma banho. E aqui há muitos sítios para o fazer, porque Zhongshan também é conhecida pelas suas termas.

O *resort* termal mais conhecido fica a meio do caminho entre Zhongshan e Macau e, por isso, é uma opção para relaxar na viagem de regresso. Logo à chegada, os visitantes são recebidos por uma grande fotografia de Deng Xiaoping. O líder chinês ficou aqui, nos anos oitenta, quando preparava a criação da Zona Económica Especial de Zhuhai. E também aqui deixou uma história para contar. Aos 79 anos, subiu o monte Luo San Mei (fica ali mesmo atrás do resort). Ao chegar ao fim do caminho, prometeu que não voltava para trás. Era preciso abrir novos caminhos.

É história repetida até à exaustão por todos os trabalhadores do *resort*. Afinal, esta foi a época gloriosa do hotel. Decidiu-se que as águas termais da zona iriam, a partir daí, também ter uma vocação económica. E, pela primeira vez, construi-se um hotel na China com capitais vindos do país e do estrangeiro. "Estas foram as primeiras termas a abrir em Zhongshan. Mas, hoje, aqui à volta, há mais cinco ou seis.

Ruan Shao Lan promove um dos muitos resorts de Zhongshan

O Jardim Zhan é exemplificativo do potêncial turístico da região



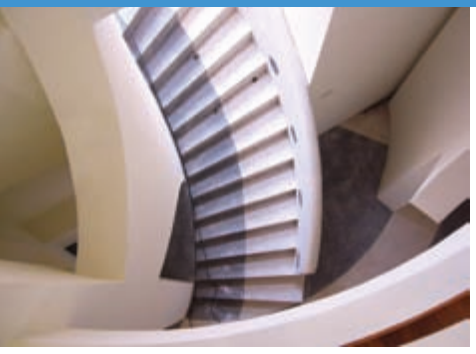
Há uma forte competição entre elas", diz Ruan Shao Lan com um ar prático. Ruan é uma jovem com um ar executivo, que há três anos tem a difícil tarefa de publicitar o hotel e bater a concorrência.

A competição aguçou a imaginação e engenho de Ruan e dos colegas. A grande atracção é o Éden: um grande jardim, com um ar *zen*, mais de 30 piscinas vaporosas (afinal a temperatura da água oscila entre os 30 e os 40 graus). Sempre rodeadas de árvores e de funcionários preparados a dar uma massagem aos corpos mais doridos. Ao longe, entre as árvores e palmeiras, soltam-se fumos e um líquido castanho. O cheiro é de café, mas deve ser uma ilusão (são dez horas da manhã). Segue-se o aroma e confirmam-se as suspeitas: é mesmo café, mantido numa piscina a 42 graus. Uma tigela gigante à espera do mergulho do próximo hóspede mais ensonado. Quem não se dá bem com o café pode mergulhar (literalmente) noutros sabores que lhe tirem o sono. Por entre as árvores vai aparecendo a piscina de leite, essências, menta e até vinho! Sabores à escolha conforme a hora do dia e o gosto do freguês.

Com tanta escolha, passa-se ao lado do mais óbvio: aproveitar as propriedades terapêuticas destas águas. "Temos duas piscinas para tratamentos específicos. Os mais idosos, sobretudo as pessoas que têm reumatismo, vêm cá muito para se submeterem a este tipo de tratamentos médicos." E pode dar jeito, depois de um fim-de-semana exaustivo a andar pelas ruas de Zhongshan.

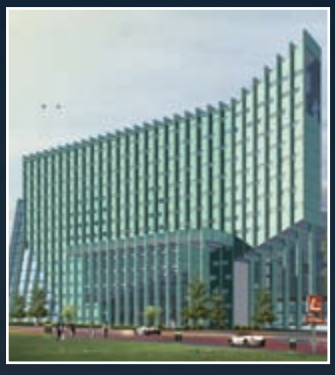
Os dois arquitectos junto à praça de Nam Van, premeada pela Arcasia

Uma lança em Harbin



O ano de 2005 foi de excelência para Carlota Bruni e Rui Leão. "Nascemos ambos no ano do Galo e tudo correu bem no ano passado", diz com um sorriso nos lábios a arquitecta italiana. Além de terem ganho, com a praça Nam Van, desenhada em parceria com o mestre Manuel Vicente, a medalha de Ouro da Arcasia (concurso que abrange projectos na categoria de Edifícios Públicos na Ásia), venceram ainda o concurso internacional para o novo Teatro-Ópera de Harbin e viram chegar ao fim a recuperação do Quartel dos Mouros, o primeiro edifício incluído na lista de Património Mundial da Unesco a ser recuperado na RAEM.

A dupla de arquitectos de Macau mostra-se muito satisfeita com a entrada no competitivo mercado chinês. "Todos os grandes arquitectos europeus estão a trabalhar na China, designadamente em Xangai e Pequim", sublinha Rui Leão. É que, explica, "há hoje o desejo de que a arquitectura desempenhe uma função visual, política e social. Os clientes, privados e públicos, estão apostados em criar ou modernizar as cidades de um país que se vai afirmando como uma grande potência mundial. O objectivo não é o de fazer coisas fechadas, dar uma imagem de si pró-



Os arquitectos Carlota Bruni e Rui Leão ganharam o concurso internacional para a concepção do Teatro-Ópera de Harbin. A obra, que deve estar concluída em 2010, inclui também um centro cultural, um museu de arte e um hotel de cinco estrelas

pria, mas sim o de uma China aberta ao mundo, que procura absorver tudo o que tem valor".

Recorrendo aos melhores profissionais do planeta, "os chineses pedem-lhes para fazer o melhor que sabem e dar sempre mais um passo em frente em relação ao que até aí tinham feito. Os programas são diferentes e diversificados. Ao contrário do que se passa na Europa, onde os programas são mais conservadores, na China vive-se a possibilidade de a arquitectura mudar o mundo. Há uma espécie de laboratório, uma razão para reinventar a arquitectura e a sua linguagem", sustenta Rui Leão.

O primeiro passo para a entrada no mercado chinês deu-se quando foram convidados a fazer a tematização de um condomínio fechado numa cidade próxima de Cantão. "Por norma, não fazemos estas coisas, mas como havia espaço e as peças podiam ser concebidas em tamanho natural, decidimos aceitar o desafio", lembra Carlota Bruni. Os arquitectos reconhecem que, em projectos desta natureza, geralmente "há perda de escala, de contexto, de detalhe, de matéria". Mas em Cantão a situação foi diferente, pois "era possível manter a escala, pelo que tínhamos alguma coisa a copiar, a reproduzir. Quando re-

duzimos a escala estamos apenas a reproduzir brinquedos", adverte Rui Leão.

A opção foi então a de fazer não um parque temático mas um projecto pedagógico, que permitisse a quem nunca tinha visitado Portugal ter hipótese de, "ficar a conhecer um pouco daquele país", através da reprodução de algumas das suas obras mais emblemáticas.

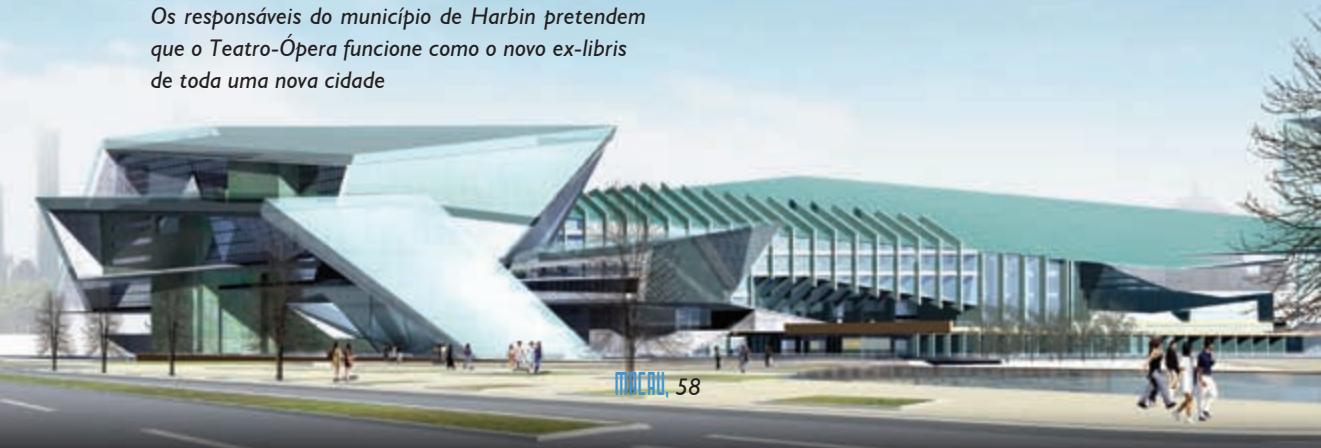
Reinventar a cidade

Esse estudo prévio teve grande visibilidade na China, pois esteve em exposição durante vários meses, o que, mais tarde, levou os responsáveis de Harbin a convidarem Carlota Bruni e Rui Leão a participarem num concurso internacional com o objectivo de criar uma nova imagem daquela cidade chinesa. "O programa prevê a construção de um teatro-ópera, um centro cultural, um museu de arte e um hotel de cinco estrelas. O local é fantástico, pois trata-se de uma frente comprida junto ao rio. O objectivo é o de construir uma nova cidade a partir desse local, à semelhança do que sucedeu com Lisboa, onde a cidade foi edificada a partir do rio", esclarece Rui Leão.

Os responsáveis do município de Harbin pretendem reinventar a cidade a partir do zero. Querem criar um ex-libris, uma imagem dessa nova cidade. O que, à partida, é uma proposta muito interessante, já que dá azo a grande criatividade", comenta Carlota Bruni. Dada a proximidade geográfica e cultural com a Rússia, Harbin está muito directamente ligada a esse país, o que justifica, por exemplo, que o teatro-ópera tenha características que fogem à estética tardicional chinesa. "O desenho urbano do centro histórico não tem nada a ver com a China antiga, antes fazendo lembrar cidades nórdicas, como Helsínquia", nota Rui Leão.

Depois de vários meses de estudo, os arquitectos de Macau desenharam um teatro-ópera que funciona como uma espécie de objecto com uma dinâmica própria e um movimento ensimesmado. O resto dos edifícios pretendem ser uma continuidade do rio, dando a ideia de uma paisagem. A relação fachada/telhado/chão está completamente subvertida, pois não se percebe onde acaba a fachada e começa o telhado. O contrato com os responsáveis de Harbin foi assinado em Janeiro e o projecto está agora em fase de elaboração do estudo prévio. As obras devem começar em 2008, prevendo-se que o complexo entre em funcionamento em 2010. Carlota Bruni e Rui Leão reconhecem que se trata de um passo muito importante, tendo em vista a internacionalização e a penetração num mercado tão competitivo e exigente como é o chinês. Do ponto de vista económico, dizem, ainda "não é muito compensador", mas em termos de realização profissional e de internacionalização do seu trabalho "não há hoje melhor mercado", sublinham.

Os responsáveis do município de Harbin pretendem que o Teatro-Ópera funcione como o novo ex-libris de toda uma nova cidade



Carlota Bruni e Rui Leão têm também o seu nome ligado à recuperação do Quartel dos Mouros

O melhor da Ásia

A praça Nam Van, em frente à Torre de Macau, desenhada por Manuel Vicente, Rui Leão e Carlota Bruni, ganhou no ano passado o Prémio da Arcasia (Conselho Regional dos Arquitectos da Ásia). O prémio, atribuído ex-aequo ao monumento aos mortos da bomba atómica de Nagasaki, da autoria do arquitecto Akiru Kuryu, é o resultado de um concurso aberto que se dirigiu a projectos construídos há mais de dois anos na categoria de edifícios públicos. Os premiados foram seleccionados a partir de propostas apresentadas por arquitectos dos 19 países membros da associação.

O Prémio da Arcasia é o reconhecimento internacional por uma obra que pretende dar mais vida a uma zona de grande expansão, junto à antiga Baía da Praia Grande, hoje um dos novos ex-libris da Região Administrativa Especial de Macau.

"O projecto estabelece uma sequência de relações entre o espaço urbano e a água. A margem do lago é desenhada através de uma variedade de tipologias-tipo: parque, passeio, cais, terraços", escrevem os autores na memória descritiva do projecto. A calçada à portuguesa, que se estende pelo chão da praça, "é um entrelaçado visual que se altera constantemente com o movimento do corpo. A sobreposição destas intenções cria uma relação simbiótica entre o desenho escultural das peças e os utilizadores".

Os visitantes e turistas podem passar da praça para a margem do lago, através de dois viadutos rodoviários, desfruntando depois da aproximação ao rio. A ampla praça está preparada para receber concertos e acolher eventos de grande dimensão, como os espectáculos de fim-de-ano e os festivais de gastronomia, já tradicionais no calendário lúdico da cidade.

Apesar de ostentar, entre outros, o título de "Fim da China", com origem na sua localização no ponto mais a Sul do país, Hainão pode representar para Macau o início de uma proveitosa cooperação. Edmund Ho, o Chefe do Executivo da RAEM, acredita que essa cooperação tem "um grande futuro"

Cooperação no Sul da China

Nos passados dias 20 a 23 de Abril, Edmund Ho visitou a ilha e encontrou-se com o governador de Hainão, Wei Liucheng, com quem debateu o reforço da cooperação bilateral.

Com 209 quilómetros de linha costeira, cerca de 2563 horas de sol por ano e temperaturas que oscilam entre os 21 graus em Janeiro e os 28 em Julho, a ilha reúne todas as condições para acolher um número superior aos 15 milhões de turistas que a visitaram no ano passado.

Nesse sentido, os dois governantes trocaram impressões sobre as formas de concretizar uma cooperação mais estreita e intensa no quadro do Grande Delta do Rio das Pérolas ("9+2), com especial incidência no turismo, aproveitando as

características especiais e a complementaridade de recursos.

"Achamos que há condições extraordinárias, especialmente para a cooperação entre Macau e Sanya", afirmou Edmund Ho após o encontro. "O Governo de Macau, num futuro próximo, vai encorajar muitos dos investidores e empresários locais na área do turismo para visitarem Hainão e a cidade de Sanya e procurarem formas de cooperação", acrescentou, concluindo que "acho que temos um grande futuro."

Ainda sem acordos, apesar da consonância, é de crer que só depois de Setembro se conheçam os contornos exactos da cooperação entre as duas regiões e os respectivos empreendedores locais.

"Acho que ainda é muito cedo para afirmar que vão existir protocolos formais", comentou Edmund Ho. Revelou, por outro lado, que "o governo de Sanya vai liderar uma delegação de grande capacidade que participará na Feira Internacional de Macau (MIF), em Setembro" e que "o governo de Macau fará tudo o que puder para apoiar a concretização de negócios em qualquer acordo ou cooperação futuros entre as duas regiões".

À espera das visitas

Hainão foi designada Zona Económica Especial em 1988. Nos últimos anos, a região foi dotada de infra-estruturas como estradas, caminhos de ferro, portos e aeroportos, destinadas a servir os turistas que os governantes locais esperam receber, atraídos pelas condições balneares de excelência e pela natureza em estado "quase intacto", como referiram peritos em questões do ambiente das Nações Unidas.

Outra das atracções são os luxuosos complexos hoteleiros que se perfilam ao longo da extensa costa de Sanya ou entre os recortes dos rios e dos lagos de Boao, onde também existem termas.

Além das praias, encontram-se ainda na zona de Sanya diversos parques construídos em torno de símbolos que fazem parte da história da ilha, como o Parque Nacional de Nanshan, onde é possível apreciar sinais das culturas tradicionais. Aí está situada a estátua de Guanyin (a Deusa da Misericórdia, conhecida em Macau por Kun Iam), que com 108 metros de altura, e assente numa base de 120 metros de diâmetro, é porventura a atracção principal de um local considerado sagrado para os budistas, apesar de o parque ter sido construído há apenas dez anos.

Outro ponto de interesse é o parque de Daxiao-Dongtian, onde há uma rocha que ostenta a inscrição de um poema do antigo presidente Jiang Zemin, inspirado na beleza do cenário.

À procura do crescimento conjunto

De 21 a 23 de Abril, a pacata vila piscatória de Boao, na província de Hainão, voltou a ser o centro económico e financeiro da Ásia, onde empresários e governantes se reuniram no âmbito do V Fórum Boao para a Ásia, que este ano teve como tema: "Asia Searching for Win-Win: New Opportunities of Asia"

Na verdade, as possibilidades de um crescimento conjunto e de novas oportunidades para os países que se encontram abaixo dos patamares e níveis dos líderes regionais, marcou a agenda dos trabalhos. A expressão "win-win", a que corresponde uma estratégia de dinamismo em que todas as partes envolvidas saem beneficiadas, foi a palavra-chave para perceber os caminhos futuros de uma região com enorme potencial e onde ainda existem grandes assimetrias.

Nas mais de cem mesas redondas e sessões realizadas entre os 850 participantes foram abordados tópicos como a energia, a Ronda de Doha para o Desenvolvimento e as conversações no seio da Organização Mundial do Comércio. O sistema bancário da China, o sector do imobiliário, a indústria automóvel, a reforma das empresas estatais, a educação, a cultura, a segurança social e ainda a protecção do ambiente compuseram o restante elenco das matérias em foco.

No Fórum foi ainda apresentado o Relatório Anual de 2006, elaborado pelo Instituto do Fórum Boao para a Ásia. O documento analisa as economias dos 39 países que integram a denominada Ásia Emergente.

De acordo com o relatório, o ciclo de crescimento prossegue, assente numa relação de trocas comerciais cada vez mais global. A China surge invariavelmente em primeiro lugar, no que diz respeito aos indicadores de crescimento, logo seguida da Índia.

A aceleração, "mais do que esperada", no sector da exportação, particularmente no que diz respeito aos produtos e componentes electrónicos, bem como o fim das quotas preferenciais para a exportação de têxteis, em Janeiro de 2005, são apresentados como dois dos principais motivos para o crescimento da região.

O aumento da prática da produção transfronteiriça, com a China a assumir preponderância, resultou na integração definitiva da Ásia na cadeia global de produção. De facto, desde os anos 90 que a China se tornou a localização favorita de vários fabricantes. Só nos últimos 10 anos, mais de 300 mil fábricas instalaram-se no país, beneficiando das vantagens estruturais que a China oferece aos investidores. A grande parte destas fábricas dedica-se à produção e à montagem de componentes que são, depois, exportados para os mercados industrializados. Em 2005, o valor das exportações destes produtos representou cerca de 55 por cento do total das exportações da China.

Edmund Ho optimista

O Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, Edmund Ho, foi um dos sete governantes convidados pela organização da quinta edição do evento, à semelhança do que aconteceu nas anteriores quatro edições.

Segundo o Chefe do Executivo, o Fórum Boao transmitiu muito optimismo: "Todos ouvimos o discurso do Vice-presidente, Zeng Quinghon. O novo plano quinquenal vai permitir condições excelentes, não só para o desenvolvimento e crescimento sustentado da China, mas também vai oferecer grandes oportunidades a muitos países asiáticos, enquanto parceiros estratégicos."

Relativamente ao papel de Macau no seio do desenvolvimento de toda a região asiática, o Chefe do Executivo da RAEM revelou-se pragmático: "É muito simples: o que é bom para a China é bom para Macau. E o que é bom para a Ásia em geral, também é bom para Macau."

H. P.

O Chefe do Executivo, foi um dos sete governantes convidados a participar no Fórum Boao

Foto: GCS

澳門
區域性商貿服務平台
MACAO
a regional economic and trade co-operation platform

澳門貿易投資促進局
竭誠為您服務
IPIM - ALWAYS at YOUR SERVICE

- 投資者一站式服務
  One Stop Service for Investors
- 離岸業務（非金融）
  Off-Shore Service (non-finance)
- 經貿推廣活動
  Exhibition & Trade Show
- 商業資訊
  Business and Trade Information
- 澳門商務促進中心
  Macao Business Support Centre
- 申請投資居留
  Residency Application for Investors
- 本地企業服務中心 - 會員計劃
  Macao Enterprise Service Centre - Membership Scheme

澳門貿易投資促進局
Macao Trade and Investment Promotion Institute

澳門友誼大馬路918號世界貿易中心一至四樓
Av. Amizade No.918, World Trade Centre, 1st to 4th Floors, Macao
Tel: (853)710300 Fax: (853)590309 Email: ipim@ipim.gov.mo
Website: http//www.ipim.gov.mo/

24小時 電話查詢熱線
24-hour enquiry hotline
(853)881212

Parcerias reforçadas

O 2º Encontro Empresarial China/Países de Língua Portuguesa, realizado em Lisboa, permitiu o reforço de parcerias. Macau reafirmou o seu papel de plataforma de cooperação, Portugal encontrou o seu parceiro de distribuição no mercado chinês e os empresários viram criadas novas linhas de crédito ao investimento

Comitiva da RAEM ao Encontro Empresarial

Mais de 275 empresas chinesas e dos países de língua portuguesa, correspondendo a um total de cerca de 400 empresários, participaram no 2º Encontro de Empresarial China/Países de Língua Portuguesa, que decorreu em Lisboa entre os dias 10 e 11 de Abril último. Organização conjunta do ICEP – Instituto das Empresas para os Mercados Externos de Portugal, CCPIT – Conselho de Promoção de Comércio Internacional da China, e IPIM – Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, o Encontro foi palco para a assinatura de vários acordos visando o incremento da cooperação comercial entre a China e os países lusófonos. No âmbito do Encontro realizaram-se cerca de 620 encontros empresariais bilaterais.

O ICEP assinou com o seu homólogo IPIM um protocolo que visa a criação de um centro de negócios de Portugal em Macau e celebrou com o grupo chinês Nam Kwong uma parceria para a distribuição de produtos portugueses na China. Só nos dez primeiros meses de 2005 Portugal exportou produtos no valor de 180 milhões de dólares norte-americanos, representando um aumento de 57,4 por cento relativamente a 2004.

No âmbito da iniciativa privada, o grupo BPI (Banco Português de Investimento) assinou um protocolo de cooperação com a Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos (ACIML), sediada em Macau, tendo como principal objectivo "promover a cooperação comercial, financeira e de investimento entre empresas e entidades sediadas nos PALOP e empresas e entidades sediadas na República Popular da China ou nas Regiões Administrativas Especiais de Macau e Hong Kong". Do acordo, o grupo BIP destaca aspectos como a criação de linhas de garantia para clientes importadores para operações com origem na Região Ásia-Pacífico, e a prestação de serviços bancários aos associados da ACIML em condições preferenciais.

O Encontro reuniu os outorgantes do Protocolo de Cooperação entre Organismos de Promoção Comercial/Câmaras de Comércio da China e dos Países de Língua Portuguesa assinado em Outubro de 2003, em Macau, que expuseram as oportunidades de negócios nos seus mercados. São assinantes desse protocolo a

Câmara do Comércio e Indústria de Angola (CCIA), a Agência de Promoção de Exportações e Investimentos do Brasil (APEX), a Cabo Verde Investimentos – Agência Cabo-verdiana de Promoção de Investimentos (CI), a Direcção de Promoção do Investimento Privado da Guiné-Bissau (DPIP), o Instituto para a Promoção de Exportações de, Moçambique (IPEX) e a Divisão do Investimento e Turismo do Ministério do Desenvolvimento e do Ambiente de Timor-Leste (Instituto para a Promoção do Investimento e Exportação da República Democrática de Timor-Leste - TradeInvest Timor-Leste).

O chefe da delegação chinesa ao Encontro, Sui Jianmin, afirmou, durante a sua intervenção, que as novas directrizes do 11º plano quinquenal (ver pág. 66) permitirão aumentar o comércio bilateral entre a China e os Países de Língua Portuguesa. A mensagem de cooperação foi reiterada por Ye Yao, presidente da delegação do CCPIT em Guangdong (província contígua a Macau que representa cerca de 12 por cento do Produto Interno Bruto nacional), que exortou à participação dos empresários lusófonos na 3ª Feira de Pequenas e Médias Empresas na Feira Internacional de Cantão, que qualificou como "uma importante plataforma para as empresas dos países lusófonos". A Feira de Cantão, considerada um dos mais importantes eventos do calendário promocional chinês, conta com a participação de mais de quatro mil empresas nacionais e mil estrangeiras e está agendada para os dias 15 a 18 de Setembro, logo após a realização da Feira Internacional de Macau.

Por seu turno, o secretário geral do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Wang Chegan, sublinhou o crescimento, nos últimos anos, do valor global das trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa. Em 2004 esse valor cresceu 65 por cento em comparação com 2003 e em 2005 atingiu o montante de 23,19 mil milhões de dólares norte-americanos, o que corresponde a um aumento de 26,9 por cento em relação ao ano precedente.

Entretanto, o ministro português da Economia, Manuel Pinto, confirmou já a sua presença na 2ª Conferência Ministerial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, que Macau acolhe no próximo mês de Setembro. O anúncio foi feito pelo secretário de Estado do Comércio, Fernando Serrasqueiro, que se deslocou à cidade de Weifang, província de Shandong, para participar no Fórum de investimento daquela cidade que este ano destacou Portugal. O secretário de Estado acrescentou que a visita de Manuel Pinto preparará a visita do primeiro-ministro português, José Sócrates, à China num futuro próximo, em resposta ao convite que lhe foi endereçado pelo seu homólogo chinês Wen Jiabao.

A apresentação das conjunturas económicas de cada país e região foi seguida de bolsas de contactos

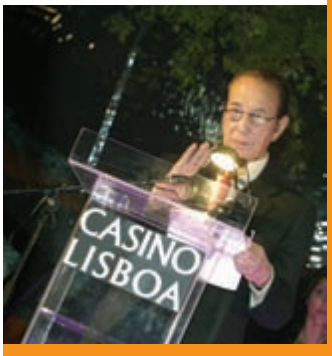
Macau alicia investimento lusófono

A RAEM pretende assinar acordos de dupla tributação e de protecção dos investimentos com os países de língua portuguesa, afirmou o secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, à agência de informação económica *Macauhub* (www.macauhub.com). "Já assinámos um acordo com Portugal e, com Moçambique, deverá ser assinado um ainda este ano", disse Francis Tam, acrescentando que os outros países de língua portuguesa reagiram "muito bem" à oferta de Macau de assinar acordos de dupla tributação extensíveis à China continental. Os acordos de dupla tributação visam proteger os investimentos realizados num dado país da duplicação do pagamento de impostos sobre os rendimentos aí auferidos. Um próximo passo para o reforço do papel de Macau enquanto centro de serviços entre a China e o mundo de língua portuguesa será a assinatura de acordos de protecção do investimento, adiantou o governante.

Zamcorp canaliza investimento chinês

Foi criada em Maputo a empresa Zamcorp, com capitais moçambicanos, macaenses e portugueses, destinada à captação preferencial de investimentos chineses para o vale do Zambeze, região com maiores potencialidades de desenvolvimento de Moçambique. A Zamcorp foi constituída com um capital de 500 mil dólares norte-americanos, detido em 55 por cento pela Sogir, empresa pública de Moçambique associada ao Gabinete do Plano do Zambeze. O restante capital foi subscrito em 35 por cento pela Geocapital, dos empresários Stanley Ho, de Macau, e Jorge Ferro Ribeiro, de Portugal, e em 10 por cento pela Mozacapital, detida em maioria por um grupo de investidores privados moçambicanos.

Stanley Ho concretiza sonho lisboeta



Stanley Ho, sócio maioritário da Estoril-Sol e administrador-delegado da Sociedade de Jogos de Macau, concretizou um sonho antigo com a inauguração, na capital portuguesa, do Casino Lisboa numa cerimónia acompanhada por fogo de artifício e que reuniu mais de 600 convidados. Com uma área de 15 mil metros quadrados, um terço da qual dedicada ao jogo, a infra-estrutura dispõe de uma grande sala de espectáculos, bares, três restaurantes e zonas de animação, distribuídos por três pisos onde impera a decoração minimalista. Representando um investimento de 123 milhões de dólares norte-americanos, a Estoril-Sol prevê, para o corrente ano, receitas brutas de 86 milhões de dólares norte-americanos e, em 2010, superar as receitas do Casino Estoril, que presentemente rondam os 158 milhões de dólares norte-americanos.

Diversificação lusófona interessa a Shenzhen

De visita a Macau para reforçar relações bilaterais, o presidente da Câmara de Shenzhen, a maior zona económica especial da China, manifestou interesse em usufruir de algumas potencialidades de Macau, concretamente "dos contactos estreitos com a União Europeia e os países de língua portuguesa, para uma diversificação do mercado das exportações". Shenzhen, que é o quarto maior porto de contentores do mundo, está localizada junto à fronteira de Hong Kong com o continente. Tem uma população de 12 milhões de pessoas, uma área de dois mil quilómetros quadrados e um PIB per capita de 7161 dólares norte-americanos.

Turismo deve substituir o jogo

O sector do turismo tem de ser no futuro o centro da promoção do desenvolvimento económico de Macau, defendeu o Chefe do Executivo da RAEM. Numa interpelação à acção governativa pelos deputados da Assembleia Legislativa, Edmund Ho reconheceu que, nos últimos anos, a economia tem-se desenvolvido assente nos investimentos e nas apostas do sector do jogo, advogando porém que no futuro, esse papel deve ser assumido pela indústria do turismo. Além das convenções e reuniões, o Executivo pretende ainda apostar no desenvolvimento da vertente de organização de grandes eventos desportivos e culturais como forma de crescimento e diversificação económica.

Economia de Macau cresceu 6,7 por cento

O Produto Interno Bruto de Macau cresceu 6,7 por cento em 2005, face ao ano anterior, cifrando-se nos 92,59 mil milhões de patacas (11,5 mil milhões de dólares norte-americanos), enquanto o PIB per capita foi de 194.458 patacas (24.300 dólares norte-americanos). O investimento aumentou 56,9 por cento, em termos reais, relativamente a 2004, e as receitas totais do jogo subiram 8,3 por cento, em termos anuais. O número de visitantes cresceu 12,2 por cento, para mais de 18 milhões de pessoas, e o consumo privado cresceu 7,5 por cento, em termos reais, devido à melhoria da situação do emprego e ao aumento de rendimentos dos residentes.

Casa de Portugal em Macau "abraça" Timor

Pretendendo dirigir um abraço às crianças mais desfavorecidas de Timor-Leste, a Casa de Portugal em Macau organizou um périplo de 10 dias a este país, onde distribuiu mais de uma tonelada de artigos, desde material escolar a computadores e impressoras, brinquedos e material promocional dos 1.os Jogos da Lusofonia. A comitiva de meia centena de sócios, incluindo os participantes num torneio de futebol de salão organizado pelo Comité Olímpico de Timor, foi recebida pelas principais personalidades do país, incluindo o Presidente, Xanana Gusmão, o primeiro-ministro Mário Alkatiri, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ramos Horta, e o bispo de Baucau, Dom Basílio do Nascimento.

RAEM prepara Asiáticos de recinto coberto

Depois de uma campanha de promoção em Seul, a RAEM acolheu a 2ª Reunião de Coordenação do Conselho Olímpico da Ásia, encontro de preparação para os 2.os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto (JARC), a terem lugar em Macau em 2007. As 15 modalidades a disputar neste que será o terceiro grande evento desportivo que a RAEM organiza, depois dos Jogos da Ásia Oriental em 2005 e dos 1os Jogos da Lusofonia em Outubro próximo, são a aeróbica, bilhar, bowling, xadrez, dança desportiva, dança do dragão e do leão, jogos informáticos, desportos radicais, futsal, *hoop takraw* (modalidade desportiva tailandesa), atletismo em pista coberta, ciclismo de salão, hóquei em recinto coberto, *muay* (boxe tailandês) e natação em piscina curta (25 metros).

O plano das prioridades sociais

Respondendo às disparidades decorrentes do espectacular crescimento económico registado nos últimos anos, o Governo Central propõe, no seu 11º Plano Quinquenal, um novo modelo de desenvolvimento: mais lento e mais sustentado, dando prioridade às questões sociais, à qualidade de vida e o ambiente, em detrimento do incremento dos indicadores económicos

Foto: Lusa

"Pela primeira vez ficaram consagradas mais medidas de carácter social do que propriamente económicas", destaca o economista de Macau, Albano Martins, sublinhado que "as prioridades foram claramente para a 'panela de pressão' dos problemas sociais". Aprovado pelo plenário da Assembleia Popular Nacional (APN), o 11º plano quinquenal abandonou as tradicionais metas numéricas de crescimento, elegendo como principal objectivo a redução das desigualdades entre os centros urbanos e o interior rural.

Revelando índices de crescimento capazes de impressionar o mundo, o ritmo galopante a que foi prosseguindo nos últimos anos, para além dos "potenciais riscos financeiros" enumerados pelo próprio primeiro-ministro, Wen Jiabao, gerou também disparidades sociais e questões ambientais. O fosso entre ricos e pobres atingiu o seu expoente máximo desde a fundação da República Popular, em 1949 - um camponês ganha actualmente menos de um terço de trabalhador urbano. Esta é uma situação que o Governo Central quer alterar rápida e significativamente, no decurso dos próximos cinco anos, criando pólos de desenvolvimento no mundo rural.

Para viabilizar esta tarefa histórica foi lançado um pacote de medidas (ver caixa) que dita, por exemplo, a abolição do imposto agrícola – cobrado há mais de 2600 anos -, a criação de um sistema de saúde experimental e a isenção do pagamento de propinas na escolaridade obrigatória em meios rurais. Sem contabilizar o investimento público na construção de infra-estruturas, prevê-se que a despesa do governo, desde serviços de saúde a subsídios a agricultores, aumente cerca de 14,2 por cento, totalizando 42,4 mil milhões de dólares americanos.

Mantém-se todavia o intuito de desacelerar o crescimento económico, dos 9,5 por cento registados entre 2000 e 2005 para 7,5 por cento nos próximos cinco anos. Arrefecimento que leva o economista Albano Martins a recordar que "muitas das medidas anteriormente lançadas para travar o crescimento económico acabaram por ter o efeito inverso".

Também no campo ambiental o crescimento chinês teve sérios impactos, não só no meio ambiente, mas na próprio esgotamento das matérias-primas e dos recursos. Daí a intenção expressa pelo Governo de reduzir em dez por cento os níveis de descargas de poluentes, aumentando simultaneamente a eficiência energética.

No ano passado, a China consumiu metade da produção mundial de cimento, um terço do algodão, do arroz e do carvão, um quarto do aço e um décimo do petróleo. Contudo, para produzir 10 mil dólares de PIB consumiu mais 5,7 por cento da energia dos Estados Unidos e quase o triplo do que a Índia consumiu para os mesmos resultados económicos. O plenário da APN ficou ainda marcado pelo adiamento da promulgação de legislação sobre o direito de propriedade, matéria que suscitou um intenso debate ideológico. Yang Jingyu, director do Comité Legislativo da Assembleia Popular Nacional, esclareceu na circunstância que "diferenças de opinião" tinham levado à solicitação de mais de 11.500 opiniões sobre um articulado que será discutido apenas no próximo ano, à luz

A RAEM no Plano Quinquenal

Pela primeira vez Macau é parte integrante do plano quinquenal, que acaba de ser aprovado pela Assembleia Popular Nacional e que norteará a política económica do Governo Central nos próximos cinco anos. A estreia no articulado deve-se ao facto do plano anterior, relativo ao período entre 2000 e 2005, ter sido elaborado, ainda, em 1999, ano em que teve lugar a transferência de administração de Macau. O 11º plano dita que as vantagens de Macau "devem ser exploradas por forma a implementar mecanismos de cooperação multi-laterais, entre empresas e organizações industriais, e promovidos por organismos governamentais." A referência, única ao longo do documento de 20 páginas, extensivo à também Região Administrativa Especial de Hong Kong, surge sob a rubrica "Cooperação Regional e Abertura", onde é dada relevância à implementação do Acordo de Estreitamento das Relações Económicas e Comerciais entre o Continente Chinês e a RAEM. Também conhecido como CEPA (Commercial and Economic Partnership Agreement), o acordo, que entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2004, veio abolir tarifas aduaneiras para determinados produtos e facilitar as condições de acesso das duas regiões administrativas especiais ao mercado do do interior do País nas áreas de comércio de serviços e investimento.

A par de Hong Kong, a alusão a Macau no 11º plano quinquenal surge como uma mensagem de tranquilidade dirigida à comunidade internacional, mostrando que a China reconhece o alto grau de autonomia das suas duas regiões administrativas especiais, ainda que as englobe no projecto económico nacional, de que são parte integrante. O primeiro-ministro Wen Jiabao argumentou, aquando da apresentação do documento, que embora Hong Kong tivesse mantido não só a sua autonomia mas também o seu estatuto como uma das economias mais livres e centro financeiro internacional, o seu desenvolvimento não deveria ser visto fora do contexto do Continente, uma vez que este é o maior parceiro económico de Hong Kong e Hong Kong o seu maior investidor externo.. Por seu turno, o Continente é o principal fornecedor de Macau e representa o maior mercado de origem de turistas que viabiliza o actual modelo económico, assente na indústria do entretenimento. *L. P.*

Foto: Lusa

de uma interpretação da Constituição segundo a qual a propriedade estatal e a privada se revêem no mesmo plano.

Arnaldo Gonçalves, académico que se tem prestado ao estudo da ascensão da China no tabuleiro geoestratégico internacional, admite que este projecto-lei possa encerrar uma possível solução ao dilema da propriedade dos terrenos – desde a década de 50 totalmente sob a alçada do Estado. Fazendo eco de uma corrente de investigadores, incluindo vários reputados analistas chineses, e ciente das limitações que esta tese ainda enfrenta no modelo político chinês, Arnaldo Gonçalves admite que "a China só conseguirá assegurar o desenvolvimento sustentável no interior rural fazendo de cada agricultor um pequeno empresário".

Contando com perto de três mil elementos, a Assembleia Popular Nacional é o maior parlamento do mundo e o principal acontecimento do calendário político chinês

Fotos: Lusa

Principais objectivos do plano quinquenal 2006-2010

Crescimento económico:

• Crescimento anual do PIB de 7,5 por cento - de 18,2 triliões de remimbis (2,2 triliões de dólares norte-americanos), em 2005, para 26,1 triliões de remimbis (3,2 triliões de dólares) em 2010;

• crescimento anual do PIB per capita em de 6,6 por cento - de 13.985 remimbis (1 746 dólares americanos), em 2005, para 19.270 remimbis (2405 dólares americanos) em 2010.

Estrutura económica:

• Crescimento do valor acrescentado dos serviços no PIB, de 40,3 por cento, em 2005, para 43,3 por cento em 2010;

• crescimento do valor representativo do emprego dos serviços, de 31,3 por cento para 35,3 por cento, em 2010;

• crescimento do valor representativo do investimento na investigação e desenvolvimento, de 1,3 por cento, em 2005 para dois por cento em 2010;

• crescimento da taxa de urbanização, de 43 por cento, em 2005, para 47 por cento em 2010.

População, recursos e meio ambiente:

• Crescimento populacional, de 1,3 mil milhões, em 2005, para 1,36 mil milhões em 2010;

• redução do consumo energético por unidade do PIB, em 20 por cento, nos próximos cinco anos;

• redução do consumo de água por unidade de valor acrescentado industrial, em 30 por cento, nos próximos cinco anos;

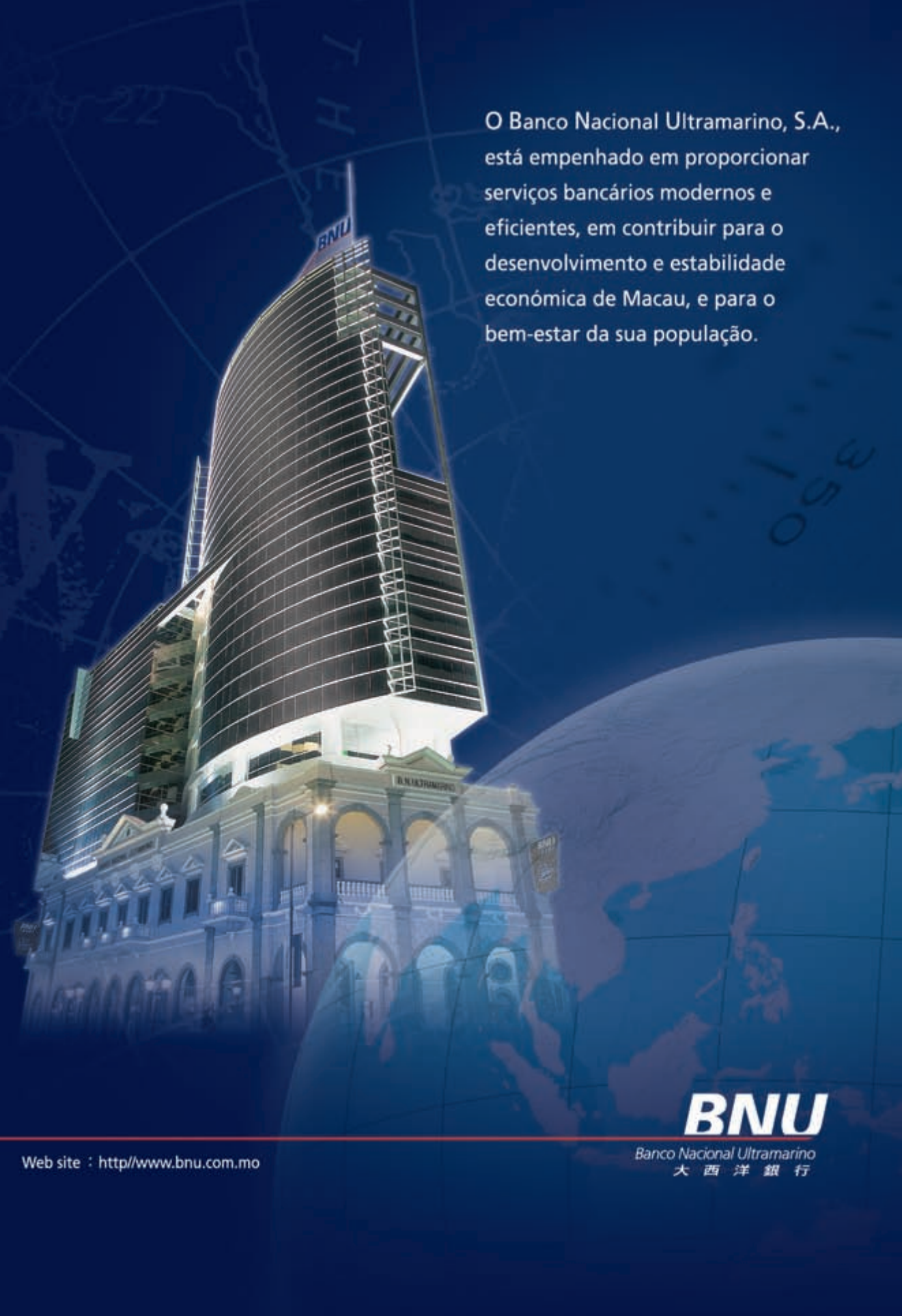
• aumento do coeficiente de eficácia no uso de água para irrigação, de 0,45 por cento, em 2005, para 0,5 por cento em 2010;

• aumento da taxa de utilização de resíduos sólidos

industriais, de 55,8, em 2005, para 60 por cento em 2010;
• redução do total da área cultivada, de 122 milhões de hectares, em 2005, para 120 milhões em 2010;
• redução em 10 por cento no valor total das descargas dos principais poluentes, nos próximos cinco anos;
• aumento da área florestada, de 18,2 por cento, em 2005, para 20 por cento em 2010.

Qualidade de vida

• Aumento da escolaridade média per capita, de 8,5 anos, em 2005, para nove anos em 2010;
• alargamento dos beneficiários da pensão básica de velhice, de 174 milhões de pessoas, em 2005, para 223 milhões em 2010;
• aumento da cobertura do novo sistema médico rural cooperativo, de 23,5 por cento, em 2005, para 80 por cento em 2010;
• criação de 45 milhões de novos empregos para residentes urbanos nos próximos cinco anos;
• transferência de 45 milhões de trabalhadores rurais para sectores não agrícolas nos próximos cinco anos;
• aumento da taxa de desemprego registada, de 4,2 por cento, em 2005, para cinco por cento em 2010;
• aumento do rendimento per capita disponível da população urbana nos próximos cinco anos - de 10.493 remimbis (1310 dólares americanos), em 2005, para 13.390 remimbis (1670 dólares americanos) em 2010;
• aumento do rendimento líquido da população rural nos próximos cinco anos - de 3255 remimbis (406 dólares americanos), em 2005, para 4150 remimbis (518 dólares americanos) em 2010.


O Banco Nacional Ultramarino, S.A., está empenhado em proporcionar serviços bancários modernos e eficientes, em contribuir para o desenvolvimento e estabilidade económica de Macau, e para o bem-estar da sua população.
BNU
Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行
Web site : http//www.bnu.com.mo

Análise

Crescer mais devagar

José I. Duarte *

A recente reunião da Assembleia Popular Nacional aprovou o novo programa económico do Governo para os próximos cinco anos – o 11º plano quinquenal, para usar a designação habitual. Aí se estabelece o objectivo de atingir, no novo quinquénio, um crescimento médio de 7,5 por cento ao ano. Valor abaixo, portanto, daqueles que se vêm verificando recentemente. Recorde-se que, nos cinco anos anteriores, a China registou um crescimento económico médio anual de 9,5 por cento. Esta clara intenção de abrandamento do crescimento pode parecer surpreendente: mas julgo que é justificada por, pelo menos, três ordens de razões.

Em primeiro lugar, relembremos que, desde que se iniciou o processo de abertura da economia chinesa, o país registou taxas de crescimento elevadas: aquele valor raramente se situou abaixo dos cinco por cento, nos últimos 25 anos. No entanto, os dois períodos em que as taxas de crescimento real ultrapassaram os dez por cento foram acompanhados de uma intensa pressão inflacionista. O valor da taxa de inflação aproximou-se dos 20 por cento na parte final dos anos 80 e, depois de uma breve retracção, roçou mesmo os 25 por cento em meados dos anos 90. O seu controlo requereu fortes medidas de contracção da economia, que travaram significativamente o crescimento. A memória desta experiência recente, por si só, justificaria alguma prudência no estabelecimento dos objectivos de crescimento para os próximos anos. Primeiro, para evitar a sucessão de períodos de expansão excessiva seguidos de períodos de contracção mais ou menos violenta; segundo, para prevenir os fenómenos de instabilidade económica e social que normalmente estão associados a tais oscilações.

Em segundo lugar, as fases de crescimento muito rápido – particularmente num quadro em que persiste algum desequilíbrio nos pesos relativos do investimento e do consumo - tendem a favorecer as regiões economicamente mais dinâmicas e, tendencialmente, a acentuar as disparidades entre, nomeadamente, as regiões do interior e as da orla marítima. Uma taxa de crescimento mais moderada - sobretudo se, como é a intenção manifestada, combinada com políticas de fomento do desenvolvimento e do bem-estar dirigidas para as regiões do interior - pode, se não corrigir, pelo menos contribuir para evitar o agravamento das assimetrias inter-regionais existentes na distribuição de rendimento e no acesso a serviços básicos.

Finalmente, e apesar da surpresa que tal possa causar, a China começa a deparar-se com problemas de escassez de mão-de-obra. À medida que a sua economia se torna mais sofisticada e as qualificações exigidas à força de trabalho aumentam, algumas das suas zonas mais desenvolvidas começam a confrontar-se com dificuldades em recrutar pessoal com as competências adequadas e com fenómenos de pressão salarial. Um crescimento mais lento poderá facilitar os processos de ajustamento necessários, nomeadamente os que dizem respeito à requalificação da mão-de-obra e à deslocalização interna da produção de bens de mais baixo valor acrescentado.

Em suma, a fixação de um objectivo de crescimento mais moderado, embora robusto, é razoável tendo em conta a necessidade de não comprometer a estabilidade da economia e a sustentabilidade desse mesmo crescimento no médio prazo. Proporciona, por outro lado, alguma margem de segurança, por assim dizer, relativamente aos níveis de crescimento para os quais os riscos de aumento da inflação e de acentuação excessiva dos desequilíbrios regionais e sociais se podem começar a manifestar de forma mais aguda.

* *Economista*

Gilberto Lopes

Os caminhos da integração regional

China e Índia mostram ter condições para assumir a liderança de uma maior integração regional, que no futuro reforce o papel da Ásia no contexto mundial

A convicção generalizada de que a Ásia terá influência crescente no concerto das nações permite também perspectivar que a China assuma, no curto e médio prazo, um papel cada vez mais preponderante no século XXI. De resto, o desenvolvimento da chamada ordem tripolar - Europa, América do Norte e Ásia – está na ordem do dia da reflexão norte-americana, como nota Noam Chomsky, um dos mais conceituados analistas de política internacional.

A integração regional na Ásia é hoje um tema fundamental e cada vez mais importante.

Os principais comentadores internacionais, revistas e jornais de referência como o *The Wall Street Journal*, *Economist* e *Times*, multiplicam textos nos quais se demonstra que a eventual constituição de um bloco económico e político na Ásia contribuirá para reafirmar o papel que Pequim virá a desempenhar na primeira metade do século XXI. A China afirma-se naturalmente como um dos dois líderes regionais emergentes, a par da Índia. Os dois grandes gigantes asiáticos podem ter muito a ganhar com um entendimento e com uma estratégica concertada, na opinião, por exemplo, de Siddarth Varadarjam. Na opinião do subdirector da revista *The Hindu*, se o século XXI vai ser "o século asiático", a passividade da Ásia no sector energético "terá de ter fim".

Em Janeiro último, um acordo assinado em Pequim "abriu caminho para que a Índia e a China colaborem não apenas em parcerias no campo da alta tecnologia como também na exploração e produção de hidrocarbonatos. Associação, essa, que poderá alterar fundamentalmente o sector mundial de petróleo e gás natural", assinala Siddarth Varadarjam.

A China tem também reforçado a cooperação com a Rússia e outros países, tendo em vista a exploração de gás natural, tema que se revelou central nas recentes deslocações do primeiro-ministro, Wen Jiabao, não só à Rússia como também à Austrália e à Nova Zelândia. Com Camberra, a China pretende estabelecer uma parceria que lhe

permita ter acesso às reservas de urânio (a Austrália tem 40 por cento das reservas mundiais).

De acordo com Noam Chomsky, outro passo que já está a ser equacionado é o de um mercado asiático de intercâmbio em euros. Para o analista norte-americano, o impacto desta medida estratégica no sistema internacional e no balanço de poder global "pode ser significativo". Ainda segundo o citado analista, foi para contrabalançar o eixo Pequim-Nova Deli que George Bush se deslocou já este ano à Ásia, com o objectivo estratégico de manter a aliança com a Índia, a quem ofereceu cooperação nuclear e outros incentivos.

Um dos objectivos estratégicos que norteia a diplomacia chinesa tem sido o reforço das suas relações políticas e económicas com todos os países produtores de petróleo, como é o caso da Venezuela e de Angola. Em 2005, a Venezuela, oitavo produtor mundial de petróleo, decidiu também integrar o bloco económico Mercosul, que abrange os principais países da América do Sul. Os presidentes da Argentina e do Brasil, Nestor Kirchen e Luís Inácio Lula da Silva, saudaram a decisão de Caracas, sublinhando que se trata de um novo capítulo na integração regional. A verdade é que essa decisão aumenta também o interesse potencial da Venezuela para parceiros internacionais como a China, uma vez que, para além do valor específico das suas matérias-primas e do seu mercado interno, transforma aquele país em mais uma das portas de entrada no mercado integrado sul-americano.

Com Angola, a China acaba de estabelecer uma parceria para a construção de uma nova refinaria de petróleo. O investimento envolvido, no valor de três mil milhões de dólares norte-americanos, destina-se a criar uma capacidade de produção na ordem de 200 mil barris diários, a cargo da joint-venture Sonagol-Sinopec, ambas empresas públicas.

O reforço da importância do bloco asiático no Mundo passa, essencialmente, pelo que for feito ao nível energético. Os dois gigantes desta parte do Globo estão, de resto, apostados em reforçar parcerias ao nível do gás natural, que é considerado pelos analistas como uma das mais importantes fontes de energia para o século XXI. "Só os países que dominarem o mercado do gás natural e tenham acesso a grandes quantidades de petróleo poderão ter ambição de aumentar a sua influência no Mundo", garante Siddarth Varadarjam.

O mais recente passo no sentido da integração regional foi dado com a proposta japonesa da criação de uma zona de comércio livre, com base em pressupostos semelhantes aos modelos do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e da União Europeia (UE).

Se a proposta japonesa se concretizar, a "Ásia dos 16" poderá reunir metade da população mundial, representando um quarto da riqueza do planeta. O "Acordo de Associação Económica da Ásia e do Sudeste Asiático" incluiria o Japão, a China, a Coreia do Sul, a Índia, a Austrália, a Nova Zelândia e dez países do Sudeste Asiático (Mianmar, Brunei, Cambodja, Indonésia, Laos, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Vietname). Este último grupo, entretanto já integrado na Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean), assinou em Julho de 2000 uma aliança comercial e diplomática com a China, o Japão e a Coreia do Sul. Em 2010, o acordo entre a China e a Asean englobará uma população de mais de 1,7 mil milhões de pessoas.

Brasil e China com ligações directas

Após cinco anos de negociações a transportadora aérea brasileira Varig, com grandes expectativas no mercado asiático, e a sua homóloga Air China passaram a assegurar ligações directas entre o Brasil e o Continente chinês por meio de voos compartilhados com escala em Frankfurt, Alemanha. Os dois voos diários, ligando o Rio de Janeiro e São Paulo a Pequim e Xangai, são comercializados a partir de 5100 dólares norte-americanos, em classe executiva, e 1350 dólares norte-americanos na classe económica. A China juntou o Brasil à lista de destinos turísticos autorizados em 2004, por ocasião da visita do Presidente brasileiro Lula da Silva.

China recruta mais estrangeiros

A falta de quadros qualificados levou a China a duplicar o número de recrutamentos ao exterior, embora sejam menos as posições de topo ocupadas por estrangeiros. Cerca 150 mil estrangeiros exercem hoje funções na China, quase o dobro dos registados em 2001, ano da adesão à Organização Mundial do Comércio. O aumento fica a dever-se ao maior número de estrangeiros a trabalhar em empresas de capital estrangeiro, nos escritórios locais das multinacionais e, mesmo, em departamentos governamentais. Os sectores que mais necessidade têm de quadros são os das telecomunicações, tecnologias da informação, energias e materiais alternativos e as indústrias financeiras e de alta tecnologia.

Economia de mercado ganha adeptos

Os chineses são os maiores entusiastas da economia de mercado, entre 20 países estudados pela Universidade americana de Maryland e a empresa de sondagens GlobeScan. Cerca de 74 por cento dos chineses responderam afirmativamente à pergunta "a economia de mercado é o melhor sistema no qual basear o futuro do mundo?", e apenas 20 por cento discordaram. A principal conclusão dos investigadores é a de que a maior parte da população aprova a economia de mercado, mas desconfia do poder das grandes empresas e quer uma regulação forte do Estado. De longe, os mais "desconfiados" são os franceses, metade dos quais manifesta uma opinião negativa em relação ao sistema.

Universidades chinesas apostam no Brasil

Cerca de 40 universidades chinesas vão participar numa feira educacional a ter lugar em São Paulo, no Brasil, no próximo mês de Outubro, com o objectivo de atrair estudantes brasileiros, anunciou a Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Económico. O presidente da organização afirmou que é muito importante estimular o intercâmbio de estudantes entre os dois países para uma melhor compreensão futura das línguas e culturas chinesas e portuguesas para aumentar ainda mais os fluxos comerciais e também de investimentos. O responsável realçou ainda que o Governo chinês tem interesse em promover o uso do idioma português na China, como forma de aproximação com os países de língua oficial portuguesa.

Comércio aumenta com os PALOP

As trocas comerciais entre os países africanos de língua portuguesa (PALOP) e a China aumentaram 26,9 por cento em 2005 para se cifrarem nos 23,19 mil milhões de dólares norte-americanos, anunciou Wang Chen An, secretário-geral do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, sediado em Macau. No caso particular de Portugal e segundo o presidente do Instituto das Empresas para os Mercados Externos – ICEP, Carlos Pacheco, as exportações para a China aumentaram 68,8 por cento em 2005, ano em que Portugal investiu cerca de 303 milhões de dólares norte-americanos na China.

Petrobras e *Sinopec* assinam contrato para gasoduto

A empresa estatal brasileira Petrobras e o grupo chinês *Sinopec* assinaram um contrato de 239 milhões de dólares norte-americanos para a construção de um gasoduto no Brasil. A empresa chinesa será responsável pelo projecto e construção do gasoduto Cabiúnas-Vitória, que levará gás natural para as regiões Sudeste e Nordeste do Brasil ligando as cidades de Cabiúnas, no Norte do Estado do Rio de Janeiro, a Vitória, capital do vizinho Estado do Espírito Santo, na região Sudeste do país. O contrato assinado com a *Sinopec* é apenas o primeiro de um projecto que inclui a construção de uma rede total de 1215 quilómetros para permitir a distribuição do gás natural importado da Bolívia e também do produzido no Brasil.

Concursos públicos chineses na Internet

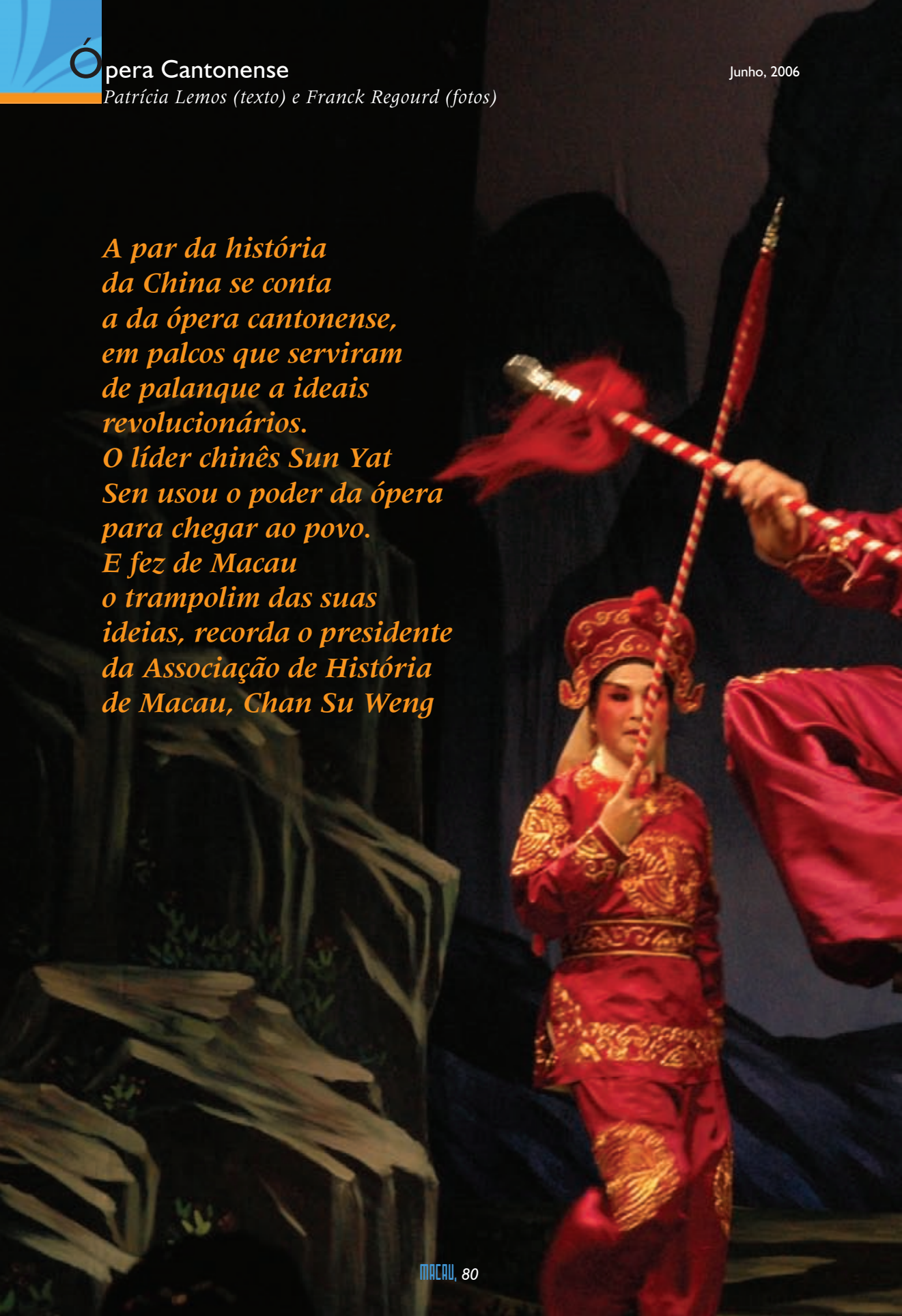
A China começou a publicar na Internet os concursos públicos internacionais levados a cabo no país. Os anúncios, que atingirão cem mil milhões de dólares norte-americanos anualmente até 2009, estarão disponíveis na página da *dgMarket* (www.dgmarket.com), que é uma organização sem fins lucrativos que visa permitir o acesso de mais empresas a concursos públicos internacionais e reduzir os custos das compras governamentais, aumentando a concorrência. Com os anúncios chineses, que terão um valor mínimo de 50 mil dólares norte-americanos, a página da *dgMarket* terá diariamente mais de 60 mil concursos públicos, de 150 países, no valor global de 500 mil milhões de dólares norte-americanos anuais.

Empresariado português estreia-se em Xangai

A *Filstone*, empresa portuguesa de comércio de rochas, abriu em Xangai um escritório e sala de exibição, passando a ser a primeira e única empresa portuguesa com presença comercial própria na capital económica da China. O objectivo da representação comercial da *Filstone* é aumentar, até ao ano de 2009, o volume de vendas para a China, dos 6,1 milhões de dólares norte-americanos de média anual nos últimos 15 meses, para os 10,1 milhões de dólares norte-americanos, tirando partido da explosão da construção imobiliária na cidade. Existem actualmente mais de duas mil obras em construção na China a utilizar pedras portuguesas.

Ópera Cantonense

Patrícia Lemos (texto) e Franck Regourd (fotos)



A par da história da China se conta a da ópera cantonense, em palcos que serviram de palanque a ideais revolucionários. O líder chinês Sun Yat Sen usou o poder da ópera para chegar ao povo. E fez de Macau o trampolim das suas ideias, recorda o presidente da Associação de História de Macau, Chan Su Weng

Foi no berço de Foshan, cidade da província de Guangdong, que a ópera cantonense primeiro encantou. Já lá vão oito séculos desde que a sua forma mais primária migrou do norte para o sul da China, onde cresceu e se fez ouvir por todo o país. É hoje em dia uma das tradições mais apreciadas na China. Das mais de três centenas de "irmãs", é a de Pequim a mais afamada das óperas. Mas a "mãe" de todas elas é a ópera Kun, que a UNESCO declarou Património Intangível da Humanidade em 2003.

Revoluções no palco

Na história da ópera cantonense contam-se episódios que trouxeram retrocessos mas acabaram também por impulsionar o desenvolvimento desta arte, que chegou a ser banida dos palcos, por nela se apregoar a propaganda ou por estar ligada a movimentos revoltosos. Homens houve que a usaram para fazer vingar os seus ideais, como o líder revolucionário que com o Kuomintang, o Partido do Povo, viria a pôr fim à monarquia e a proclamar a República, em 1911: Sun Yat Sen viu na ópera uma forma de chegar ao povo. Antes disso, outros o haviam tentado.

Um dos momentos-chave da história da ópera cantonense data de 1854. O cantor Li Wenmao e Chen Kaihe, líder do exército de Tiandi, transportaram nos "barcos vermelhos", típicos das companhias de ópera no sul da China, soldados de uniforme operático. Queriam derrubar o governo Qing. A insurreição acabou por ser esmagada e a ópera cantonense foi banida durante quase 15 anos, embora operasse clandestinamente. Só voltou a sentir o calor das luzes da ribalta em Foshan, aí fixando o seu epicentro. Ainda hoje, esta arte respira muito boa saúde nessa cidade, por força dos cuidados que 400 companhias lhe dedicam.

Memórias de Macau

Na opinião do presidente da Associação de História de Macau, Chan Su Weng, esse foi "um dos momentos mais importantes na história da Ópera Cantonense". Mas muito mais há para se contar no desfiar do passado da velhinha ópera. Historiador e jornalista, Chan traça no mapa memórias com raízes em Macau.

As cenas de "ópera cantonense que decoravam os tectos dos templos Á-Ma e Guan Yin, há 200 anos, retratam a importância do canto tradicional na região. Merecem ser recordadas por Chan, que elege o ano de 1797 como o primeiro a "evidenciar a existência desta arte em Macau". Quase meio século passou até que as óperas saíssem às ruas, entrando pelos templos para deleite dos deuses e dos crentes.

Antes e depois de 1911, os ventos de mudança deitaram por terra alguns paradigmas da ópera. Uma equipa de peritos de Foshan liderou a reforma para a criação de textos e de um padrão de actuação que convencionou coreografias e áreas da representação. Hoje são mais de 11 mil as peças de ópera inscritas no compêndio de Liang Peijin, um perito de Hong Kong que se dedicou a esse inventário. Inspiradas em mitos, na História e na literatura clássica, as peças reflectem o pensamento filosófico chinês, os valores Pátria, da lealdade e do amor.

Chan arranca do baú da História o ano de 1917, época de neutralidade em Macau, virgem dos pecados da guerra, "pelo desinteresse das nações a ela ligadas: China e Portugal", recorda. Pelo território iam e vinham gentes e a ópera conquistava o coração do público e de artistas amadores. Calados os gritos de revolta na China e em Hong Kong, um grupo de jornalistas do *China Daily*, nas mãos de Sun Yat Sen, fez de Macau o megafone dos seus ideais e criou a Companhia Yau

Tin Ying, também conhecida por Chi Si (Homens de Elevada Aspiração). "Estava ligada à Sociedade da Aliança Unida", um movimento liderado pelo próprio Sun Yat Sen.

Chan considera que a ópera viveu em Macau a sua época de ouro entre 1874 e 1960. E também o deve aos portugueses, que apreciavam esta tradição chinesa. Muito importante foi um antigo governador, António Sérgio de Sousa, que "aspirava a desenvolver a cultura na região, tendo para isso cedido terrenos sob a condição de neles se erguer um espaço dedicado à ópera cantonense". Nascia assim o famoso Cinema Ching Ping, hoje morada de muitos fantasmas da ópera, embora intenções existam de lhe dar um futuro mais auspicioso.

O impulso da guerra

"O período do pré e pós-guerra pôs Macau definitivamente no mapa da ópera cantonense", frisa Chan Su Weng. Não era o eco dos canhões que se fazia ouvir, mas o canto tradicional chinês. Eram palavras de resistência contra a invasão da China pelo Japão (1935-1945) que pontuavam as pautas. O grupo de jornalistas do *China Daily*, que nos bastidores contava com o poder de Sun Yat Sen, cantava contra o governo Qin, moldando a tradição a favor da mensagem. Também os cenários da ópera cantonense ganharam a terceira dimensão nos anos 20. Reflexos da então já florescente indústria do cinema de Hong Kong, sublinha Chan.

Macau era, à data, "uma espécie de quartel-general dos rebeldes", recorda Chan. Mais do que ideais políticos, a ópera servia ainda "para motivar as pessoas a não consumirem ópio, que as inibiria de lutar".

Inspiração quotidiana

Não era só o pensamento político a subir aos palcos de Macau, o quotidiano inspirava também os enredos. Cantava-se, por exemplo, o grande fogo que consumiu Dai Sha Tou, em Cantão.

Se a ópera cantonense conheceu sucesso em Macau muito o deve às famílias endinheiradas, que atraíam até às suas mansões companhias de outras regiões. Nos jardins, nos templos e nos cinemas, a ópera foi encantando a população. "Assim foi até aos anos 50". Como naquele tempo, os espectáculos ainda hoje têm muitas vezes fins de caridade, o que, na opinião de Chan, tem desviado a ópera cantonense do seu fim primordial, o cultural, aquele que a levaria mais longe, pondo cobro a um declínio que já dura há 20 anos.

Chan Su Weng: "O período do pré e pós-guerra pôs Macau definitivamente no mapa da ópera cantonense"

Futuro com o aval da UNESCO

Razões históricas para fazer de Macau o coração da ópera cantonense não faltam, garante o presidente da Associação de História de Macau, Chan Su Weng.

Há três anos que os governos de Macau, Hong Kong e Cantão trabalham na candidatura da ópera cantonense a Património Mundial da Humanidade. "Se a UNESCO aprovar o plano, existem grandes hipóteses de a tradição se desenvolver", acredita Chan. Tendo sido uma forma de representação cultural que passou de geração em geração através da transmissão oral, a ópera "deveria ser preservada nos dias de hoje, em Macau, através da sua inclusão no currículo escolar, promovida junto das populações mais jovens, sustenta.

A recuperação do Cinema Ching Ping ou a troca de experiências com as outras regiões são algumas sugestões complementares do presidente da Associação de História de Macau para ajudar a desenvolver a ópera em Macau. Nos festivais temáticos anuais, continua, poderia apostar-se em acções educativas, aproveitando melhor a passagem de profissionais de ópera vindos do interior do país e de Hong Kong. "É importante ainda que esta arte chegue às comunidades não chinesas de Macau, para uma maior promoção", conclui.

Ching Ping em grande plano

Foi perto da famosa Rua da Felicidade que se ergueu o Ching Ping. Uma sala de cinema onde ecoaram as vozes de cantores que conheceram a fama nos tempos áureos da ópera cantonense na região. Foi o então governador de Macau, António Sérgio de Sousa, que há cerca de 130 anos ergueu aquele templo da cultura, para convívio entre as artes do Ocidente e do Oriente: o cinema e a ópera, recorda o presidente da Associação de História de Macau, Chan Su Weng.

Naquele palco, os jornalistas do *China Daily*, a mando do líder chinês Sun Yat Sen, lutaram com arte contra o governo Qing. Ali reformaram a ópera que passou a ser cantada em cantonense e criaram os primeiros cenários a três dimensões. Um contacto com a cultura ocidental que se estendeu à música.

O Cinema Ching Ping, o primeiro em toda a Ásia, onde rodavam também muitos filmes, foi "o primeiro sítio oficial para as actuações de ópera cantonense", recorda Chan, lamentando o abandono daquele espaço cultural. Muitos são os que reclamam a reabertura daquela casa histórica. A memória tem-se avivado e existem planos para recuperar o edifício e animar o espaço. "Macau poderia tornar-se o centro da ópera cantonense, porque teve essa tradição na altura da Guerra do Pacífico", conclui.

O canto do coração

Nos bastidores da ópera cantonense explode o brilho das sedas e dos cetins entre os vapores do arroz. Uma exuberância que se opõe à serenidade dos actores. Tecido o enredo no tear dos camarins do Teatro Alegria, exibe-se com orgulho a trama de guerra. É por amor à tradição que os actores sobem ao palco. Afinal, muitos tiveram de pagar para ali estar

O mundo faz-de-conta da ópera cantonense arranca nos bastidores. Enquanto o carmim vai corando as faces dos actores, os lápis acentuam a simetria dos rostos e os olhos, já rasgados de si, espreguiçam-se até à testa. No avesso do palco desta arte tão nobre os actores parecem *pierrôs*. Há cores que gritam dos cabides para ser vestidas, caixas de ferramentas apinhadas de pós e cremes, madeixas em repouso num banho de resina. É nos bastidores que os membros da Associação de Ópera Chinesa Lai Chon de Macau e seus amigos pintam a tela de "Chun Jiao e Meng Yi". É no próprio corpo que desenham o cenário desta peça de opera cantonense. A plateia

Leong Kong Hong: "Na ópera são dez anos de ensaio para uma hora de espectáculo"

vazia do velho Teatro Alegria deixa a descoberto o cenário minimalista de uma ópera *mo*, divertida e cheia de acção, com que a Lai Chon celebrou em Novembro, em Macau, o Dia da Ópera Cantonense. Uma festa regional que se estendeu no abraço a Hong Kong e a Cantão.

No fosso da orquestra afina-se a artilharia de percussões. Um chinfrim que tortura um ouvido menos habituado. Duas horas antes de se contar a história de "Chun Jiao e Meng Yi", aquele é o único sinal de vida no teatro de uma das zonas mais chinesas de Macau. É dessa trincheira que espreitam os instrumentos ocidentais e orientais que nos anos 30 passaram a pontuar o festim da ópera cantonense. Nem o som adocicado do violoncelo atenua a estridência das percussões que comandam, de formas diferentes, os movimentos de cada personagem.

É por detrás do fosso da orquestra que se alinda a fantasia da ópera cantonense. Um mundo às avessas a despertar lentamente nos rostos, nos corpos dos actores. Aí se constrói o verdadeiro cenário desta forma de arte antiga que clama pela popularidade de outrora. Porque no palco o pano de fundo foi e sempre será minimalista, como no teatro pré-shakespeariano, o actor incorpora todo o intrincado mundo de artes que compõe a ópera chinesa. Como

representações de palco, um actor de ópera chinesa mergulha fundo no personagem e exibe a caricatura das emoções que descobre. Já nas outras artes de representação, o objectivo é realizar o sentimento real numa imagem ficcionada.

Uma história de amor

Na cave do Teatro Alegria, o cenário da ópera é tecido em duas horas. Os espelhos reagem aos primeiros sinais; reflectem as caras pálidas onde é desenhado, a preceito, cada traço da nova personalidade, que varia em personagens tipificados. A elegante Kan Siu Peng, a mulher-soldado na ópera levada ao palco, é quem melhor conhece os segredos da cosmética da ópera chinesa. A si se abeiram os rostos de alguns dos 20 actores. Há quase 15 anos que se deixou apaixonar por esta arte, mas nunca aspirou à profissão. Nem Kan nem os outros actores amadores. "Não há que sonhar com o que não é possível", afirma, encontrando eco nos seus amigos do palco. Ainda que as associações de Macau clamem por um maior apoio das entidades e do público, os actores parecem resignados ao amadorismo. Será mau sinal? Talvez não, porque esta é, acima de tudo, uma história de amor. Uma paixão que há mais de dois séculos enfeitiçou os palcos da ópera da região.

Muitos são reformados. Viveram a vida fascinados com o mundo da ópera chinesa. Sam, que já no colo dos pais sonhava ser actriz, estudou teatro ainda na adolescência. Subiu "muitas vezes ao palco", mas não ao da arte chinesa mais nobre. Há quatro anos deu ouvidos ao coração que há tanto batia pela ópera cantonense. "Reformei-me e tive mais tempo para me dedicar". A interpretar um papel masculino em " Chun Jiao e Meng Yi", Sam exibe com orgulho fotografias de outros vários eus: "Aqui sou eu no papel de mulher, nesta outra fotografia sou um homem". É na pele deste que se sente melhor, "porque a estatura e a voz adequam-se mais a esse tipo de personagem".

Com o lápis vermelho na mão, vai desenhando as linhas com que se cose o seu reflexo de palco. Retira cuidadosamente os cremes de uma caixa de ferramentas que lhe cobre o colo e dis-

Horas antes do espectáculo impera a tranquilidade, enquanto se cumprem rituais ligados à maquilhagem, aos figurinos e à religião

põe-nos na alvura do rosto. Não perde com isso o fio à meada e conta como o curso de um ano na Associação Geral dos Operários de Macau lhe deu chão para "continuar a ensaiar". Depois, fez-se membro da Lai Chon, "porque nesta companhia todos têm a oportunidade de ser protagonistas". Algo único em Macau, sublinha. Há-de chegar o seu dia, como sucedeu a João Tang, o presidente da Lai Chon, que era Meng Yi na peça daquela noite. Com mais de 20 anos de ópera, aprendeu a estar no palco em dois anos na antiga Escola de Ópera Cantonense de Macau, cujas portas fecharam em 1991. Depois, "muitas associações foram criadas em Macau", explica Tang, acreditando que estas, de alguma forma, colmataram a ausência de formação na região.

Amadores com muitas artes

Em "Chun Jiao e Meng Yi", por ser uma ópera mo, um tema de guerra, a coreografia é mais elaborada. Que o diga Leong Kong Hong, um actor profissional vindo expressamente de Cantão para ensinar aos amadores da Lai Chon alguns passos inspirados nas artes marciais. Mais do que o levitar das mulheres, a passada larga e pesada dos homens e o andar de perna aberta do intelectual, que caracterizam a Ópera *mun*, este tipo exige outros saberes.

Com o arroz encarnado num recipiente em equilíbrio sobre a mão, Leong, um chinês que de tanto gesticular mais parece ter sangue latino, diz-se encantado com a cena de amadorismo de Macau. É a primeira vez que contracena com cantores da região. Orgulhoso, pega no cartaz que anuncia "Chun Jiao e Meng Yi" e aponta para o seu personagem, um belo militar de vestimenta branca e azul, com bolas de veludo branco e pérolas no capacete. É o Rei Bárbaro. "Na ópera são dez anos de ensaio para uma hora de espectáculo. E esta peça que hoje se apresenta não é fácil, pois exige controlo de voz, movimentos muito precisos e ainda o contacto com os olhos", revela com o seu ar másculo e exuberante, que corta o ar de *pierrô*, composto por uma bata branca de corte tradicional chinês e uma toca preta na cabeça. É a base da sua máscara imponente.

De repente, um grito que vem do palco leva Leong dos espelhos. É tempo de fazer um último ensaio. Vários actores correm atrás de si e, no tablado, entre lanças e espadas, dão-se os últimos retoques. É Leong quem lidera as hostes. Nada complicado para quem é tão carismático e versado na ópera *mo*. Vai dando instruções aos actores, mas em caretas dá-se ao lamento: "Estou com barriga cheia de arroz e não é fácil movimentar-me em palco". Como ele, muitos outros acabaram de jantar faltava pouco mais de uma hora para as cortinas se abrirem.

Bilhete do espectáculo

Dia 27 de Novembro de 2005 – 19h45
Teatro Alegria
Ópera *mo* "Chun Jiao e Meng Yi"
Associação de Ópera Chinesa Lai Chon de Macau
Quatro meses de ensaio na sede da associação no Largo do Senado
Custos de cerca de 60 mil patacas
40 pessoas: 20 actores, 9 técnicos e 11 músicos

A Lai Chon ao raio-x

Associação de Ópera Chinesa Lai Chon de Macau
Criada em 1991
15 membros com idades compreendidas entre os 40 e os 50 anos
Quota mensal de 30 patacas
Subsídio anual do Instituto Cultural de Macau varia entre as 25 e as 30 mil patacas
Mais de 80 espectáculos com uma internacionalização em Lisboa
Aspiração máxima: realizar mais espectáculos a nível profissional

Grande azáfama

No grande camarim continua a labuta. Os fatos vão passando pelo ferro de Lai Si, as agulhas do jovem Chan Ga Lok, de 13 anos, dão os últimos pontos nos capacetes e as madeixas, no repasto do banho de resina e ervas, pegam-se aos dedos de Tami. Terá de as pentear antes de as colar no rosto dos actores. "Há muito trabalho a fazer", avisa, manobrando os longos cabelos. Muita daquela parafernália da ópera é comprada em Hong Kong e Cantão, onde laboram lojas especializadas, adianta Iun Son I, que pertence a outra associação de ópera cantonense e veio, com Tami e Lai, em auxílio da Lai Chon. Enquanto desvenda o mundo da ópera, vai passando a mão pelos trajes coloridos dispostos em muitos cabides: "A roupa dos soldados chineses é azul; os seus opositores vestem dourado e roxo". O público que já enche a plateia tem

de conhecer alguma da simbologia da ópera. Decifrar esses códigos é meio caminho andado para compreender a peça.

Não são apenas os *tá pau* (*take away*) junto às caixas de ferramentas apinhadas de pinturinhas nem o ensaio à última hora a marcar a diferença entre estes bastidores e os da ópera ocidental. Também o cenário minimalista, a música e o convite a tantas artes retrata a ópera chinesa. Até a forma de viver os minutos que precedem o espectáculo é distinta. Tem outra magia porque o amadorismo abençoa o camarim e aperta o laço de amizade entre os cantores que antes mesmo de cantarem "Chun Jiao e Meng Yi" contam nos bastidores a história de amor que há dois séculos enamorou Macau pela ópera.

P. L.

Patrícia Lemos

Um festim de culturas

festival

artes

Como que a concorrer com a Torre de Macau, um baobab ***de 15 metros de altura eleva as artes de rua do primeiro circo africano, com expressão cultural da Guiné-Conacri e técnica da Europa; no Templo da Barra, um palco de água embala mais de 150 marionetas do Vietname, recuperando histórias de aldeia com 900 anos de tradição; na Fortaleza do Monte, Portugal e China firmam laços antigos no encontro mágico da Ala dos Namorados com a Orquestra Chinesa de Macau... Boas surpresas, no Festival de Artes de Macau, que animou a cidade entre 11 de Março e 1 de Abril***

Mais do que uma trupe de malabaristas, trapezistas, dançarinos, músicos e contorcionistas, o ***Circus Baobab*** é um projecto cultural que pode ter salvo muitas vidas. E realizou os sonhos de muitas outras. Quem o diz é Isabelle Sage, directora de produção do primeiro circo africano, escolhido para abrir o Festival de Artes de Macau. Para o jovem dançarino Yamoussa Camara, ela é como uma mãe. Há oito anos era um dos muitos adolescentes da Guiné-Conacri que começava os dias sem saber se veria o pôr-do-sol. "Eles têm um entendimento da vida diferente do dos europeus, que são como crianças mimadas. Eles agradecem estar vivos todos os dias, porque são sobreviventes".

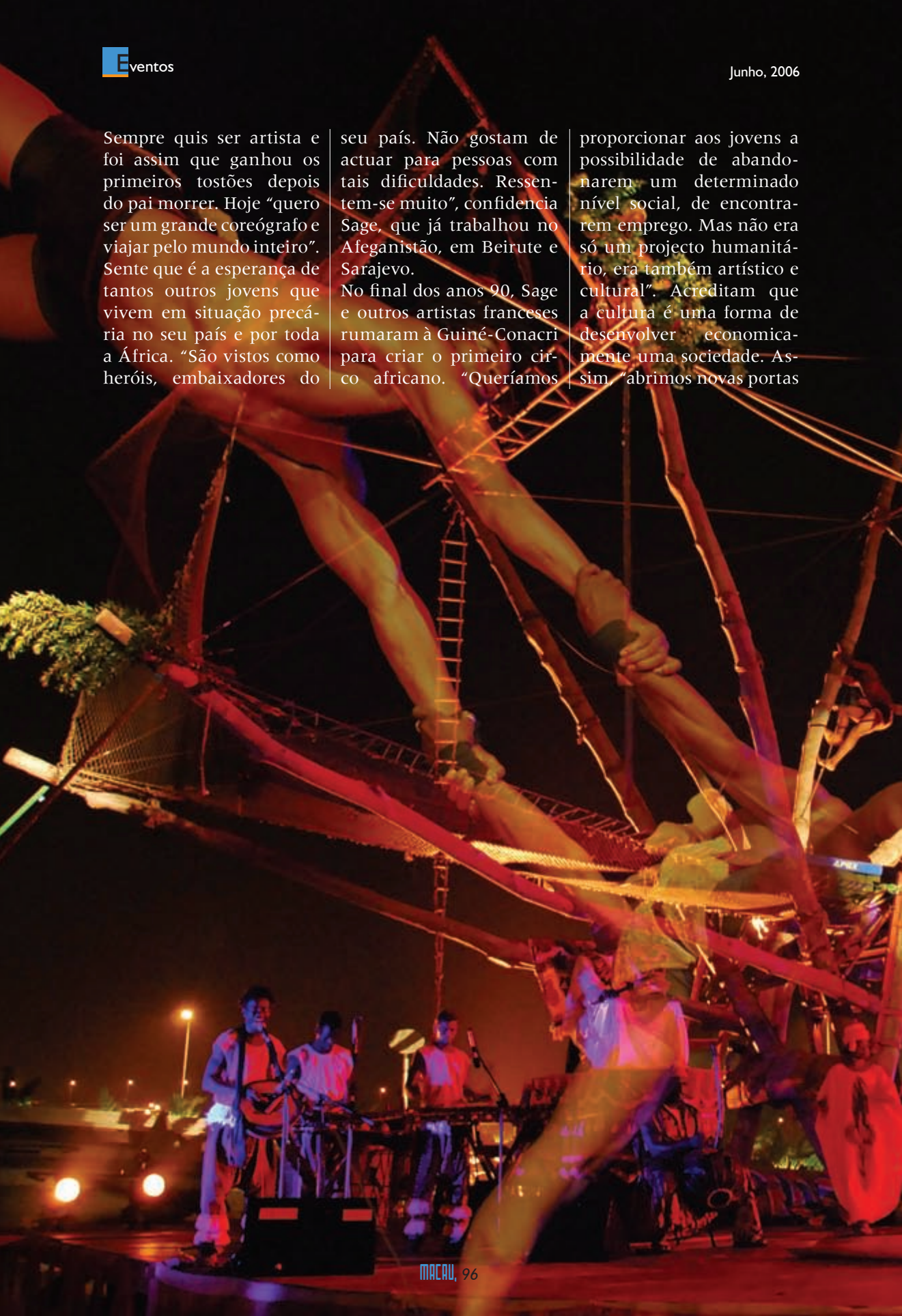
Camara perdeu o pai ainda jovem. Foi uma das muitas vítimas dos confrontos militares internos. Aos sete anos, "vendo a aflição da minha mãe, que não tinha dinheiro para a comida", meteu-se num avião com destino à Europa. Sage diz que "passou despercebido porque era pequenino, mas uma hospedeira deu por ele antes do avião descolar". Camara viu-se então obrigado a ficar mas, dez anos depois, o *Circus Baobab* realizou o seu sonho: "Ser artista".

A primeira vez que a trupe, fundada em 1998, saiu do continente africano foi exactamente para actuar em França. Desde então, têm visitado muitos países e Camara garante que ninguém o arranca da Guiné, onde estão a sua mãe e a família: "Tenho de levar dinheiro para casa para lhes dar prazer".

Fotos: Instituto Cultural

Sempre quis ser artista e foi assim que ganhou os primeiros tostões depois do pai morrer. Hoje "quero ser um grande coreógrafo e viajar pelo mundo inteiro". Sente que é a esperança de tantos outros jovens que vivem em situação precária no seu país e por toda a África. "São vistos como heróis, embaixadores do seu país. Não gostam de actuar para pessoas com tais dificuldades. Ressentem-se muito", confidencia Sage, que já trabalhou no Afeganistão, em Beirute e Sarajevo.

No final dos anos 90, Sage e outros artistas franceses rumaram à Guiné-Conacri para criar o primeiro circo africano. "Queríamos proporcionar aos jovens a possibilidade de abandonarem um determinado nível social, de encontrarem emprego. Mas não era só um projecto humanitário, era também artístico e cultural". Acreditam que a cultura é uma forma de desenvolver economicamente uma sociedade. Assim, "abrimos novas portas



a estes jovens, que viviam numa situação precária".
No início, "tudo aquilo me espantou muito, não sabíamos o que era o circo". Para Camara, "este tipo de projectos culturais são muito importantes no mundo inteiro. Somos um exemplo de sucesso, de como a cultura pode mudar a vida das pessoas".

O circo africano abriu a VXII edição do Festival de Artes de Macau

Do Thi Mui: "Antigamente, as mulheres não podiam integrar estas companhias"

Passado que não passa no Vietname

No cenário de uma cortina de bambu e de um palco de água habita a alma de marionetas com quase um milénio de história. Vêm das aldeias do Vietname, onde ainda hoje o pescador amanha o peixe e o agricultor lavra a terra. "É uma tradição viva", garante Do Thi Mui, a encenadora do *Teatro de Marionetas de Água Thang Long*, que entre 12 e 19 e Março montou um palco ao ar livre, junto o Templo de A-Má.

Fascinadas com aquele mundo de fantasias, onde há danças de dragões, búfalos flautistas, fadas e unicórnios a levitarem sobre as ondas, as crianças de Macau morderam o isco desta velha tradição num showcase que aguçou o apetite para a maratona de espectáculos daquela que é uma das artes mais populares do Vietname.

"Gosto do peixe", diz uma aluna chinesa,

Fotos: John Si

Marionetas vietnamitas fizeram as delícias de miúdos e graúdos

com 11 anos de idade, da Escola dos Moradores de Macau, uma das três instituições de ensino convidadas a participar no *showcase*. Outra aluna, de 6 anos de idade, tenta fugir à chuva que cai furiosamente sobre a calçada do Largo da Barra. Confessa que "não esperava nada daquilo". E elege como maiores atracções a dança dos pavões e a música.

As crianças aprenderam ainda muito sobre os instrumentos tradicionais que acompanham a aventura das marionetas no palco flutuante. Ali reflectem os sons arrancados da terra que embalam, por exemplo, o pescador na sua faina. Esse foi aliás um dos sketches favoritos da pequenada, sobretudo por causa do humor. A encenadora diz que é a parte mais popular do espectáculo, seja no Vietname, em França ou no Brasil, onde esta companhia deu um ar da sua graça em 1996. Foi "uma experiência muito boa", recorda Do Thi Mui, pois "os brasileiros têm uma cultura festiva".

No Vietname esta arte é muito popular. Miúdos e graúdos, homens e mulheres aprendem a construir as marionetas segundo um saber antigo. Mas nem todos os materiais de origem podem hoje ser empregues. Esse é o elemento de modernidade no trabalho desta companhia de teatro. Os temas, esses, continuam a dizer respeito à tradição antiga, que "ainda se mantém", explica Do Thi Mui, que se orgulha de liderar a Thang Long: "Antigamente, as mulheres não podiam integrar estas companhias. Há muitos anos as aldeias competiam entre si através das peças de marionetas, mas as mulheres de diferentes aldeias não guardavam segredo" sobre as surpresas que cada aldeia preparava e, por isso, acabaram por verem proibido o acesso a esta arte. Só nos anos cinquenta é que voltaram ao palco. E, como a própria Do Thi Mui, algumas assumem hoje em dia os destinos das trupes.

Para o compositor Manuel Paulo (em baixo à direita) o espectáculo da Ala dos Namorados e a Orquestra Chinesa de Macau na Fortaleza do Monte foi uma "fusão bem sucedida"

Namoro Portugal/China

Primeiro arranjou músicas lusófonas menos conhecidas, ou injustamente ignoradas, para um concerto que intitulou de CPLP (Canções Populares em Língua Portuguesa). Depois, Manuel Paulo ouviu o Oriente nas suas músicas durante o espectáculo da Ala dos Namorados e da Orquestra Chinesa de Macau, na Fortaleza do Monte, no dia 17 de Março. Dois momentos especiais que encantaram a assistência.

O CPLP "é um projecto para concerto". Durante um ano Manuel Paulo garante que vai andar na estrada, "mas de momento não existe a ideia de gravar um disco, porque o grupo, pelas suas características, é intemporal". O grande interesse reside "em reactivar canções de que gostamos, arranjá-las para a nossa sonoridade, sem nunca as trair", explica o músico da Ala dos Namorados.

Assim coabitam no mesmo espectáculo, as "Noites da Madeira", de MAX, "Mocinho Bonito", de Billy Blanco, e "Lua Nha Testemunha", de B.Leza. Também estão no alinhamento "Xote", de Gilberto Gil, e "Fado da Tristeza", de José Mário Branco.

Muitas das músicas que arranca dos baús da música ligeira portuguesa "caíram no esquecimento colectivo". Manuel Paulo refere-se, por exemplo, às de Tristão da Silva e de Francisco José. Admite até que tinha "o preconceito de que toda essa música era serôdia, desinteressante e de alguma forma o espelho de um salazarismo cinzento", até perceber que "temos canções ao nível do que de melhor se fez nessa época

em todo o mundo".

Manuel Paulo considera que "toda a música tem um enorme interesse cultural e é a forma de arte mais próxima das pessoas". Por isso considera que aquela "fusão bem sucedida" a que deram corpo no encontro entre a Ala e a Orquestra Chinesa de Macau, "transcende a lusofonia", demonstrando que culturas diferentes não são de forma alguma herméticas, antes podendo "valorizar-se mutuamente".

É um encontro a repetir e que "devia ficar registado", porque "Macau é um ponto de partida privilegiado para o Oriente, sendo Portugal um ponto de partida da China para o Ocidente". Por isso esta experiência realizada em Macau, diz, gostava de mostrar no Ocidente e na China.

Macaenses em festa na Vila Paraíso

O teatro foi outra das artes de palco privilegiadas no Festival de Artes de Macau. Em várias línguas, sobretudo em mandarim e em cantonense. Mas foi o patuá do *Grupo de Teatro Dóci Papiáçam di Macau* que mais se destacou. Os dois espectáculos da "Vila do Paraíso", em estreia no Centro Cultural, nos dias 25 e 26 de Março, esgotaram e a organização, o Instituto Cultural, foi forçada a marcar uma terceira sessão desta peça humorística representada no dialecto de Macau.

A "Vila Paraíso" foi edificada nos anos cinquenta. Foi a redoma da cultura macaense nas décadas que se seguiram, até que sopraram os ventos da modernidade, ali semeando a mudança da paisagem física e humana. Sem perder o ar de boa vizinhança, a vila deixou de ter a magia dos encontros de outrora. Às portas do handover, o inesperado acontece e põe à prova quem escolheu a "vila" como morada. Com um toque de comédia, o encenador e dramaturgo Miguel de Senna Fernandes faz assim a sua crítica às mudanças que têm ocorrido em Macau.

Programa em revista

O Macaco de Saudieu - Circus Baobab (Guiné-Conacri)
Teatro de Marionetas de Água Thang Long (Vietname)
Doming Lam e a Nova Música Chinesa - Orquestra de Macau
24 Preludes de Chopin e Chorale - Compagnie Marie Chouinard (Canadá)
O Sabor do Cappuccino - Centro de Artes Dramáticas de Xangai
A Magia de Brahms - Orquestra de Macau
Ala dos Namorados e Orquestra Chinesa de Macau
Vitorino e Septeto La Habana 99 (Portugal e Cuba)
Beleza Virtual - Teatro de Lavradores (Macau)
Gémeos Trocados - Associação de Ópera Chinesa dos Kaifong de Macau
Cenários da Europa Setentrional - Orquestra de Macau
Bazar do Bambu, actuações ao ar livre
Vila Paraíso - Grupo de Teatro Dóci Papiáçam di Macau
O Melhor de Image 2006 – Theathe Image (República Checa)
Exposição Anual de Artes Visuais de Macau 2006
Os Pés de Lótus Dourado - Companhia de Ópera de Pequim de Wuhan
Balagan - Circo Extravaganza (Alemanha)
Lúčnica - Ballet Folclórico Nacional da República Eslovaca

Open the Door for an International Legal Career

enroll in

Master and Postgraduate of Law in 2006/2007

European Union, International & Comparative Law

The Faculty of Law, University of Macau invites applications for its unique international programs which are aimed at training and creating legal experts for a global career.

The Features

- *Taught by distinguished full-time and visiting professors from diverse parts of the world including Africa, Asia, Australia, Europe, South America and USA.*
- *Learn in an international environment with a mix of Oriental, European and International Students.*
- *Choice to obtain a postgraduate qualification in one year or to expand further.*
- *Opportunity to enhance your legal research, language and writing skills to match international standards.*
- *Suitable class hours to enable working students to enrol and qualify.*
- *Offered by a University with international standards and reputation, which enjoys exchange agreements with leading universities worldwide.*
- *Offered at a place, where Chinese, Civil and Common Law traditions closely interact, providing opportunities for a stimulating learning experience.*
- *Choice of topics includes EU Institutional and Trade Law, Common Law as in UK, USA and Australia, WTO and Trade Law, International Criminal Law, International Law of Transactions, Chinese Law, Hong Kong Law and Comparative Legal Systems.*
- *Proximity to explore legal traditions and legal markets in China, Hong Kong, Macau and Asian region.*

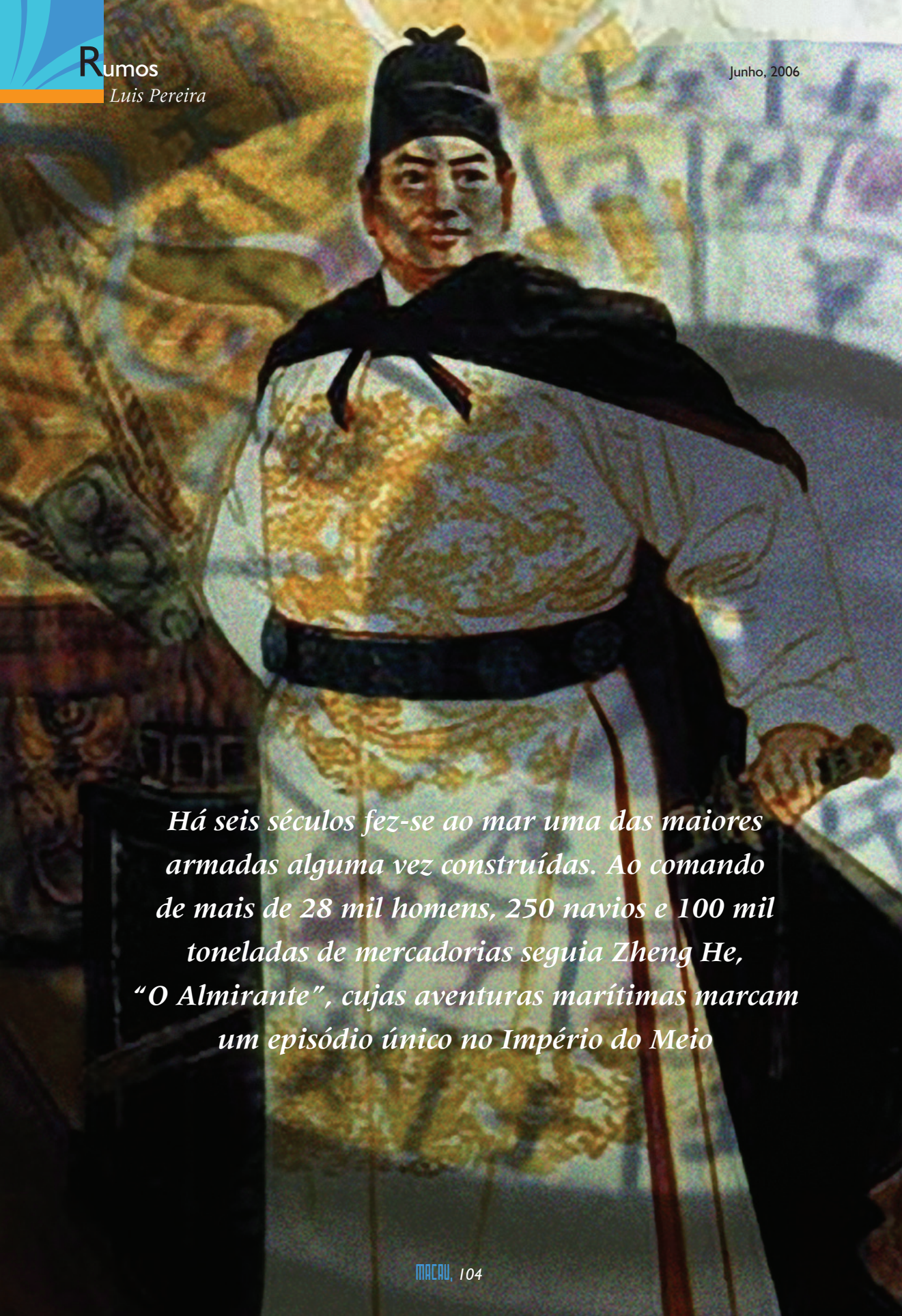
How to Apply

Submit completed applications and other documents to the Registry, University of Macau, Avenida Padre Tomás Pereira, Taipa, Macau.

Further Information:
Email: fll.enquiry@umac.mo - Phone: (853) 3974797 Fax: (853) 3974798

University of Macau
Faculty of Law

www.umac.mo/fll/master



Há seis séculos fez-se ao mar uma das maiores armadas alguma vez construídas. Ao comando de mais de 28 mil homens, 250 navios e 100 mil toneladas de mercadorias seguia Zheng He, "O Almirante", cujas aventuras marítimas marcam um episódio único no Império do Meio

Zheng He
o explorador chinês

Quase um século antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia, por Vasco da Gama, e de Pedro Álvares Cabral ter chegado ao Brasil, Zheng He, um eunuco imperial, dava inicio à aventura oceânica chinesa. Ao longo de sete memoráveis expedições marítimas, entre 1405 e 1433, aquele explorador articulou toda uma diplomacia económica que estendeu a influência da Dinastia Ming do Índico ao Pacífico, desde Pequim até à costa oriental de África.

"O Almirante", denominação que ficou para a História, não só recolheu a vassalagem e tributo de suseranos e criou uma extensa rede de escoamento dos mais apreciados produtos chineses – porcelana e a seda, por exemplo – como ainda difundiu a tecnologia náutica da época. No regresso das suas viagens, maravilhava a corte trazendo novidades como a primeira girafa que o Império avistou.

Contudo, escassos registos dos feitos de Zheng He, ou do que hoje se denomina por período dos descobrimentos chineses, sobreviveram até aos nossos dias, fazendo deste um dos episódios mais polémicos e menos conhecidos do Império do Meio. Aliás, só agora, 600 anos mais tarde, o nome de Zheng He começa a ser reconhecido, tanto dentro como fora da China, que no ano passado promoveu o primeiro programa de comemorações da partida da primeira armada do "Almirante" – lançado a 11 de Junho – fazendo coincidir a data com as celebrações do Dia do Mar.

De acordo com o grupo mais consensual dos académicos chineses, os motivos que terão levado a "afundar" um dos apogeus do Império prendem-se com as próprias origens e motivações dos descobrimentos chineses. A aventura oceânica foi fruto da visão de um suserano que, tendo tomado o trono pela via das armas, abandonou o modelo económico tradicional chinês, assente no isolamento e na auto-subsistência agrícola, pelo qual a China se pautara ao longo do seu percurso civilizacional. A mudança - neste caso particular, uma verdadeira "revolução comercial" - ainda que encetada pelo Trono do Dragão, contradizia uma postura tradicionalmente confucionista, onde imperavam a virtude, a ordem e a estabilidade social na qual cada indivíduo construía o bem comum. Importantes historiadores chineses descrevem a época como o nascimento de um "capitalismo incipiente".

Diplomacia económica

O estudo dos poucos documentos históricos que sobrevivem, como os "Anais Verídicos da Dinastia Ming" ou a estela (pedra erguida para marcar o desembarque) trilingue que Zheng He deixou no Sri Lanka, levam os historiadores a crer que o mote inicial das expedições terá sido a validação do trono imperial. Zhu Di, ou Yongle, como também era conhecido, tornou-se o terceiro imperador da Dinastia Ming em 1402, na sequência de uma sangrenta rebelião contra o seu sobrinho, Jianwen, legítimo herdeiro do trono. A fragilidade da ascensão terá incitado o imperador a legitimar a sua ocupação do trono, no interior do país, junto de outras nações e na diáspora chinesa, bem como aos olhos dos seus antepassados e do "Reino dos Céus". Depois de garantir a retirada das hostes mongóis, para Norte,

o visionário imperador desencadeou um monumental projecto de obras públicas: reconstruiu o Grande Canal, revitalizando o comércio entre os extremos ricos do país; transferiu a capital de Nanquim para Pequim, onde construiu a Cidade Proibida; recuperou e estendeu a Grande Muralha... Para financiar a reconstrução do país, destroçado por décadas de guerras, recuperou a lucrativa rota da seda, à época controlada pelos mongóis. Cercado por terra, Zhu Di investe no mar, construindo uma monumental armada, comparável à frota nipónica do Pacífico, durante a II Grande Guerra Mundial.

A 11 de Junho de 1405, a armada comandada pelo almirante Zheng He faz-se ao mar tendo como principal missão a captura de Jinawen. Todavia, teria já projectado a conquista de rotas comerciais, bem como o estabelecimento de uma vasta rede de tributários que, pela primeira e única vez na História, incluiu a vassalagem do Japão, com quem as trocas comerciais aumentaram exponencialmente. No seu apogeu, esta estratégia rendeu à China o tributo de mais de 30 soberanos ao longo de todo o Sudeste Asiático, estendendo a sua presença até à costa oriental de África. Por um lado, prestar vassalagem ao Império do Meio era minimizar as probabilidades de uma investida por parte da sua poderosa armada; por outro, cair nas boas graças do imperador poderia garantir que os barcos do tesouro fariam ali escala no percurso das suas expedições, com todas as vantagens comerciais daí decorrentes.

Justiça histórica

Na proa das expedições chinesas perfilava-se Zheng He, "O Almirante". Natural da província de Yunnan, a sul da fronteira ocidental chinesa, Zheng He nasceu com o nome islâmico de Ma He. Filho de um oficial rural ao serviço da linhagem Yuan, capturado aos 12 anos de idade durante a campanha militar contra os mongóis, Ma He acabaria por ser castrado para servir na corte imperial onde se tornou amigo de infância e confidente do futuro imperador. Mais tarde, reconhecendo a fidelidade e o valor do seu vassalo, tanto em combate como nas intrigas da corte, o imperador honra-o com o nome chinês de Zheng He – tornando-o no mais influente dos seus eunucos e nomeando-o para supervisionar a construção e chefiar a "Frota do Tesouro".

O próprio almirante foi também parco nos relatos pessoais, deixando caminho aberto a especulações em torno da sua figura – matéria-prima com a qual foram elaboradas lendas e narradas epopeias. Os poucos testemunhos que deixou retratam o seu manifesto desejo de seguir os seus antepassados na peregrinação a Meca, mas também o ecumenismo que sempre praticou. Recolhendo a bênção de Alá, "o Único", e de Maomé, o seu profeta, jamais descurou Mazu, a deusa chinesa do mar, em honra de quem eram mantidos acesos fogareiros de incenso em todos os navios das suas expedições. Por outro lado, terá respeitado sempre todas as crenças com as quais se foi deparando ao longo das suas viagens. Hoje é venerado como divindade na Indonésia, onde foram erguidos templos em seu nome; continua a ser celebrado anualmente em Singapura e Malaca; e é ainda recordado com algum temor no Sri Lanka. De resto, deu-se aí a única grande batalha em terra na qual se envolveu Zheng He, que depôs um rei envolvido em constantes conflitos internos e entronou outro, disposto a prestar vassalagem à China. Foi, na altura, a forma que encontrou para restabelecer a paz e, com ela, fomentar o comércio.

É a personagem multifacetada d'O Almirante, diplomata, comerciante e soldado que, de acordo com Ieong Wan Cheong, delegado à Assembleia Popular Nacional e coordenador de projectos de investigação na Universidade de Macau, vários historiadores chineses e estrangeiros tentam agora colocar "pelo menos no mesmo plano" de grandes exploradores como Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral. O assunto foi de resto abordado no decorrer de um seminário em Macau, em finais de

2005, onde esteve patente uma exposição alusiva às sete viagens de Zheng He, enquadrado no programa de comemorações do 600 aniversário da partida da armada.

Cidade flutuante

"O Almirante" partiu na sua primeira viagem ao comando de uma armada construída especialmente para impressionar os povos visitados. Mais de 28 mil homens, entre os quais embarcaram diplomatas, cientistas, sacerdotes, negociantes e soldados; mais de 100 mil toneladas de mercadorias – incluindo a muito apreciada porcelana Ming – fizeram a travessia em 250 navios até Calecute, na costa ocidental da Índia. O almirante viajava a bordo do maior dos célebres navios do tesouro (baochuan) – embarcações com mais de 120 metros de comprimento e 50 de largura, manobradas por mil marujos. Jamais voltaria a ser construída em madeira semelhante estrutura, cujo convés albergaria, em perfil, pelo menos cinco das caravelas portuguesas que se fizeram aos mares muitas décadas depois. Outra marca distintiva dos baochuan era a sua divisão em compartimentos estanques, o que aumentava a sua navegabilidade e capacidade de armazenamento, permitindo inclusive manter viveiros de peixes, para além da facilidade de acesso ao casco para reparações.

O Imperador Zhu Di (Yongle)

A vida a bordo de um destes colossos marinhos era em tudo idêntica à de uma cidade: cumpriam-se rituais religiosos, os copistas actualizavam os seus mapas, os astrólogos estudavam os astros, os mestres elucidavam os discípulos e os guardas impunham a ordem. A sua real dimensão foi motivo de aceso debate até 1962, quando foi encontrado no leito dos estaleiros imperiais um leme com cerca de 11 metros de comprimento. Calculada a proporcionalidade deste leme, percebeu-se que terá pertencido a uma embarcação com cerca de 160 metros de comprimento. A escolta dos navios-tesouro era assegurada por um número de embarcações menores e mais velozes, munidas com arpões e canhões de pólvora. Outras embarcações asseguravam ainda o transporte de tropas, animais, estufas de vegetais e água potável, o que permitia longas travessias em alto mar sem reabastecimento.

A expedição foi coroada de êxito, tendo a armada regressado a transbordar de mercadorias exóticas e trazendo vários dignitários estrangeiros e seus tributos, para além de um prisioneiro muito especial: o pirata chinês Chen Zuyi, que ameaçava a navegação ao largo do arquipélago indonésio, impedindo o florescimento do comércio regional. Ao fim da terceira viagem estavam já restabelecidas várias rotas comerciais e praticamente esquecido o mandado de captura contra o antigo imperador, Jianwen, que nessa altura se suspeitava que estaria a percorrer o país disfarçado de monge.

Porém, segundo os registos oficiais, os lucros da "Rota do Tesouro" não cobriam sequer uma pequena parte dos

Primeira expedição
1405-1407
62 navios do Tesouro
28.000 homens
Destino - Calicute
Escalas – Qui Nhon (actual Vietname), Surabaia (Java), Palembang (Sumatra), Malaca (Malásia), Ilhas Nicobar, Sri Lanka, Calicute

Segunda viagem
1407-1409
27.800 homens
48 navios do Tesouro
Destino - Calicute
Escalas – Qui Nhon, Sião (Tailândia), Temasek (Singapura), Borneo, Sumatra, Malaca, Aché, Calicute.

Terceira expedição
1409-1411
30.000 Homens
48 navios do Tesouro
Destino - Calicute
Qui Nho, Sião, Palembang, Surabaia, Malaca, Java, Aché, Sri Lanka, Colão (no Malabar, Índia) e Cambaia (no Gunjerate, Índia), Galle (Sri Lanka), Calicute

Quarta expedição
1413-1415
27.670 homens
63 navios do Tesouro
Destino – Sofala
Escalas Qui Nhon, Palembang, Surabaia, Malaca, Aché e Sri Lanka, Ilhas Maldivas, Calcute, Angediva (ilha frente a Goa, Índia), Calicute, Ormuz, Aden, Jedá, Bengala, Melinde, Quilon, Mogadíscio, Brava, Kilwa, Sofala.

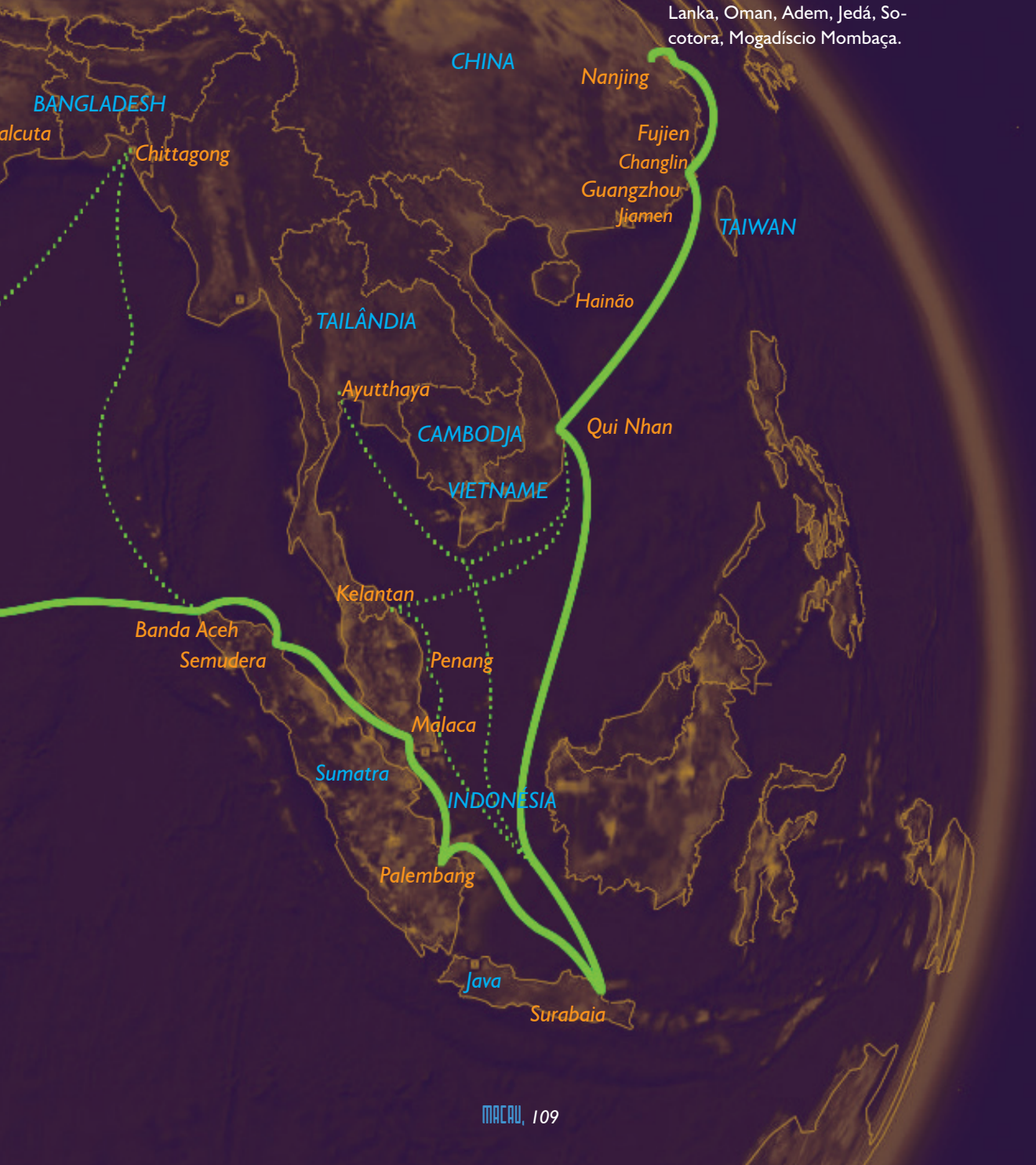
IRÃO
Ormuz
ARÁBIA SAUDITA
Meca
OMÃ
IÉMEN
Dho far
Aden
Mukalla
SUDÃO
SOMÁLIA
QUÉNIA
Mogadíscio
Baraawe
Malindi
Mombaça
TANZÂNIA
MOÇAMBIQUE
INDIA
Calicute
Cochim
Quilion
Jafna
SRI LANKA
Colombo
Galle
MALDIVAS

Jamais voltaria a ser construída em madeira estrutura semelhante ao "Barco do Tesouro" , cujo convés albergaria, em perfil, pelo menos cinco das caravelas portuguesas que se fizeram aos mares muitas décadas depois.

Quinta expedição
1417-1419
Destino – Mombaça
Escalas – Qui Nhon, Sumatra, Malaca, Sri Lanka, Ilhas Maldivas, Ormuz, Oman, Adem, Jedá, Socotorá, Mogadíscio, Mombaça (costa Oriental de África)

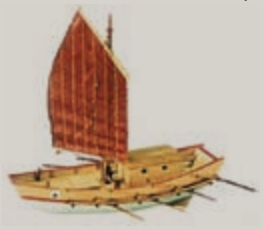
Sexta expedição
1421-1422
41 navios do Tesouro
Destino - Mombaça
Escalas – Qui Nhon, Sião, Malaca, Aché, Socotora, Bengala, Maldivas, Sri Lanka, Oman, Adem, Jedá, Mogadiscio, Mombaça.

Sétima expedição
1431-1433
(reinado do quinto imperador Ming, Xuande)
100 barcos
27.550 homens
Destino – Mombaça/Meca(?)
Escalas – Qui Nhon, Surabaia, Palembang, Malaca, Aché, Sri Lanka, Oman, Adem, Jedá, Socotora, Mogadíscio Mombaça.



A Armada

Machuan (Transporte de Cavalos)



Shuichuan (Transporte de água potável)

Zhanchuan (Barco de guerra)

Baochuan (Barco do Tesouro)

Liangchuan (Transporte de mercadorias)

Zuochuan (Tansporte de tropas)

Luchuan (Barco de patrulha)

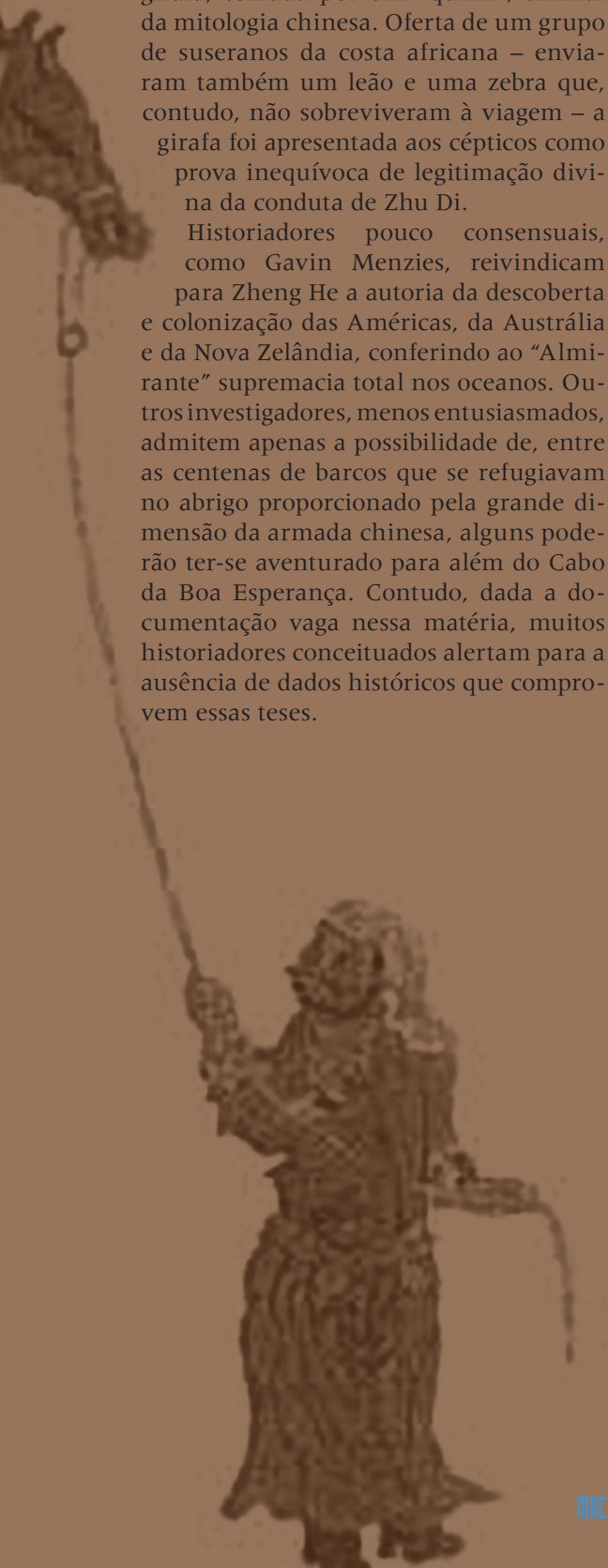
dispendiosos empreendimentos que decorriam no interior do país, viabilizados mediante a imposição de elevados impostos e o esvaziamento continuado dos cofres do Império. Os grandiosos projectos de Zhu Di perturbaram o frágil e delicado equilíbrio das forças tradicionais confucionistas, que reclamavam o fim dos gastos megalómanos com as expedições, por não discernirem de que forma nações tecnologicamente "inferiores" poderiam contribuir para o virtuoso Império do Meio. Esta facção propunha em alternativa a promoção de uma agricultura doméstica e a pureza social, por via do isolamento, criticando os gastos com o comércio marítimo.

Legitimação divina

Durante o seu reinado de 22 anos, Zhu Di terá sistematicamente procurado um sinal divino que legitimasse a sua conduta como imperador. Sinal, esse, que chegou em 1416 à corte Ming – na altura já frequen-

tada por dignitários de todos os cantos do mundo conhecido – sob a forma de uma girafa, tomada por um "quilin", animal da mitologia chinesa. Oferta de um grupo de suseranos da costa africana – enviaram também um leão e uma zebra que, contudo, não sobreviveram à viagem – a girafa foi apresentada aos cépticos como prova inequívoca de legitimação divina da conduta de Zhu Di.

Historiadores pouco consensuais, como Gavin Menzies, reivindicam para Zheng He a autoria da descoberta e colonização das Américas, da Austrália e da Nova Zelândia, conferindo ao "Almirante" supremacia total nos oceanos. Outros investigadores, menos entusiasmados, admitem apenas a possibilidade de, entre as centenas de barcos que se refugiavam no abrigo proporcionado pela grande dimensão da armada chinesa, alguns poderão ter-se aventurado para além do Cabo da Boa Esperança. Contudo, dada a documentação vaga nessa matéria, muitos historiadores conceituados alertam para a ausência de dados históricos que comprovem essas teses.



O fim da aventura

O "divino" voltaria a manifestar-se, dessa vez de forma nefasta, pouco depois da partida da sexta expedição, em 1421. Uma violenta trovoada incendiou os principais pavilhões da Cidade Proibida, reclamando a vida, entre outras, da concubina real. E o velho imperador, que até ao fim dos seus dias provara a sua astúcia nas manobras da corte e nos campos de batalha, acabaria por sucumbir à doença, quiçá transtornado por esse sinal de desaprovação.

Zheng He, sempre coadjuvado pelos eunucos na capitania da armada, faleceria três anos mais tarde, ao largo da costa indiana, no regresso da sua sétima e derradeira expedição – a que mais destinos percorreu, incluindo possivelmente Meca – já sob o reinado do quinto imperador Ming, Xuande.

O coro de protestos que acompanhou esta viagem, aliado à circunstância da morte do almirante, acabaria por ditar o desfecho prematuro da aventura chinesa no Índico. Os sucessores de Zhu Di acabariam por "regressar às origens" e render-se à tese da auto-suficiência agrícola defendida pela escola confucionista, avessa ao investimento na política externa. Caía assim por terra a "revolução comercial" baseada na exportação de produtos chineses que chegavam à costa pela recuperada rede de canais fluviais.

Receando o ressurgimento das expedições, foram queimados os registos e os vestígios da epopeia marítima, dificultando os estudos desse período. As rotas comerciais foram abandonadas e circulou um édito imperial proibindo a construção de embarcações de capacidade oceânica. Essa ordem, defende Jared Diamond, autor do best-seller *"Guns, Germs, and Steel: The Fates of Human Societies"*, terá "impossibilitado o país sequer de equacionar, posteriormente, a recuperação da supremacia marítima". ■

O caminho do PORTUGUÊS no ORIENTE

PORTUGUÊS, V séculos de língua e cultura no Oriente, continuados através do IPOR.

Preservar e difundir a língua e a cultura portuguesa através dos seus cursos, manuais e outros materiais didácticos é um dos principais objectivos do Instituto Português do Oriente.
O IPOR promove ainda a difusão e a certificação da Língua Portuguesa na Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, República Popular da China, Tailândia e Vietname.

INSTITVTO PORTVGVÊS do ORIENTE

Venha aprender PORTUGUÊS no IPOR e obtenha a certificação reconhecida em Portugal

R. Pedro Nolasco Silva, 45 - 1º Macau • Tel: (853) 530227 • Fax: (853) 530277 • info.macau@ipor.org.pt • www.ipor.org.pt

Crescimento e exotismo

Um dos maiores **rappers** ***portugueses, esteve pela primeira vez em Macau, durante o Festival de Artes. Deixa-nos o testemunho de um primeiro olhar, cheio de surpresas***

Sempre tive muita curiosidade em visitar Macau. Já tinha ouvido muitas histórias mas não há nada como ver com os próprios olhos. Assim foi, em Março de 2006. As primeiras impressões foram muito enubladas, não só porque o tempo estava encoberto, mas também porque depois de tantas horas de viagem (e sem conseguir dormir) a percepção das coisas não é a melhor.

Macau é uma cidade de contrastes. Contraste entre e Ocidente e Oriente, contraste entre o moderno e o antigo. Fiquei impressionado porque tinha uma ideia de Macau que não correspondia à verdade. Imaginava uma cidade pequena, com prédios pequenos, e encontro uma cidade frenética, com prédios de fazer corar os de Portugal. E por falar em Portugal, confesso que esperava uma maior influência portuguesa. É verdade que letreiros e placas encontram-se em ambas as línguas (cantonense, português e, por vezes, inglês), mas a grande maioria não parece falar uma palavra de português (a calçada também é portuguesa, mas essa não fala). E muito prestáveis por sinal: um simpático vendedor no Mercado Vermelho que me indicou o melhor lugar para fazer compras - ele e o seu passarinho enjaulado. E o dono de um restaurante que se tornou a "cantina" oficial da comitiva. Falava bem o português e o restaurante servia muito bem.

Por outro lado, o que realmente foi novidade para mim foi a sensação de estar mesmo na China. Por todo o lado há o cheiro de comidas e condimentos exóticos, que mesmo de olhos fechados, nos indicariam que estamos na Ásia. Outra coisa que impressiona é a quantidade e a sumptuosidade dos casinos. Uns atrás dos outros e, pelo que me apercebi, há clientes para todos. Talvez seja a explicação para o desenvolvimento e fulgor da cidade, onde as novas construções crescem que nem cogumelos.

As lojas abertas até tarde, a parafernália de comércio, as ruas impecavelmente limpas e a quantidade de motociclos nas estradas são algumas das imagens que me vêem à cabeça quando penso em Macau.

Espero, em breve, ter a oportunidade de regressar a Macau e poder completar este texto com mais sensações e pormenores. Entretanto, para quem vai a Macau pela primeira vez, recomendo uma visita à Torre de Macau. No cimo dos seus trezentos e muitos metros, a vista é deslumbrante: Macau em todo o seu esplendor.

Viva Macau.

Bianca Lei

Tinha o Reino Unido como morada mas Macau cruzou-se de novo no seu destino. Bianca Lei regressava a casa "por razões familiares", deixando para trás os primeiros passos de uma carreira artística, alguns anos de investimento académico e profissional. Na bagagem viajava ainda o receio de não encontrar resposta às suas aspirações, mas não desarmou. Chegou, arregaçou as mangas e começou de novo.

"Trabalhei muito e nunca me arrependi de ter voltado a casa, onde pude olhar para a minha carreira artística de várias perspectivas. Aqui mais do que ser artista, posso ser curadora, professora, organizadora de eventos".

A sua obra reflecte cada vez mais a paisagem de Macau, "porque a relação entre as pessoas e o ambiente que as rodeia sempre foi um tópico que me interessou". Explora ainda as dificuldades da comunicação à distância. Também o que é paradoxal e ambíguo desperta a sua curiosidade. É um olhar de profunda reflexão que a artista exprime em instalações e vídeos. Já estiveram patentes na última Trienal de Cantão, no Reino Unido e na Coreia. Partilha agora essas visões na exposição "Microcosmos" do Museu de Arte de Macau até 18 de Junho.

Museu da História da Taipa e Coloane

Os chineses chamavam-lhe yamen (nga mun, em cantonês). Essa expressão significava, em chinês da dinastia Qing, "repartição do governo", que os portugueses conheciam como Câmara das Ilhas. O edifício de 1920, que foi o centro administrativo do governo municipal das ilhas, é morada do Museu da História da Taipa e Coloane desde o dia 7 de Maio. De traça portuguesa, alberga oito salas de exposição. Distribuídas por dois andares estão muitas relíquias históricas desenterradas em Coloane e objectos diversificados, oriundos das ruínas arquitectónicas da cave do edifício que provam o desenvolvimento das aldeias, religiões e cultura das ilhas. No segundo andar as salas repartem-se por diferentes temas como a história da antiga Câmara Municipal das Ilhas, a agricultura e o artesanato.

Ensaios sobre o Tao *de* Kwok Woon

Foi há cerca de três anos que Macau perdeu um dos seus mais notáveis artistas. Kwok Woon deixou uma obra de reconhecido valor. Os seus últimos trabalhos, alguns nunca antes expostos, estão patentes na Casa Garden. É em tom de homenagem que a Fundação Oriente lembra este importante nome das artes de Macau.

Casa Garden, Macau
até 28 de Maio

Grande Sertão: Veredas *de* Guimarães Rosa

O Museu da Língua Portuguesa já abriu as portas para celebrar um idioma comum a 200 milhões de pessoas. É na Estação da Luz, criada no século XIX em São Paulo, que nasce este ponto de encontro com a língua, a literatura e a história. A primeira mostra temporária do Museu da Língua Portuguesa homenageia os 50 anos de uma das maiores obras da literatura brasileira: "Grande Sertão: veredas", de Guimarães Rosa, com Maria Bethânia a ler as 14 últimas páginas do livro.

Museu da Língua Portuguesa, Brasil
Exposição temporária

Fotografias *de* Oan Kim e Frank Lei

A fotografia é uma das artes mais apreciadas pelo público de Macau e conta mesmo com muitos adeptos na região. Consciente disso mesmo a organização do Museu de Arte de Macau promove a partir do dia 16 de Junho uma mostra do coreano Oan Kim e do artista de Macau Frank Lei, ligado à direcção do alternativo *Old Ladies House Art Space*.

Museu de Arte de Macau
até 13 de Agosto

Arquipélago dos Bijagós, um Património a Preservar

Tem sido a gestão tradicional dos recursos naturais deste arquipélago situado ao largo da Guiné-Bissau o motivo da preservação da sua biodiversidade. Através das fotografias de Jean François Hellio e Nicolas Van Ingen e de objectos se desvenda a natureza extraordinária dos Bijagós. Uma mostra patente em Lisboa que apoia a candidatura do arquipélago a Património Natural e Cultural Mundial da UNESCO.

Museu Nacional de História Natural, Lisboa
até 30 de Junho

Caligrafia *de* Lampo Leong

Se no Ocidente a pintura se assume como uma sinfonia de cores, luz, textura e profundidade, na caligrafia chinesa o encontro entre a tinta e o papel de arroz é um momento derradeiro na expressão da alma do artista. Mais do que diferenças artísticas, são manifestações de duas culturas que Lampo Leong usa para criar uma nova linguagem das artes visuais e uma universalidade estética.

Centro de Indústrias Criativas, Macau
até 29 de Julho

A Cidade Ideal – Cidades Invisíveis *de* Rui Calçada Bastos

É um trabalho mais contemporâneo, individual mas universal. Toca a todos a arte de Rui Calçada Bastos, que se reparte entre Lisboa e Berlim. Em Abril, passou por Macau, onde tinha vivido durante mais de dez anos, para dar um workshop de vídeo, "um lançar de semente" a que o próprio espera poder dar continuidade. Agora junta-se a mais artistas, entre os quais Pedro Cabrita Reis, numa mostra na Polónia sobre a cidade. Calçada Bastos responde ao desafio com um vídeo *"The Mirror Suitcase Man"*.

Instalação *da* coreana Cha Min Young

Macau dá as boas-vindas à arte da Coreia no dia 14 de Julho. Cha Min Young é uma artista com muitas exposições e alguns prémios de gravura no currículo.

Casas-Museu da Taipa, Macau
até 3 de Setembro

História do Aço na Ásia Oriental

Com peças originais, algumas com mais de 2 mil anos de existência, esta mostra "é uma visitação à cultura metalúrgica que ainda hoje faz parte da nossa sociedade", descreve o macaense António Conceição Júnior, curador-geral desta exposição sobre o desenvolvimento da armaria na China, na Coreia, no Japão, nas Filipinas e no Sudeste Continental da Ásia.

Museu de Arte de Macau
até 6 de Agosto

EM MACAU E NÃO SÓ...

As Cinco Moradias da Praia da Esperança, *a partir de 19 de Maio*
Os Sentimentos da Natureza de Choi Su Weng, *até 11 de Junho*
Casas – Museu da Taipa, Macau

Excentricidades de Tianjin, *em Junho*
Pavilhão do Jardim de Lou Lim Ieoc, Macau

Needle Paintings de Shen Young, *a partir de 2 de Junho*
Galeria Art Beatus, Hong Kong

O Mundo dos Etruscos, *a partir de 9 de Junho*
Museu de Arte de Hong Kong

Exposição de Hermann Nitsch & Yang Shaobin, *até 11 de Junho*
White Space de Pequim

Esculturas de Lee Chinfai, *a partir de 14 de Junho*
City Hall de Hong Kong

Exposição de Han Qing, *até 18 de Junho*
Galeria Red Gate, Pequim

50º Aniversário da Associação dos Artistas de Macau, *até 2 de Julho*
Caligrafia e Gravação de Sinetes por Lok Hong, *até 17 de Setembro*
Galeria do IACM, Macau

Anafranil – vídeos de Li Mu, *até 5 de Julho*
Art Bank Space, Xangai

Arte Contemporânea Francesa de Niki de Saint Phalle, *a partir de 8 de Julho*
Pintura Contemporânea de Macau, *a partir de 14 de Julho*
Museu de Arte de Macau

O Desenhador Compulsivo de Abel Salazar, *até 17 de Setembro*
Centro Cultural de Belém, Lisboa

Pintura de Catherine Bjerke de Heredia, *a partir de 28 de Setembro*
Centro de Indústrias Criativas, Macau

Discos

Pele, *de* José Peixoto e Maria João

Desde "Carinhoso", lançado em 2002, que não se juntavam. À época, celebravam a música do brasileiro Pixinguinha. Desta vez, reúnem-se para lançar um conjunto de canções de José Peixoto com letras de Tiago Torres da Silva, de Eugénia de Vasconcellos e do próprio José Peixoto. Jazz de alta qualidade numa exploração de novos caminhos artísticos.

Zona Música, 2006

Guerrilheiro, *dos* Kussondolola

É um disco que promete agitar as águas da cena reggae portuguesa este Verão. "Guerrilheiro" reúne 13 temas carregados de mensagens espirituais de Janelo da Costa, o mais carismático elemento desta formação de Lisboa. Este é um registo de originais da primeira banda de reggae lusa, com expressão ao nível da comunidade dos países de língua portuguesa.

Zona Música, 2006

Outra Vida, *de* João Afonso

É quase uma "Outra Vida" musical. Ao fim de quatro anos de silêncio, João Afonso arrisca na mudança, convidando para o estúdio os sons do piano, da guitarra eléctrica ou do clarinete, além dos ritmos africanos que sempre pontuam os seus trabalhos. O registo inclui um tema inédito do tio José Afonso,"Bombons de Todos os Dias" e um poema do amigo Mia Couto, "Eco".

Vachier & Associados, 2006

Espectáculos

Através do Olhar, *de* Chris Marker

Chris Marker é cineasta, fotógrafo, escritor, poeta e viajante. É uma das figuras mais marcantes da cultura contemporânea francesa. "Através do Olhar de Chris Marker" descobre uma selecção de filmes do artista. Um ciclo que chega a Macau acompanhado por uma mostra interactiva intitulada "Imemória".

de 26 de Maio a 18 de Junho
Centro Cultural de Macau

"Pavilhão das Peónias", *pelo* Teatro de Ópera Kun de Suzhou de Jiangsu

É uma das mais belas produções de Ópera Kun, a mãe de todas as óperas chinesas. É um bom exemplo de como uma tradição tão antiga pode tocar o coração do público dos nossos dias. Com um elenco jovem e um guarda-roupa incrível, "O Pavilhão das Peónias" é uma referência na actual produção chinesa.

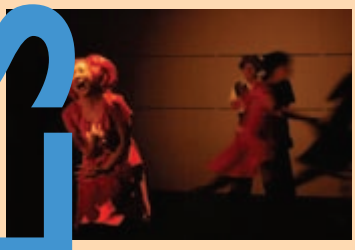
de 5 a 7 de Junho
Centro Cultural de Hong Kong

Rock in Rio Lisboa 2006

A "Cidade do Rock" está de volta. Há dois anos instalou-se em Lisboa e aí ganhou raízes. Era o maior festival de música do mundo, a primeira edição fora do Brasil. O Rock in Rio, uma ideia do brasileiro Roberto Medina, tem no cartaz nomes como Sting, Roger Waters, Red Hot Chili Peppers e Shakira. Também os Da Weasel, Rui Veloso e Carlos Santana compõem o alinhamento de estrelas.

dias 26 e 27 de Maio, 2 a 4 de Junho
Parque da Bela Vista, Lisboa

Teatro Delusio, *por* Familie Flöz



O teatro é uma das grandes apostas do Centro Cultural de Macau neste ano. A prová-lo está o convite à companhia alemã que cruza várias artes do espectáculo numa peça com cenas de amor ardente e lutas de cortar a respiração. Apesar do guarda-roupa elaborado, apenas três actores encarnam 29 personagens.

dias 29 e 30 de Julho
Centro Cultural de Macau

2006 ANO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL DE MACAU

Ao longo de quatro séculos e meio, viajantes vindos de todo o mundo têm visitado Macau...
em busca de aventura ou de refúgio...
de conhecimento ou de emoções...
de negócios ou de lazer.

Os visitantes de hoje, tais como os dos séculos passados, maravilham-se com esta forte herança e, descobrem pela cidade este legado cultural a razão de ser "O Centro Histórico": Património Mundial da UNESCO.

Num mundo de diferenças a diferença é Macau

Ruínas de S. Paulo

— O CENTRO HISTÓRICO DE MACAU —

macau

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo

Master and Postgraduate Program

International Business Law

2006/2007

The Faculty of Law of the University of Macau is starting in 2006/2007 a new graduate program in International Business Law, which is open to lawyers and non-lawyers. It offers a great opportunity for persons involved in business (whether in banking, insurance, trade, real estate, gaming or other sectors) to study the Macau and international law applicable to business transactions. The program has a flexible structure including various elective disciplines covering both international law, regional law and Macau law. The academic orientation is practical, and is designed to meet the needs of entrepreneurs and companies and their staff.

www.umac.mo/fll/ibl

University of Macau
Faculty of Law

For more information, please call: +853 3974795 or 397489 Fax: (853) 3974798

*José Rocha Dinis**

A face positiva da notícia

Tem sido uma questão recorrente em Macau, abordada por quase tudo o que é dirigente ou *opinion maker*, mas ninguém a terá colocado de forma mais expressiva que o então Governador Carlos Melancia quando afirmou que "os portugueses são autofágicos".

Na altura, Carlos Melancia estava em apuros devido a uma série de "escândalos" noticiados pelos jornais portugueses que conduziriam à sua saída de Santa Sancha, ainda que o tempo demonstrasse não terem a importância que lhes era atribuída. A "autofagia" dos portugueses (incluindo alguns em Macau que "alimentaram" os denominados escândalos) essa ficou provada, pois o território perdeu injustamente um dos governadores com maior sentido estratégico, ainda que algo *naif* quanto ao exercício do poder nesta zona do Globo.

Como ele, antes e depois, acompanhei o modo como excelentes e devotados dirigentes e técnicos foram "escovados", alegadamente devido a "meias verdades" ou "inverdades" absolutas sobre a sua actuação, a que a imprensa local e em Portugal deu à estampa, em sucessivas campanhas que objectivamente fragilizaram a presença portuguesa.

Como jornalista residente há quase um quarto de século, não fiquei imune a todas estas "campanhas", e se já fiz público mea culpa de certas situações em que "embarquei", nem por isso convivo comigo mais facilmente quando penso na ingenuidade com que me deixei levar, apesar de toda a experiência acumulada em anos de jornalismo em Lisboa.

Passei a ter muito mais cuidado, o que me levou a perder "fontes" que se mostraram sem credibilidade, e, em última análise, a fazer um jornal "sem graça", como perorava um assessor governamental até ficar irritado com um jornal "com graça" quando uma pequena local o envolveu de forma especulativa...

Passei também, e mesmo contra o "jornalisticamente correcto" (nos dias de hoje a tendência é só noticiar "o homem que mordeu o cão"), a equilibrar as notícias das pequenas "misérias humanas" que existem em todas as sociedades, com os pontos positivos do ser e estar português no mundo, em especial nesta histórica relação com a Ásia, que tanto nos engrandece.

E porque não se trata de uma mera estratégia, mas de uma convicção profunda, pessoal e profissional, não deverá surpreender que fique triste com as lacunas e problemas dessa relação e exulte com os êxitos que sevão conseguindo.

Por isso, foi com grande satisfação que nas últimas semanas tive oportunidade de reforçar a ideia do muito que se está a fazer em Portugal, sobre as relações entre o nosso país e a China, com Macau de permeio.

A nível económico, e através das "bases" lançadas pelo Fórum criado pela República Popular da China, para mais fácil contacto com os países lusófonos, está em curso um vultoso conjunto de acções concretas, que envolve as autoridades portuguesas responsáveis pela promoção, mas também os empresários dos mais diversos sectores. Porque "o segredo é a alma do negócio", sabe-se pouco dos negócios concretos realizados e em projecto, mas o ambiente generalizado de optimismo, entre empresários chineses, portugueses e dos países lusófonos não engana ninguém. Pela primeira vez, ao longo das últimas décadas é possível perceber que se passou das palavras aos actos.

Também a nível cultural, a *intelligentsia* portuguesa revela nova mentalidade. Apesar da escassez dos recursos financeiros, as universidades, institutos, fundações e outras instituições ligadas ao estudo das relações Portugal-Ásia estão bastante mais activos do que se poderia concluir pela leitura dos "media".

Semanalmente, há palestras, debates e mesmo lançamentos de novas publicações sobre a China, Macau ou as relações entre portugueses e chineses, umas ainda na perspectiva histórica onde tanto há para estudar em especial através da conjugação de fontes portuguesas e chinesas, mas muitas também visando objectivos mais dinâmicos, que ajudam à melhor compreensão da actual situação das duas sociedades e a previsível evolução dos seus diferentes sectores.

É trabalho, em quantidade e qualidade, que nos deveria levar a reflectir sobre os assuntos que chamamos para as primeiras páginas...

** Director do "Jornal Tribuna de Macau"*

Márcia Silva
"Sinto-me Africana"

Foto: Luís Almoster

– Porquê Macau?

– Sinceramente, Macau calhou! A Fundação Macau oferece aos países lusófonos bolsas de estudo para que os estudantes dos respectivos países tenham a oportunidade de vir a Macau licenciar-se no ensino superior. Eu fui apenas uma sortuda, cabo-verdiana, que conseguiu uma dessas bolsas.

– Do que mais gosta em Macau e porquê?

– O que mais gosto em Macau são as oportunidades que aparecem sempre quando a pessoa mais precisa. Aqui há uma coisa incrível, sempre aparece um part-time, uma ou duas pessoas que querem aprender português ou eventos culturais na qual diversas e diferentes culturas podem participar. As pessoas de Macau têm um fascínio pelo que é diferente e aderem às iniciativas, querem participar e colaborar. Não se encontra isso em muitas outras partes.

– Que reacções lhe provoca este rápido crescimento económico e as transformações?

– Às vezes até me choca. Macau é tão pequeno mas a cada dia esse rápido crescimento invade e toma conta de tudo e de todos. Sinto-me espantada mas ao mesmo acho que há uma bipolarização do bom e do mau deste rápido crescimento. O desenvolvimento de Macau passa pelo jogo e pelos casinos e a cada dia estão a ser construídos mais e mais casinos. Isso é bom porque há mais dinheiro a entrar, mas também arrasta consigo consequências negativas. Por um lado desenvolve-se Macau economicamente, mas por outro tem que se pensar no bem-estar dos seus residentes.

– Como é ser uma estudante lusófona de Comunicação na Universidade de Macau?

– É ser-se no mínimo diferente, mas também é ser e sentir-se única e prestigiada. Aqui entra justamente aquela dimensão intercultural de ambas as partes. Como já disse, as pessoas de Macau aderem às coisas e também aos outros com facilidade e, pelo facto de ser uma lusófona e diferente, optam por se aproximar e querer saber mais sobre mim.

– O rápido crescimento económico que Macau atravessa e o seu papel de plataforma preferencial entre a China e os Países de Língua Portuguesa poderá criar mais oportunidades para a juventude de Macau?

– É claro que sim. A juventude daqui está a acompanhar esse rápido desenvolvimento e está a par do que se passa. Num futuro próximo teremos o resultado desse próprio desenvolvimento que proporcionará aos jovens emprego e estabilidade. A posição de Macau em relação à Lusofonia trará aos jovens a oportunidade de abarcar e de serem identificados como parte de um outro mundo *mix*, desde África (PALOP), Europa (Portugal) e América (Brasil) e Ásia (Macau e Timor).

– Espera vir a exercer em Macau, na China continental ou regressará a Cabo-Verde?

– É pouco provável que fique em Macau. Adoro a minha família (os meus pais e irmãos) e não creio que vá ficar assim tão longe deles. Acho que Macau é um bom lugar para exercer, porque trabalha-se bem e ganha-se muito bem mas para mim há coisas mais importantes que o trabalho. Regresso para a minha terra ou vou para uma terra que me dê felicidade.

– Como descobriu a sua paixão pela música?

– Desde pequena sempre estive ligada à musica. Os meus dois irmãos mais velhos estavam sempre com a guitarra na mão e aquilo fascinava-me. Sempre gostei de cantar. A partir dos 15 anos comecei a cantar no coro da igreja da minha zona, na Cidade da Praia e aos 16 anos já era salmista. A música para mim é o meu conforto e o meu relaxamento. Não consigo estar sem ouvir uma morna, uma coladera ou uma bossa-nova. É algo quase inexplicável, é um prazer, uma necessidade. Acima de tudo é uma forma de expressar e atirar para fora o que está a mexer comigo.

– Qual é a sensação que experimenta quando toca, canta e dança?

– Sinto-me Africana. Porque a minha maneira de expressar é puramente africana. A voz, os acordes e os movimentos são exclusivamente negros e para mim não há coisa melhor.

– Quem gostaria de ver actuar em Macau?

– Cesária Évora! Sem dúvida!

– Quais são os seus outros grandes amores?

– A minha família, o meu namorado e os meus livros!

Shopping Liberty Mall
SC/Norte, Quadra CN 02
70710-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-0694
Pátio Brasil Shopping
SCS/B - Lote A, Nível 1
70307-902 - DF
Tel: +(55 61) 3323-6789
Park Shopping
SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE
Livraria Minerva
Rua Consiglieri Pedroso, 66/84
Maputo
Tel: +(258) 21 322 092
Mabuko
Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: +(258) 21 415 865
Europa - América (MOC), Lda.
Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL

Lisboa
Casa de Macau em Portugal
Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa
Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM
Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542
Livraria Nobel
Rua Azedo Gneco, no 60-R/C
Sto Condestável
1350-037 Lisboa
(Campo de Ourique)
Tel: +(351) 213869475
Porto
Livraria Latina
Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto
Tel: +(351) 22 200 12 94
Aveiro
Livraria Nobel Académica
Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro
Tel: +(351) 234421494

Espinho
Livraria Nobel
Avenida 24, 887
4500-201 Espinho
Tel: +(351) 227328210
R.A. Madeira
Funchal
Livraria Nobel
Rua Vale d'Ajuda-Monumental
Palace II - Loja F
9000-116 S.Martinho Funchal
RA Madeira
Tel: +(351) 291774036
Caniço
Livraria Nobel
Est. João Gonçalves Zarco, Caniço
Shopping, Loja 10
9125-018 Caniço
RA Madeira
Tel: +(351) 291933900/21

TIMOR-LESTE
Hotel Timor
Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: +(670) 723-2007

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 323660 Fax: + 853 323601

Nome: .....

Morada: .....

Telefone: ..... *Fax:* .....

E-mail: .....

Angola: 1,150.00 AON
Brasil: R$ 29.00
Cabo Verde: 1,200.00 CVE
Guiné Bissau: 7,000.00 XOF
Macau: 100.00 MOP
Mundo: US $13.00
Moçambique: 350,000.00 MZM
Portugal: € 10.00
S. Tomé: 94,000.00 STD
Timor: US $13.00

deltaedições

我們的使命是
盡心竭力服務市民，
提昇整體生活素質。

Ao IACM incumbe, porque essa é a sua missão,
esforçar-se na prestação de serviços ao público e elevar a qualidade de vida da população.

中區服務站
南灣大馬路804號
中華廣場二樓
電話 7952520
圖文傳真 711203

氹仔服務站
氹仔黑橋街
平民新村75K號
電話 825252
圖文傳真 827689

台山服務站
台山巴波沙大馬路127號
嘉翠麗大廈B座地下
電話 232660
圖文傳真 233012

黑沙環服務站
勞動節大馬路
黑沙環公園
電話 471366
圖文傳真 472857

Posto Central
Av. da Praia Grande, N. 804
Ed. China Plaza, 2° andar
Tel 7952520 Fax 711203

Posto da Taipa
Rua da Ponte Negra,
Bairro Social da Taipa, Nº 75K
Tel 825252 Fax 827689

Posto de Toi San
Av. Artur Tamagnini Barbosa Nº 127, R/C,
Edf. D. Julieta Nobre de carvalho, Bl B,
Tel 232660 Fax 233012

Posto da Areia Preta
Av. 1º de Maio,
Parque Urbano da Areia preta
Tel 471366 Fax 472857

市民服務熱線 Linha do Cidadão 337676
www.iacm.gov.mo
webmaster@iacm.gov.mo

07.10.2006 - 15.10.2006

MACAU 2006

第一屆葡語系運動會
1.os Jogos da Lusofonia

聯系同一語言,
雲集四大洲的體育聚會

4 Continentes, 1 Língua
UNIDOS PELO DESPORTO!

Portugal 葡萄牙
Cabo Verde 佛得角
Guiné-Bissau 幾內亞比紹
Guiné Equatorial 赤道幾內亞
São Tomé e Príncipe 聖多美和普林西比
Brasil 巴西
Angola 安哥拉
Moçambique 莫桑比克
MACAU, CHINA 中國澳門
Timor - Leste 東帝汶

www.macau2006.org

第一屆葡語系運動會籌辦委員會
Comissão Organizadora dos 1.os Jogos da Lusofonia

澳門氹仔體育路185-195號 ■ Rua do Desporto, n.º 185 - 195, Taipa Macau
電話 Tel: (853) 702006 ■ 傳真 Fax: (853) 712006 ■ 電郵 E-mail: cojol@macau2006.org